

VOLUME 9 - NÚMERO 1
JANEIRO/ABRIL - 1997

ISSN 0103-3786

Revolução informacional
Sociedade da informação



TRANS *in* FORMAÇÃO

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

 PUCAMP

Travessia

VOLUME 9 - NÚMERO 1
JANEIRO/ABRIL - 1997

ISSN 0103-3786

TRANS INFORMAÇÃO

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

 PUKCAMP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Prof. Pe. José Benedito de Almeida David

Vice-Reitor Administrativo

Prof. José Francisco B. Veiga Silva

Vice-Reitor Acadêmico

Prof. Carlos de Aquino Pereira

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Diretora

Edilze Bonavita Martins Mendes

Vice-Diretora

Maria Leontina C. P. Luiz Souza

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenadora

Cecília Carmen Cunha Pontes



TRANS *in* FORMAÇÃO

- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

CONSELHO EDITORIAL

Solange Puntel Mostafa (Presidente)
Cecília Carmen Cunha Pontes
Else Benetti Marques Válio
Geraldina Porto Witter
Maria de Cléofas Faggion Alencar
Silas Marques de Oliveira
Vera Sílvia Marão Beraquet

CORPO EDITORIAL

Aline Da Rin Paranhos de Azevedo (Museu Goeldi)
Cecília Carmen Cunha Pontes (PUCCAMP)
Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)
Fermino Fernandes Sisto (UNICAMP)
Geraldina Porto Witter (USP - PUCCAMP)
José Fernando Lomônaco (USP)
Kátia Maria Lemos Montali (UFsCAR)
Lea Velho (UNICAMP)
Maria de Cléofas Faggion Alencar (PUCCAMP)
Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)
Vânia Maria Hermes de Araújo (CIET)

Consultoria Ad-hoc para este número

Clarinda Rodrigues Lucas
Leila Lenk
Rosa Maria V. Bertolini Oliveira
Suzana Pinheiro M. Müller
Johanna W. Smit

Revisão de Língua: Else Benetti Marques Válio

Normalização: Ivanise Vitale Cardoso

Capa: Telma Cristina Witter

Copyright by TRANSFORMAÇÃO

A citação de partes de matéria publicada nesta revista (até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte.

ENDEREÇO

TRANSFORMAÇÃO

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUCAMP
Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Swift
Telefone/fax (019) 230-0981
13045-270 - CAMPINAS - SP - Brasil

TRANS *in* FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
v. 9, n. 1, janeiro/abril, 1997

SUMÁRIO

Editorial 9

TEMAS EM DEBATE: REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário 17

César Augusto Castro
Maria Solange Pereira Ribeiro

As duas crises da Biblioteconomia 26

José Teixeira Coelho Neto

Revolução informacional: pontos de vista para o debate sobre a sociedade da informação 32

Silvio Sánchez Gamboa

ARTIGOS

Revistas universitárias brasileiras: barreiras na sua produção 45
Ida Regina Chitto Stumpf

Ciência da informação e história: o caso do IBICT 58
Leilah Santiago Bufrem

Títulos de Dissertações de Mestrado: PUCCAMP e UFMG (1990/1994)	80
Elbe Benetti Sodek	
Rosanara Urbanetto Peres	
Maria Valéria Guimarães Pompêo de Camargo	
Ivania Aparecida Morche de Jesus	
Comparação do uso do CD-ROM por pesquisadores do setor espacial em duas instituições	93
Maria do Carmo de Castro Nogueira	
Elaine Nuci	
O cabeçalho de assunto da Rede Bibliodata/Calco: uso e recuperação na Base Acervus/Unicamp	110
Nirlei Maria Oliveira	
Maria das Dores Rosa Alves	
Gilmar Vicente	
Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil	124
José Augusto Chaves Guimarães	

RESENHA

Discussão e leitura	141
Geraldina Porto Witter	

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

Participação do Conselho Editorial de Transinformação nos vários tipos de textos publicados	149
Geraldina Porto Witter	
Solange Puntel Mostafa	
Ivanise Vitale Cardoso	

INFORMATIVO

Pesquisa sobre leitura e biblioteca (Summary, 1994/1995)	157
Geraldina Porto Witter	
Resumo do Projeto de Tese	161
Maria das Graças Targino	



TRANS *in* FORMAÇÃO

**QUARTERLY PUBLICATION
v. 9, n. 1, January/April, 1997**

CONTENTS

Editorial 9

CONTEST: INFORMATION REVOLUTION

Information society: dilemma to librarian 17

César Augusto Castro

Maria Solange Pereira Ribeiro

The two crisis of Librarianship 26

José Teixeira Coelho Neto

Information revolution: points of view to the debate of information society 32

Silvio Sánchez Gamboa

ARTICLES

Brazilian university journals: barriers on its production 45

Ida Regina Chitto Stumpf

Information Science and history: Ibict's case	58
Leilah Santiago Bufrem	
Titles of Master Dissertations: PUCCAMP and UFMG (1990/1994)	80
Elbe Benetti Sodek	
Rosanara Urbanetto Peres	
Maria Valéria Guimarães Pompêo de Camargo	
Ivania Aparecida Morche de Jesus	
CD-ROM use comparison by researchers in space science field at two scientific institutions	93
Maria do Carmo de Castro Nogueira	
Elaine Nuci	
The subject headings of the Rede Bibliodata/Calco: use and retrieval in the database Acervus/Unicamp	110
Nirlei Maria Oliveira	
Maria das Dores Rosa Alves	
Gilmar Vicente	
Modern information professional: some elements for its formation in Brazil	124
José Augusto Chaves Guimarães	
REVIEWS	
Discussion and reading	141
Geraldina Porto Witter	
RESEARCHES COMMUNICATIONS	
Participation of the Editorial Board members of Transinforma- ção in the various kinds of texts published	149
Geraldina Porto Witter	
Solange Puntel Mostafa	
Ivanise Vitale Cardoso	
NEWS	
Research about reading and library (Summary 1994/1995)	157
Geraldina Porto Witter	
Abstract of thesis project	161
Maria das Graças Targino	

EDITORIAL

Mais dois corajosos se apresentam para o debate aberto em Transinformação: César Augusto Castro e Maria Solange Pereira Ribeiro no texto "Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário".

O dilema foi analisado por dois intelectuais de matizes teóricas diferenciadas: José Teixeira Coelho Neto (USP) e Silvio Sánchez Gamboa (PUCCAMP), proporcionando-nos um instigante debate.

CASTRO & RIBEIRO põe-nos diante do seguinte dilema: o bibliotecário deve embarcar na auto-estrada da informação ou deve ficar no acostamento da super-via fazendo ação cultural entre os excluídos?

Para TEIXEIRA o bibliotecário que conhecemos formado na tradição universitária dos últimos anos, esse não vai para lugar nenhum; está fora da história. Fora de época e lugar. Nem pega o trem, nem fica na beira da estrada que é lugar de alto risco, o que exige também uma especialidade. Lugares, se houver, serão para os especialistas em informação, especialidade impossível de se adquirir num curso de graduação em Biblioteconomia.

Já GAMBOA não discute a qualidade do profissional, mas a qualidade das informações: as informações estratégicas ligadas ao desenvolvimento das forças produtivas são guardadas a sete chaves, enquanto que as informações patéticas e mágicas são democraticamente divulgadas. É que a palavra carrega um discurso, "... as informações estão carregadas de estilo de vida".

Pontuando o bom e o mau profissional e a boa e a má informação há em cada debatedor, uma concepção diferenciada de sociedade que o leitor terá o prazer de acompanhar.

Os demais artigos compõe as preocupações dos bibliotecários (agora especialistas) as quais giram em torno dos veículos de comunicação e das linguagens de representação. Preocupações que aparecem pontuadas com um marco histórico da pesquisa em ICT no Brasil, bem como uma projeção do novo, do moderno (profissional). Percebo então que há um olhar histórico, há olhares presentes nos instrumentos de trabalho e há um levantar a cabeça para olhar o novo, o moderno. Será que olhamos mal? TEIXEIRA observa: “não adianta olhar para lugar algum porque por toda parte se espalham os concorrentes da biblioteca, as vendedoras de acesso às redes e os vendedores de CD-ROM”.

Se a questão é essa, então há um elo de ligação entre TEIXEIRA e GAMBOA que parecia perdido. Há *links* aí. Há endereços interessantes para gravar no *bookmark* do leitor. No meu *bookmark* pessoal haverá uma necessária edição: gravarei como Revolução Informacional; mencionarei este excelente Lojkin citado por GAMBOA, mas sustentarei, ao lado do acento gambodiano no controle rigoroso e competitivo das informações estratégicas, que este controle está cada vez mais difícil de ser exercido. Se é verdade que uma revolução tecnológica de conjunto não se reduz à revolução do instrumento de trabalho, ainda que esta seja essencial, também é verdade que o instrumento de trabalho revolucionado mexe nas relações sociais de forma revolucionária.

E mexe também no jeito de aprendermos as coisas. Uma nova cognição está em curso; um novo programa de leitura se delineia. Aquilo que Lyotard já percebia na década de 70: a morte das narrativas ou de uma memória de longo prazo confirmada hoje pela tecla *Help* dos softwares que embute os manuais de instrução no próprio programa de computador, de tal forma que não é mais preciso memorizar versões anteriores. Aprende-se o novo sem recurso ao velho; o que TEIXEIRA talvez esteja querendo dizer quando afirma que “a informação não é mais insubstituível”.

Por isso mesmo, não vejo lógica mecanicista e nem finalista nas tecnologias como defende GAMBOA. Até por estarmos falando de tecnologias da inteligência.

Estamos sim vivendo os primórdios de uma revolução social por conta daquilo que Marx entendia ser o desenvolvimento **contraditório** das forças produtivas. Aqui o leitor se reconciliará com TEIXEIRA, por certo. E agradecerá a CASTRO & RIBEIRO pela excelente oportunidade de reflexão com que nos brindou.

Solange Puntel Mostafa
Editora-responsável
e-mail: solange@aleph.com.br

AUTORES: (pela ordem dos textos)

CÉSAR AUGUSTO CASTRO - Doutorando em Educação na USP, Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP e professor de Biblioteconomia da UFMA, Maranhão.

MARIA SOLANGE PEREIRA RIBEIRO - Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP e bibliotecária da UNICAMP.

JOSÉ TEIXEIRA COELHO NETO - Doutor em Comunicação pela ECA/USP, professor do Departamento de Documentação da ECA/USP e Coordenador do Observatório de Políticas Culturais, CDB/ECA/USP.

SILVIO SÁNCHEZ GAMBOA - Doutor em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP e professor do Curso de Pós-graduação em Educação da PUCAMP.

IDA REGINA CHITTO STUMPF - Doutora em Comunicação pela ECA/USP e professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFRGS.

LEILAH SANTIAGO BUFREM - Doutora em Comunicação pela ECA/USP e professora do Departamento de Biblioteconomia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR.

ELBE BENETTI SODEK - Mestre em Biblioteconomia, PUCAMP e tradutora.

ROSANARA URBANETTO PERES - Mestre em Biblioteconomia, PUCAMP e professora da Faculdade de Arquivologia da UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul.

MARIA VALÉRIA GUIMARÃES POMPÊO DE CAMARGO - Mestranda em Biblioteconomia, PUCAMP e Assistente-Técnica de Apoio à Pesquisa do ITAL, Campinas.

IVANIA APARECIDA MORCHE DE JESUS - Mestranda em Biblioteconomia, PUCCAMP e bibliotecária do Centro de Ciências Agroveterinárias da UDESC, Lages, Santa Catarina.

MARIA DO CARMO DE CASTRO NOGUEIRA - Mestre em Biblioteconomia, PUCCAMP e bibliotecária do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos.

ELAINE NUCI - Mestranda em Biblioteconomia, PUCCAMP e bibliotecária do Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

NIRLEI MARIA OLIVEIRA - Mestre em Biblioteconomia pela PUCCAMP e bibliotecária da UNICAMP.

MARIA DAS DORES ROSA ALVES - Especialista em Sistema Automatizado de Informação Científica e Tecnológica e bibliotecária da UNICAMP.

GILMAR VICENTE - Bibliotecário da UNICAMP.

JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES - Doutor em Ciência da Informação pela ECA/USP, professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UNESP e Tutor do Grupo PET/CAPES de Biblioteconomia da UNESP, Marília, SP.

GERALDINA PORTO WITTER - Livre-docente e professora do Curso de Pós-graduação em Biblioteconomia e Psicologia da PUCCAMP.

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA - Doutora, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia, Departamento de Pós-graduação, PUCCAMP.

IVANISE VITALE CARDOSO - Mestre em Biblioteconomia, PUCCAMP e Consultora em Sistemas de Informação.

MARIA DAS GRAÇAS TARGINO - Doutoranda em Ciência da Informação pela UNB.

TEMAS EM DEBATE:

REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DILEMA PARA O BIBLIOTECÁRIO

César Augusto CASTRO
UFMa

Maria Solange Pereira RIBEIRO
UNICAMP

RESUMO

Analisa-se alguns aspectos atinentes à Sociedade da Informação contrapondo-a com a esfera da Sociedade que encontra-se à margem do saber e do conhecimento. Neste contexto situamos a formação do bibliotecário.

Palavras-chave: Sociedade da informação; Bibliotecário-formação.

Com as novas tecnologias de informação/comunicação, a produção e circulação do conhecimento neste final de século aumentou vertiginosamente, dificultando o seu estoque e originando uma *Crise Informacional*, entendida como mudanças nos paradigmas do fazer científico e nas concepções sobre verdade. Tal fato, tem levado a diferentes e inúmeros questionamentos sobre a legitimidade e natureza do saber, na medida em que se perde o controle do que é produzido em espaços e tempos determinados. Para Baudrillard (1992, p.38) não há crescimento de informações, mas excrescência, um descontrole dos sistemas, ou seja, está ocorrendo, apesar do grande fluxo de informações, um espaço vazio de sentidos: *a crise*,

que entendemos como processo intermediário e necessário, para restituir a ordem. Caos/Ordem/Desordem são fatores imprescindíveis para regular os sistemas, regular a ciência, regular os homens, regular a vida. Estamos vivendo sobre: "A sombra de Dionísio, o deus dos 'cem rostos, o deus da versatilidade, do jogo, do trágico, do desperdício de si mesmo" (Maffersoli, 1995, p.80), das ambigüidades.

As ciências mudam de direção: se antes o interesse era entender a complexidade dos fenômenos, hoje interessa verificar os nadas, o cotidiano:

"Não convém esquecer, porém, que as rotinas da vida cotidiana não se reduzem àquelas do dia-a-dia e são elas próprias, às vezes, que preparam o tempo da sua interrupção, da festa. A divisão física e social do tempo (dia e noite, semanas, meses, anos), os ciclos da natureza e da vida impõe rotinas diferenciadas, diurnas ou intermitentes, à vida cotidiana. Além disso, a própria movimentação do homem nos espaços e nas esferas do cotidiano (centro, periferia, trabalho, lazer, e vida familiar) é complexamente influenciada pela ordenação sócio-cultural do tempo (Azanha, 1992, p.116-117).

A título de exemplo, das mudanças dos paradigmas investigativos das ciências, em especial, as chamadas sociais, podemos citar a histórica, que volta sua atenção para os fatos *insignificantes*: a pobreza, (Geremek, Bronislaw, em *Os Filhos de Caim*) a loucura, o sexo, (Foucault, em *História da Loucura* e *História da Sexualidade*), os pequenos homens (Ginzburg, em *O Queijo e os Vermes*), a cultura popular, (George Rudé e Bakhtin).

"... os historiadores [...] abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos, instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações de composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres" (Hunt, 1992, p.2).

O isolamento científico, tecnológico (e pessoal) cedem lugar para as disciplinaridades (inter, multi, trans) para a poliepistemologia, para o intercâmbio de informações e dados através dos chips. "Interneticamente" falando, pode-se sem sair de casa visitar o Vaticano, conhecer o Louvre, participar das novas descobertas

tas da ciência na França ou Estados Unidos e, até, manter relações íntimas com uma pessoas do outro lado do mundo. A única regra é o uso da criatividade.

Essa nova ordem científica desordenou o saber, desordenou as guardiãs e transmissoras desse saber (escolas, bibliotecas, museus, arquivos etc.). Os profissionais da chamada ciência da informação, deixam os tradicionais postos e vagueiam entre as "NET'S". Os conceitos e nomenclaturas perderam os seus domínios. As metodologias de investigação científica fragmentam-se, não é mais concebível encarcerarmos uma produção ou um intelectual em uma camisa de força: positivismo, marxismo, funcionalismo etc. Portanto, tudo exige uma (re)leitura, uma adaptação aos novos tempos. As teorias de Marx, Comte e, até, os apóstolos Mateus, Marcos e os demais, devem ser entendidos sob uma outra ótica, a ótica do terceiro milênio, da era pós-industrial e pós-moderna.

Essa ruptura com os velhos objetos da ciência não significa um abandono do passado, mas estes tomados sobre outras dimensões, perspectivas e discursos. Sem dúvida, estamos vivendo um novo ciclo de construção do conhecimento, que assume o valor de mercadoria, obedecendo as leis de oferta e procura:

"O momento é de negar os princípios da era industrial, provocando o abalo das teorias já consolidadas. Neste contexto da crise, desenvolve-se o conceito de sociedade do conhecimento como novo paradigma sócio-econômico. Surgem questionamento e polêmicas no âmbito das ciências econômicas, uma vez que os modelos conceituais vigentes - taylorismo, fordista, materialismo histórico -, não se adequam a essa orientação econômica, totalmente diversa da ideologia e princípios que fundamentam a sociedade industrial" (Borges, 1996, p.181).

Esse novo paradigma emergente que se processa em todos os aspectos da vida cotidiana, em especial nos campos da C&T,

"...tende a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até pouco tempo considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/ cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa" (Sousa, 1995, p.40).

As sociedades evoluíram e com elas novas determinações econômicas, informacionais e sociais estabeleceram-se até alcançarmos no presente a denominada Sociedade da Informação, onde:

"As cadeias da tradição são substituídas por cadeias de transferência da informação: a testemunha pelo documento e pela prova; a experiência, pela experimentação; o ancião e o viajante, pelas bibliotecas; os arquivos, os jornais, o rádio, a telecomunicação; a comunidade de interlocução da narrativa, pela solidão dos homens da informação" (Gomes, 1995, p.78).

No quadro abaixo, há uma tentativa de demarcarmos características das diversas sociedades, da primitiva à atual, denominada da informação/ conhecimento. Contudo, não se deve entender estas demarcações como contrapontos ou aspectos evolutivos, mas como fatores da relação do homem com a cultura em tempos e espaços determinados.

Sociedade Primitiva	Sociedade Feudal	Sociedade Industrial	Sociedade da Informação
<ul style="list-style-type: none"> • Natureza - fator de agregação; • Economia centrada na troca; • Informação localizada e rudimentar; • Atividades manuais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Terra - fator de agregação; • Economia agrícola e monetária; • Atividades manuais desenvolvidas e em sistema de cooperativas; • Informação localizada e centralizada em espaços determinados (mosteiros, universidades) e privilegiados (ensino humanista para os nobres e "subleitura/informação" - bibliothèque blue para a plebe). 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação homem-máquina; • Produção em série; • Economia capitalista; • Conhecimento tecnológico em detrimento do intelectual; • Relações de trabalho conflituosas; • Cidade no lugar de campo; • Mão-de-obra especializada em maquinários; • Informação sigilosa e "localizada"; • Redes e sistemas de informação nacionais; • Atividades profissionais centradas em empresas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação homem/ conhecimento; • Informação desterritorializada; • Inteligência humana X inteligência artificial; • Conhecimento determina as leis de mercado; • Economia neo-liberal; • Metalinguagens e Meta-informação; • Redes de sistemas de informação transnacionais; • Atividades profissionais destituídas do lugar físico. • Redes e sistemas de informação nacionais; • Atividades profissionais centradas em empresas.

A literatura no campo da Biblioteconomia nacional, (Araújo, 1995; Masuda, 1982; Barreto, 1994 e outros) e internacional (Belkin, 1978; Lancaster, 1994 e outros) se reporta a denominada Sociedade de Informação como dado concreto e estabelecido. Em parte não discordamos destes autores, no entanto, cremos que o que há em nossa realidade são *Núcleos Sociais de Informação*, restritos a espaços determinados como Universidades e outras Instituições de Pesquisa e, ainda, fortemente localizados, especialmente nas "regiões mais desenvolvidas". A sociedade brasileira caracterizada historicamente por alarmantes índices de desigualdades regionais, sociais, educacionais, culturais, provavelmente não nos permite, no momento, generalizarmos que estamos em uma sociedade de informação.

Ao lado da Sociedade da informação, há sem dúvida uma outra - a *Sociedade da Desinformação* - que pouco é retratada, porque aquela esconde esta, ou esta não é objeto do desejo da Biblioteconomia. Ao tratarmos da primeira, sem desviarmos o olhar para a "outra", construímos um discurso vazio de sentidos.

Notícias retiradas de jornais de grande circulação do Estado de São Paulo, evidenciam o porquê da colocação acima. Cabe ressaltar que estas notícias foram aqui resumidas:

Silvana, 17 anos, abandonada desde os 5 anos na Praça da Sé, faleceu de AIDS na noite de ontem em um hospital público da grande São Paulo, afirmou desconhecer preservativos.

João de Deus, lavrador, roubado em uma agência bancária ao entregar a sua senha escrita, em um pedaço de papel, a um jovem de 15 anos. Ao ser questionado pelo gerente afirmou que pediu ajuda por não saber ler.

Estes são apenas dois exemplos, mas poderíamos citar vários. Provavelmente a sociedade da informação não atingiu ainda, parte significativa da população brasileira. Este alcance só será possível na medida em que outras necessidades forem atingidas, quando o fosso das desigualdades estiverem minimizados: pobre/rico, sem terra/latifundiário, favela/mansão, alfabetizado/ analfabeto.

A relação sociedade da informação/desinformação, nos alcança cotidianamente nas ruas, nas praças públicas, nas conversas de bar e, contrariamente nas Universidades. De um lado, encontramos cientistas que descrevem com propriedade as mais recentes descobertas nos campos da biogenética, da física, da cibernética e em direção contrária, pessoas que não sabem sequer decifrar o código escrito, quadro que exige dos profissionais da informação, uma dupla e diferenciada atuação: atender a uns poucos, que constituem a sociedade da informação e à grande maioria, os *desvalidos infomacionais*. É evidente que se torna mais fácil lidar com o conhecido, menos problemático, ou com aquilo que nos dá mais reconhecimento e "status profissional".

Por outro lado, a formação destes profissionais por força das pressões curriculares, envoltas nos discursos da modernidade, centra-se na primeira sociedade, enquanto a segunda apresenta-se como diletantismo, coisa menor, dos pobrezinhos, como habitualmente ouvimos de alguns companheiros que se encontram imersos nas novas tecnologias, com os chips. Sem dúvida, há um imaginário, construído pelos e para os bibliotecários, de que as novas tecnologias da informação, engrandecem a profissão, resolvem velhos problemas de armazenamento e transferência do conhecimento. Este discurso serve para escamotear uma prática onde mudaram os meios, mas a essência é a mesma. Melhor dizendo, substituímos os velhos catálogos em fichas para as telas do computador, substituímos o empréstimo manual por códigos de barras. Em resumo, o que mudou? Provavelmente só utilizamos os novos recursos para agilizarmos as atividades.

Contudo, os serviços de referência continuam os mesmos, os acervos permanecem desatualizados, o empréstimo e a catalogação cooperativa entre bibliotecas ainda é uma realidade distante:

Embora seja verdade que desenvolvimentos tecnológicos colocaram algumas ferramentas novas dentro das bibliotecas e nas mãos dos bibliotecários, estas ferramentas não têm sido necessariamente usadas sabiamente ou com imaginação dentro da nossa profissão. Por exemplo, siste-

mas de circulação automatizados são vistos como equipamentos que economizam trabalho, e como meios de empréstimo de livros mais rápidos e mais baratos, e não como ferramentas importantes na análise e desenvolvimento de coleções; na verdade, catálogos on-line nada mais são do que catálogos de cartões em formato eletrônico. Não produzimos uma nova ferramenta, simplesmente automatizamos uma que já existia” (Lancaster, 1994, p.23).

A formação dos profissionais da informação, como qualquer outro campo, deve ter como matriz as mudanças operadas na sociedade, mas considerando também e, principalmente, a cultura, o contexto e as necessidades dos indivíduos. Para atender a emergência da sociedade da informação, que em parte, centra-se no uso e disponibilidade das novas tecnologias, é mister uma adaptação das técnicas de armazenamento e recuperação da informação, em especial, a indexação. O livro, ou melhor, os impressos em geral, aliam-se a outros materiais e suportes de informações. Daí as regras e códigos até então utilizados serem (re)vistos, (re)lidos, (re)adaptados, i.e., não adianta substituímos o serviço do homem pela máquina, é indispensável transformá-lo e adequá-lo. Neste sentido, a formação do bibliotecário ainda está presa ao passado – apesar dos discursos (pós)modernos e cibernéticos. As técnicas, práticas demarcadoras do campo da Biblioteconomia, não dão mais conta de responder as necessidades crescentes da C&T.

Por outro lado, para atender à sociedade da desinformação, deverão de ser revistas e incorporadas, novas questões, como metodologias de trabalhos comunitários, animação cultural, práticas estimuladoras de leitura, recursos e técnicas de alfabetização de jovens e adultos, dentre outras.

Talvez estejamos oferecendo a alguns a biblioteca Virtual e “internética” e para outros a biblioteca com paredes. Infelizmente, esta deve permanecer por muitas décadas do terceiro milênio, enquanto existirem jogos de interesse político, educacionais, sociais

e informacionais e, também, enquanto nós profissionais da informação, não virarmos nossa atenção para os *dois lados da mesma moeda*, ou seja, para a sociedade da informação e para a sociedade da desinformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa**, São Paulo: EDUSP, 1992. 201p.
- ARAÚJO, Vânia M. R. de. Sistemas de Informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ci. Inf.**, Brasília, v.24, n.1, p.54-76.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectivas**, São Paulo, v.8, n.4, p.3-8, out./dez. 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. Campinas: Papyrus, 1992. 185p.
- BELKIN, N. J. Information concepts for informations science. **Journal of Documentation**. v.34, n.1, p.55-85, 1978.
- BORGES, Monica Erichsen Nassif. A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v.24, n.2, p.171-180, 1995.
- GOMEZ, Maria Nélide G. de. A Informação: dos estoques as redes. **Ci. Inf.** Brasília, v.24, n.1, p.77-83, jan./abr., 1995.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 317p.
- LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. **R. Esc. Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p.7-27, jan./jun. 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 168p.

MASUDA, Y. **A sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: Rio, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Lisboa: Afrontamento, 1995. 58p.

ABSTRACT

This paper analyses some aspects regarding to the Information Society set against the layer of the society that is alongside the knowledge. In this context we try to situate the librarian background.

Key words: Information society; Librarian education.

AS DUAS CRISES DA BIBLIOTECONOMIA

José Teixeira COELHO NETO
USP

RESUMO

Discute em linguagem coloquial a inadequação do bibliotecário frente às novas tecnologias. Distingue duas crises na Biblioteconomia: uma fruto da revolução tecnológica e outra crise de mentalidade gerada pelo corporativismo e cristalização de papéis e representações sociais.

Palavras-chave: Crise na Biblioteconomia; Revolução tecnológica; Formação do bibliotecário; Educação do bibliotecário.

A crise da Biblioteconomia resulta em duas forças que sobre ela agem a partir de pontos de aplicação distintos.

Um ponto é externo à Biblioteconomia e se materializa em sua nêmesis declarada: a computação, que colocará em pouco tempo na casa de cada um de nós um terminal eletrônico de informação. Essa invasão silenciosa já começou, seu primeiro passo foi dado há mais de 40 anos quando se iniciaram as transmissões abertas de televisão. Sua cabeça de ponte é o aparelho receptor de TV, que funcionou como veículo para o segundo passo da invasão - a chegada da TV a cabo* - e que servirá de cavalo para o terceiro momento dessa transformação radical: o início das operações de receptor de multimídia (já existente), sensível às transmissões de TV aberta, TV a cabo,

() Para ter-se uma idéia da força dessa invasão, basta lembrar que na Argentina - que não é nenhum modelo de país desenvolvido - 53% dos lares já estão conectados a uma servidora de emissão a cabo.*

telefone e Internet, além claro, do CD-ROM. Tudo num único aparelho, tudo ao alcance do controle remoto. O mesmo botão que liga o novo horizonte da informação desliga a velha Biblioteconomia da *new age* informacional.

Estas alterações acabam com vários universos que antes eram da biblioteca - acabam, para usar palavra mais chique, com velhos paradigmas da Biblioteconomia. Acabam, por exemplo, com o paradigma do retiro: a biblioteca como um lugar à parte aonde se vai para obter informação e pesquisar, não tem mais razão de ser. O saber (quer dizer, a informação) era antes pretexto de um culto do qual a biblioteca era o templo físico. Esse culto foi laicizado - para não dizer profanado: não há mais um templo de informação, minha casa é esse templo, os deuses desceram do Olimpo e estão em minha casa, enquanto janto, converso, às 8 da manhã quanto às 3 da madrugada. Acabaram também com outro paradigma que sustentou amplamente a Biblioteconomia: o paradigma da raridade. Informação não é mais coisa rara: ela está por toda parte, em múltiplas formas. Custa dinheiro ainda, mas bem menos do que antes e cada vez menos. Informação não é mais coisa rara nem insubstituível: o que o documento X me diz, o Y me diz também quase da mesma forma ou de outra forma equivalente. E a informação não é mais insubstituível - a maioria das informações, em todo caso - porque não há mais uma verdade única: os caminhos que levam à fonte agora são inúmeros, não há mais guardas na fronteira para saber se você está de posse da identidade ideológica, teológica ou doutrinária correta e não há mais nem mesmo as fronteiras.

As informações não são mais insubstituíveis (portanto a biblioteca não é mais o templo único, nem o bibliotecário um oficiante sagrado) porque ao mesmo tempo em que a informação se multiplicava, antes mesmo de a informação começar a se multiplicar, uma revolução na ciência (na dura e na mole) abolira os monopólios do conhecimento, para o bem e para o mal. Encerrou-se também o paradigma do intercessor cultural, do qual o diretor de leituras jesuíta era uma manifestação e o bibliotecário, outra (não muito diferente...).

Não há mais espaço para aquele que escolhe o que se vai guardar, para aquele que sugere o que se deve ler: cada um de nós se transformou num guerrilheiro da informação, cuja arma é o

computador, e todos nós, cada um de seu lado, assediamos agora, via Internet, as fortalezas do saber - que só se mantêm incólumes quando há congestionamentos nos acessos (mas novos *softs* resolverão isso num instante). Estamos em plena fase do selvagismo informacional - e não serei eu a dizer que as pessoas "de todo modo ainda precisam ser orientadas para o que procurar" etc.: as pessoas sabem muito bem o que querem. Se não sabem, descobrem logo.

A Biblioteconomia perdeu esses paradigmas todos, essas bóias de demarcação, e não é que *não sabe* para onde olhar: *não adianta* olhar para lugar algum porque por toda parte se espalham os concorrentes da biblioteca, as vendedoras de acesso às redes e os vendedores de CD-ROM.

Deste cenário, não é exatamente que a biblioteca e o bibliotecário desaparecem - já. As bibliotecas continuam existindo - mas tendem a se transformar em centros de alimentação de bases de dados informatizadas ou em bibliotecas virtuais. E os bibliotecários continuam existindo - mas um bibliotecário, não mais do que um, é capaz de "tocar" agora uma imensa biblioteca informatizada, como já acontece no Japão.

As empresas vão continuar precisando de bibliotecários (documentalistas) para organizar seus estoques de informação. Mas não há como minimizar o fato de que as companhias de informação preparam cada vez mais pacotes prontos que qualquer executivo pode manipular, ele mesmo, e atualizar. Não há tampouco como esconder que essas companhias ainda vão contratar bibliotecários para organizar os dados que venderão em pacotes - mas não contratarão só bibliotecários e, pior, contratarão cada vez menos bibliotecários e cada vez mais especialistas em domínios bem definidos e que, *incidentalmente*, também dominem as técnicas de Documentação e Biblioteconomia (nas quais aliás se instruem em algumas poucas semanas...)

A SEGUNDA CRISE DA BIBLIOTECONOMIA

E aqui se consegue ver a sombra da segunda força que anima a crise da Biblioteconomia, a força que lhe é aplicada a partir

de seu próprio interior - a força que ela mesma se aplica. Uma força específica ao caso brasileiro ou, em todo caso, uma força, um vírus, que não ataca todo o mundo igualmente. Essa força se origina dentro do processo de formação do bibliotecário no Brasil e tem um fortíssimo aliado no *esprit de corps* da profissão. O bibliotecário que se forma hoje no Brasil é um bibliotecário generalista que descobre cada vez mais que não detém nenhum conhecimento específico - porque esse conhecimento, essa tecnologia, está ao alcance imediato do primeiro que apresentar. A universidade durante muito tempo acompanhou o mercado que, no caso da Biblioteconomia, andava a passos de tartaruga. De repente, o mercado começou a dar saltos quantitativos e qualitativos a cada ano, depois a cada mês, depois a cada semana - e isto não é força de expressão.

A universidade não tem mais como acompanhar esse mercado no varejo: não pode comprar tão rapidamente quanto necessário as novas máquinas e os novos programas, não pode contratar os técnicos que saibam operá-los (professor-pesquisador não é exatamente para isso), não pode pôr no mercado, com a rapidez que o mercado exige (com a rapidez que o próprio mercado forma técnicos de que precisa), profissionais capazes de atender ao que o mercado deseja - pois a universidade tem de segurar esse pessoal dentro de seus muros por 4 longos anos. Não pode portanto acompanhar o mercado no varejo mas pode fazê-lo no atacado. E o atacado, em informação, é a especialização. Em outras palavras, para a Biblioteconomia abrem-se agora claramente dois campos: o da mão de obra pouco qualificada, que deveria ser preocupação de um curso técnico e não da graduação a ser oferecida aos profissionais de toda origem que queiram passar por um treinamento capaz de habilitá-los para o tratamento da informação em bem menos tempo dos que os atuais 4 anos gastos (gastos, é a palavra) na graduação.

Mas a universidade brasileira - quer dizer, nós - ainda não teve coragem para dar esse passo que corrigirá, com décadas de atraso, um desvio de rumo que deveria ter sido adotado há muito tempo. E os sindicatos dos bibliotecários, cegamente, tampouco apressa o passo da universidade... A atual pós-graduação em

Biblioteconomia não resolve o problema: ela é ultra-rarefeita (para não dizer que se define por procurar constantemente pêlo em ovo) e raramente se coloca problemas epistemológicos (é quase sempre aplicação de métodos consagrados que, na verdade, não precisam passar por mais nenhuma experimentação para demonstrar sua pertinência).

Essa pós-graduação não precisa acabar, há espaço para a pesquisa pura ou abstrata também em Biblioteconomia. Mas precisa ser complementada. E, antes, modificada. E, antes ainda, abrir-se. Os estudos de Biblioteconomia estariam, desse modo, aparentemente, na contra-mão do caminho atual da Universidade: já se sabe que é necessário garantir ao estudante universitário, seja qual for a especialidade por ele escolhida, uma formação e uma informação ampla de base humanista, que a universidade não mais fornece mas que deve voltar a fornecer. E esse estudante, antes de mergulhar nas profundezas de especialidade, deve na verdade ser capaz de mostrar-se suficientemente flexível (portanto, generalista) para poder enfrentar um mercado de trabalho sempre cambiante.

De outro lado, a Biblioteconomia parece pedir cada vez mais especialização. A contradição é apenas aparente, porque o estudante de Biblioteconomia, sendo um estudante de pós-graduação, já terá passado pela formação ampla de alguma graduação que tenha feito antes de chegar a Biblioteconomia. Enfiar informação em bases de dados informatizadas, qualquer um pode, não é necessário chamar um bibliotecário com 4 intermináveis anos de graduação. Mas um químico ou um engenheiro que seja ao mesmo tempo um bibliotecário/documentalista/cientista da informação (ou devemos escrever "cientista da informação" assim entre aspas?) é algo de muito especial que não se encontra em qualquer esquina. Mais: é algo que justifica a existência de um espaço universitário para a Biblioteconomia. Há outra saída para o bibliotecário, a ação cultural. Mas esta não exige menos especialização que a outra...

A crise da Biblioteconomia (que não é a crise da informação, nem da sociedade, muito menos do mercado) divide-se deste modo, neste momento, em uma crise dura - tecnológica - e uma outra

crise, esta mole - de mentalidade. A primeira crise deu frutos e estes são irreversíveis; com ela não há como lidar. Com a segunda sim. Depende da vontade.

Crise, como se sabe, significa decisão. É o que falta na Biblioteconomia.

Quer dizer, falta crise na Biblioteconomia.

ABSTRACT

Inadequacy of librarian's competencies towards new technologies is discussed bearing in mind the crises in Librarianship: technological and crises of mentality based on corporativism and social role's cristalization.

Key words: Crises in Librarianship; Technological revolution; Librarian's profile; Librarian's education.

REVOLUÇÃO INFORMACIONAL: PONTOS DE VISTA PARA O DEBATE SOBRE A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Silvio SÁNCHEZ GAMBOA
PUCCAMP

RESUMO

A revolução informacional tem gerado diversas controvérsias sobre o verdadeiro sentido dessa revolução. Neste artigo apresentamos três pontos dessa controvérsia: o primeiro, sobre o sentido antropológico do desenvolvimento das novas tecnologias como formas de projeção e alargamento da sensibilidade humana; o segundo, sobre os limites da "revolução informacional" perante a necessidade da transformação das relações de produção da formação social capitalista e, o terceiro, sobre a democratização dos meios de informação e a qualidade das informações veiculadas por esses meios.

Palavras-chave: Revolução informacional; Novas tecnologias; Democratização da informação; Relações de poder e tecnologia.

Com base no artigo dos professores César Augusto Castro e Maria Solange Pereira Ribeiro, publicado neste mesmo número da revista *Transinformação*, teço algumas considerações sobre esse importante tema de nosso tempo: a informatização da sociedade ou a construção da sociedade da informação.

Dentre as diversidades de questões que esse fenômeno suscita, algumas delas tornam-se prioritárias perante a rapidez do desenvolvimento das novas tecnologias, particularmente da informática. Essas questões referem-se ao caráter revolucionário de seu crescimento e expansão. Que tipo de revolução é essa? Qual a

sua repercussão no desenvolvimento das forças produtivas e quais seus desdobramentos e sua influência nas transformações da sociedade atual? Quais as contribuições reais que oferece para o desenvolvimento da pesquisa científica e particularmente no campo da Biblioteconomia?

Segundo Schaff (1993), a revolução da informática ou da microeletrônica insere-se dentro das três revoluções técnico-científicas recentes, a primeira (no final do Século XVIII e início do século XIX), que substitui a força física do homem pela energia das máquinas (vapor e eletricidade), a segunda, que estamos assistindo agora que consiste na transferência das funções intelectuais do homem para a máquina e, a terceira, a revolução microbiológica a partir da descoberta do código genético dos seres vivos que poderá substituir a própria condição humana, alterando sua própria genética¹.

Na tentativa de tecer alguns comentários a essas questões e contribuir assim para o debate, apresento três pontos polêmicos. O primeiro, refere-se ao sentido antropológico do desenvolvimento das novas tecnologias como formas de projeção e alargamento da sensibilidade humana, ou como instrumentos que favorecem o desenvolvimento do conhecimento científico, entretanto aparecem hipertrofiados pela razão técnica (Habermas, 1983). O segundo ponto diz referência aos limites da "revolução informacional" perante a necessidade da transformação das relações de produção da formação social capitalista na fase atual da globalização dos mecanismos de mercado. O terceiro ponto polêmico refere-se a projeto de democratização dos meios de informação e a qualidade das informações veiculadas por esses meios.

1. A revolução informacional (denominada assim por Lojkine, 1995) situa-se na seqüência do desenvolvimento da ferramenta, da escrita, e da máquina, instrumentos entendidos como formas de projeção das atividades primitivas do homem e que atendem à evolução de três dimensões fundamentais da vida humana: o trabalho como ação transformadora do homem sobre a natureza, a linguagem como forma de comunicação e de interpretação e o poder como mecanismo de organização reprodução e transformação

(1) *As mutações dessas revoluções são apenas comparáveis à invenção da ferramenta e da escrita que transformaram radicalmente a vida da humanidade.*

das comunidades e das sociedades. Tanto a ferramenta como as máquinas prolongam, multiplicam e potencializam as habilidades para manipular e controlar a matéria, as coisas, os fenômenos naturais; a escrita e a informática ampliam a capacidade comunicativa, desenvolvendo os meios que podem transmitir as informações, organizá-las para estocá-las, explorá-las e utilizá-las. O trabalho que amplia as habilidades das mãos e dos músculos e a linguagem que se desenvolve na necessidades dos homens se comunicarem e interagirem entre si. Tanto o trabalho como a linguagem se inserem na trama e nos jogos de poder necessários à organização dos grupos humanos desde as comunidades primitivas até as complexas sociedades modernas. O desenvolvimento dessas dimensões humanas, trabalho, linguagem e poder sempre se apresentam imbricadas entre si.

As habilidades para o trabalho e para a comunicação vem se desenvolvendo atreladas à produção do conhecimento "epistêmico" que constitui a base do moderno conhecimento científico. O conhecimento "epistêmico" a diferencia de outros tipos de conhecimento, particularmente, o mítico, busca as respostas para as indagações e para os mistérios da natureza na capacidade sensitiva do sujeito e nas manifestações concretas dos objetos e não nas revelações das entidades religiosas, nas insondáveis forças externas, ou nos mistérios do além.

A confiança na experiência empírica vem se tornando um princípio básico para o desenvolvimento do conhecimento científico e da tecnologia. A experiência sensível e todos os instrumentos que a aprimoram começam a tornar-se fundamentais para a elaboração do conhecimento "epistêmico". Desde a Grécia antiga e ao longo dos séculos a capacidade sensorial dos pesquisadores vem se aperfeiçoando com a construção de novos instrumentos que ampliam sua percepção. A razão mítica que explica a natureza, exprimindo razões estranhas à própria natureza é progressivamente substituída pela "episteme" que surge como uma forma alternativa de elaboração do conhecimento. A "episteme" explica a natureza através dos códigos dela própria, busca nos seus registros e na sua memória as razões da sua existência.

O homem como sujeito que busca desvelar os mistérios da natureza, captando seus sinais e decifrando seus códigos, cria permanentemente novos meios para ampliar sua capacidade de sentir, olhar, escutar, sentir, cheirar e manipular. Isto é, a história do conhecimento científico, esteve atrelada ao desenvolvimento da capacidade sensitiva do homem, ampliada através de novas tecnologias que funcionam como formas de alargar os sentidos. Desde seus primórdios até os tempos presentes, a "episteme" tem caminhado pelos roteiros paralelos da tecnologia. Uma e outra se auxiliam no aperfeiçoamento da sensibilidade, ampliando a capacidade de olhar, escutar, cheirar, sentir, registrar, memorizar etc. Nesse sentido, a episteme avança na medida em que o homem cria e aperfeiçoa novos instrumentos que alargam sua visão (lentes, microscópios, telescópios, raio-x), ou sensores mais sofisticados que ampliam os limites de seu ouvido ou da sua pele (termômetros sondares, ultra-sons, radares, ressonância magnética etc.) ou por máquinas que ampliam sua capacidade de estocar organizar, sistematizar e recuperar registros e informações (o computador), ou formas de manipular grandes massas de informações (a informática). Nessa perspectiva, a "revolução informacional" vem atrelada ao desenvolvimento do pensamento epistêmico e das tecnologias que ampliam a capacidade cognitiva do homem.

Entretanto, existe uma diferença significativa entre as tecnologias que projetam as funções dos sentidos e dos músculos e as tecnologias que transferem as funções cerebrais para as máquinas. Nesse sentido a passagem das primeiras tecnologias para as segundas não acontecem apenas pelo aperfeiçoamento cumulativo e linear dos instrumentos, mas pela criação de novos mecanismos, inaugurando uma outra fase na história da tecnologia, gerando um salto qualitativo no processo de ampliação e potencialização das funções do homem.

"É verdade, como veremos, que a transferência, para as 'máquinas', de um novo tipo de funções cerebrais abstratas (o que propriamente caracteriza a automação) está no coração da revolução informacional, já que tal transferência tem como consequência fundamental deslocar o trabalho humano da manipulação para o tratamento de símbo-

los abstratos - e, pois, deslocá-lo para o tratamento da informação. Nesse sentido, a revolução informacional nasce da oposição entre a revolução da máquina-ferramenta, fundada na objetivação das funções manuais, e a revolução da automação, baseada na objetivação de certas funções cerebrais desenvolvidas pelo maquinismo industrial" (Lojkine, 1995, p.14).

A revolução dessas novas tecnologias não vem sozinha, está atrelada a um modelo de sociedade que na sua forma de agir torna os processos tecnológicos no paradigma da sua sobrevivência. As tecnologias com sua lógica mecanicista e finalista terminam por controlar a vida dos homens e acabam jogando seu destino nos aparelhos automáticos que normatizam seus comportamentos de acordo com o ritmo das máquinas e diminuindo as margens das suas decisões em prol do controle rigoroso dos relógios, dos circuitos eletrônicos e dos programas computadorizados. O gigantesco desenvolvimento tecnológico que hoje assistimos, além de ampliar as capacidades dos músculos e das funções cerebrais e de tornar relativamente mais cômodo o cotidiano, transforma-se também em um perigo na medida em que atrofia também as funções "naturais" do corpo e do cérebro e tende a controlar imperiosamente a rotina das pessoas, tornando-as apêndices das máquinas ou escravas dos sistemas fechados da organização industrial. A hipertrofia da razão técnica torna-se um mecanismo nefasto para o homem na medida em que a própria técnica é criada para o controle social. Nesse sentido, afirmamos com Habermas que na sociedade regida pela razão técnica: "O agir racional com respeito afins é, segundo sua estrutura, o exercício do controle" (1983, p.314).

2. Tanto a revolução das *máquinas-ferramentas* como a *informacional*, tem desenvolvido e potencializado o trabalho e a comunicação dos homens, mas pouco tem alterado suas relações de poder, devido à permanência das formas de organização social e das relações de propriedade que, apesar das transformações dos meios de produção (revolução industrial e informacional), ainda regem a sociedade nos moldes da propriedade privada e a acumulação ampliada das riquezas geradas pelos processos produtivos. Devido a permanência dessas relações, essas revoluções são incompletas.

Continuam beneficiando amplamente os grupos privilegiados da sociedade que controlam os processos produtivos e que se apropriam das inovações científico-tecnológicas para acumular maior poder na medida em que concentram os benefícios econômicos resultantes desse desenvolvimento científico-tecnológico amplamente renovado. É aí outro ponto polêmico da revolução informacional. Uma revolução tecnológica de conjunto não se reduz à revolução do instrumento de trabalho, ainda que esta seja essencial. Ela atua em relação com a própria estrutura dos processos produtivos.

A geração de ferramentas, de máquinas e da microeletrônica também seguem as regras da produção de qualquer mercadoria (bens de troca), embora sua utilização (como bens de uso) tenha a particularidade de serem também instrumentos de trabalho ou meios de produção.

A microeletrônica ou informática pode ser utilizada ou como meio de produção, no caso específico que tratamos, de produção de informações ou como uma mercadoria para ser consumida como qualquer outro eletrodoméstico. A informática, pode produzir informações básicas para o controle de processos produtivos de automação, de fluxos de serviços, de tráfego de veículos, de sinais, informações para a tomada de decisões como, por exemplo, sobre o comportamento das bolsas de valores, informações sobre pesquisas em andamento, sobre registro de variáveis, dados e medidas nas pesquisas científicas, ou a informática pode ser utilizadas para veicular informações várias sem nenhum valor técnico e científico, apenas informações para o simples consumo ou para o divertimento, a distração e o lazer.

As informações, produzidas, estocadas, organizadas, manipuladas em função de novos processos produtivos são rigorosamente controladas numa sociedade competitiva, com reservas de mercado e com segredos industriais como a atual sociedade capitalista. As informações para o consumo são amplamente democratizadas, só resta consumir também os aparelhos que dão acesso a ela. Nesse sentido, nos tornamos duplamente consumidores, adquirindo os terminais, os processadores, os microcomputadores para poder ter acesso à multiplicidade de informações, muitas vezes insignificantes, oferecida pela democracia da *Internet*.

Como toda mercadoria, tanto as informações como os meios de acesso a elas têm um produtor, que lucra mais na medida em que sua mercadoria é consumida por maior número de fregueses que pagam por esse consumo, incluindo desde os aparelhos receptores (rádio, TV, Multimídia, computadores domésticos) que tornaram-se bens de uso necessários até as fontes geradoras de informação, as redes de transmissão, os servidores e provedores da *Internet*. Todos eles vendem uma mercadoria ou um serviço. Parece que, no circuito da comunicação, todos lucram, as grandes empresas de comunicações que ganham com o aluguel das vias, e que, à semelhança dos caminhos feudais e das estradas modernas, geram um lucro maior, em forma de pedágio, na medida em que aumenta o fluxo de carruagens, veículos ou informações. De igual maneira a utilização de um impulso elétrico gera um pagamento, creditado nas contas dos intermediários. Estabelecem-se relações de troca entre os proprietários das informações, dos canais, das redes, dos servidores provedores e distribuidores e o proprietário da necessidade dessa comunicação, o consumidor. Sem este último proprietário da cadeia não existe lucro nenhum. Quando se coloca a questão da informática no quadro das relações de propriedade e no mundo da troca, aparecem necessariamente os sujeitos dessas transações, os donos dos meios da produção, da mercadoria, da embalagem, das redes de distribuição e o dono do poder de compra, o consumidor.

Como qualquer outro processo de compra e venda e qualquer outra mercadoria, a comunicação está submetida às regras das relações de propriedade. Na sociedade mercantil em que vivemos, hoje ampliada no nível mundial (sociedade global), essas relações de troca, exigem necessariamente a competitividade dos produtores, dos distribuidores, dos veiculadores, buscando o domínio do mercado e o controle dos consumidores.

Nessa guerra de gerar novas mercadorias e conquistar maior número de consumidores os benefícios da revolução informacional ficam restritos às populações com maior poder aquisitivo. No caso do terceiro mundo, o consumo de informações já restrito, devido a espoliação de vários séculos de colonialismo e dependência, hoje, apesar da *revolução informacional*, limita-se ainda mais, quando essas informações exigem como condição, *sine*

qua non, o consumo também dos meios eletrônicos. Nesse sentido, a *revolução informacional* é uma revolução que não altera ou modifica as condições de vida da maioria dos milhões de habitantes de área excluída do planeta. Mesmo que sejam implementados programas financiados pelos governos ou agências internacionais que generosamente ampliem a aquisição dos instrumentos de comunicação não alteraria a situação do terceiro mundo.

"Ainda que no Terceiro Mundo fosse distribuído um computador por cabeça, isto nada modificaria sua situação, pois a pessoas não saberiam o que fazer com ele. Nestes países. O caminho que leva à utilização apropriada da informática é longo e impregnado de obstáculos" (Schaff, 1993, p.94).

A atual situação do terceiro mundo exige uma outra revolução que altere as condições de vida e não apenas desenvolva de forma radicalmente diferente os instrumentos de trabalho, de produção e de comunicação. Precisa-se uma revolução que altere as relações de propriedade. Daí por que a revolução informacional é uma revolução parcial e limitada que beneficia a uma elite restrita. Mesmo que as informações sejam divulgadas amplamente, veiculando-as a grandes velocidades e consigam atingir o maior número de pessoas, sua democratização continua sendo restrita. Nesse sentido, Castro & Ribeiro (1997) afirmam:

"...cremos que o que há em nossa realidade são Núcleos Sociais de Informação, restritos a espaços determinados como Universidades e outras Instituições de Pesquisa e, ainda, fortemente localizados, especialmente nas 'regiões mais desenvolvidas'. A sociedade brasileira caracterizada historicamente por alarmantes índices de desigualdades regionais, sociais, educacionais, culturais, provavelmente não nos permite, no momento, generalizarmos que estamos em uma sociedade de informação.

Essas afirmações podem ser válidas, entretanto uma nova questão surge para ampliar a polêmica: podemos fugir da sociedade de mercado pautada pela concentração de renda, e exclusão das grandes maiorias? E, nesse contexto, a *revolução informacional*

apesar de seguir submetida a essas regras de jogo, poderá desenvolver novas situações para modificar substancialmente essas condições de trágica exclusão?

Essa questão tem gerado a polêmica entre os críticos da revolução informacional (Herbert Simon, citado por Lojkin, 1995, p.16) que afirmam que os processos do trabalho não serão alterados pela automatização do tratamento da informação: ou seja: "a divisão social do trabalho continuará como antes", e os defensores do impacto da informática na organização do trabalho que afirmam que "as novas tecnologias da informação permitem romper, efetivamente, com tal divisão secular". "A *revolução informacional* emergente, longe de substituir a produção pela informação, tece, ao contrário, novos laços entre produção material e serviços, saberes e habilidade (*savoir-faire*), ela tende a alterar as antigas divisões 'classistas' nascidas da revolução industrial capitalista entre 'produtivos' e 'improdutivos' inaugurando novas funções nas quais os produtivos são improdutivo e vice-versa" (p.23).

A partir dessas transformações gera-se também novas concepções de trabalho e criam-se novos tipos de estratificação social, por exemplo entre os que sabem e os que não sabem, e novas alianças de poder entre cientistas militares e governantes a serviço das grandes empresas multinacionais (Ver Kink, in Schaff, 1993, p.10), além de denunciar com maior ênfase a acumulação da exclusão e a catástrofe do Terceiro Mundo (Schaff, 1993, p.95).

3. O terceiro ponto polêmico refere-se a projeto de democratização dos meios de informação e a qualidade das informações veiculadas por esses meios.

A informação não pode ser abordada apenas pela quantidade ou a rapidez com que ela é transmitida, deve ser considerada fundamentalmente na sua dimensão qualitativa. Que tipo de informação é gerada, estocada, transmitida, manipulada com o advento da revolução informacional?

As informações estão carregadas de estilos de vida, visão de mundo, ideologias, valores, contravalores, seus conteúdos estão sempre direcionados por interesses humanos, geralmente em proveito dos grupos que controlam essas informações. Como afirmamos

anteriormente, as informações utilizadas nos processos produtivos, na tomada de decisões, na geração de novas descobertas e de novas tecnologias são rigorosamente controladas. Entretanto as informações que geram dispersão, confusão, distração, divertimento, lazer ou veiculam um *modus vivendi*, ideologias desmobilizadoras e concepções fantasiadas do mundo são democraticamente divulgadas. Todas elas parecem conduzir à formação de uma sociedade de consumidores, de sujeitos que ligam seus terminais para consumir informações insignificantes ou informações sobre novas mercadorias que poderão ser consumidas com maior rapidez e adquiridas com um mínimo de esforço.

“Ora, num mundo dominado pelo mercado capitalista, o problema atual consiste justamente na enorme pobreza de informações substanciais em conteúdo, em relação à enorme quantidade de informações insignificantes difundidas pelos mass media: (e citando a Wiener, 1992 confirma) ‘a enorme massa de comunicação por habitante é paralela a uma corrente cada vez menor de comunicação global. Cada vez mais, somos abrigados a aceitar um produto estandardizado, inofensivo e insignificante (...) É o câncer da estreiteza e da fraqueza criativas’” (Lojkine, 1995, p. 18).

No caso específico das informações estocadas nas bibliotecas cujo valor tem sido acumulado pela tradição cultural e selecionadas segundo critérios de qualidade, visando à conservação da produção e da memória da humanidade e oferecendo valiosos subsídios para a formação das novas gerações e dos novos cidadãos do mundo, a utilização das novas tecnologias não apenas devem ser consideradas como formas de automatizar as ferramentas que já existem em mãos dos bibliotecários, mas como uma poderosa arma de democratização das informações qualitativamente selecionadas que visam à acumulação das condições que tem gerado as grandes transformações da humanidade e propiciado a gestação e realização das grandes revoluções que ao longo da história tem transformado as sociedades, motivadas pela busca de maiores níveis de liberdade e melhores condições de vida para maior número de cidadãos do mundo. A história das formações sociais assim o confirmam e seu registro, embora incompleto e segmentado encontra-se carregado de vida nas aparentes letras mortas das bibliotecas.

Velar pela qualidade das informações, pela preservação dos registros da produção material e cultural da humanidade e pela memória das lutas dos povos na busca da superação das condições de escravatura, servilismo, exploração e exclusão da maioria dos homens é uma tarefa que exige o aproveitamento maximizado dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias, mesmo sabendo de suas limitações e das controvérsias geradas em torno de seus desdobramentos na atual sociedade mercantilista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, César A. & RIBEIRO, Maria Solange P. Sociedade da Informação: dilemas para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, 1997. (Texto em debate).
- FERRETTI, C. J. et al. (org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HABERMAS, Jürgen. Técnica e Ciência enquanto "ideologia". In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 313-343.
- LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Epistemologia e Licenciatura. In: CONGRESSO PAULISTA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 4. **Anais...** Águas de São Pedro: UNESP, 1996.
- SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**. São Paulo: Brasiliense, UNESP, 1993.

ABSTRACT

Revolution of information encompasses various means and arises a lot of controversies. Three controversial aspects of the discussion are presented here: the anthropological meaning of the development of new technologies as enlargement of human sensibility; the limits of this revolution towards social relations of production and, thirdly, democratization of means of information when information quality is taking into account.

Key words: Revolution of information; New technologies; Democratization of means of information.

ARTIGOS

REVISTAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS: BARREIRAS NA SUA PRODUÇÃO

Ida Regina Chitto STUMPF
UFRGS

E-mail: irstumpf@vortex.ufrgs.br

RESUMO

A pesquisa buscou identificar barreiras que interferem no sistema de produção das revistas editadas pelas universidades brasileiras. Utilizando como referencial o Modelo de Transferência de Informação Científica e Tecnológica através de documentos publicados, idealizado por King (1981), foram investigadas 54 revistas publicadas por doze universidades brasileiras. Constatou-se que existe no início e no final do processo, potencial humano para a geração e utilização do conhecimento veiculado por meio desses periódicos científicos. Entretanto, a falta de trabalhos submetidos e de equipes editoriais qualificadas, bem como a endogenia do processo de avaliação dos originais e a circulação restrita, são fatores que, dentre outros, comprometem a qualidade e a confiabilidade do conhecimento publicado.

Palavras-chave: Periódicos científicos; Política editorial; Publicação científica periódica brasileira.

1. INTRODUÇÃO

Mais por lei do que por tradição, cabe à Universidade brasileira desempenhar três funções básicas que devem ser exercidas harmonicamente pelas instituições de ensino superior: o ensino no mais alto grau, a pesquisa para gerar novos conhecimentos e a

extensão para levar o produto da ação acadêmica à sociedade. Se a Universidade se constitui, então, espaço institucional da pesquisa científica, função esta diretamente ligada à capacidade de gerar conhecimentos e formar pesquisadores, a divulgação, como etapa do processo de criação do conhecimento científico, também faz parte de suas atribuições.

Com o sentido de divulgar de forma sistemática os resultados da pesquisa, algumas universidades criam suas próprias revistas, passando a instituição com isso a desempenhar um importante papel no sistema de comunicação da ciência.

Comunicar a ciência é transferir os conhecimentos gerados pela investigação científica. É permitir que ocorra, segundo Aguiar (1981), um fluxo de idéias entre uma fonte geradora e um receptor, através de um canal. Entre os canais de comunicação da ciência, as publicações são as formas mais adequadas para tornar conhecidos os resultados da investigação científica. Isto é devido, principalmente, às propriedades de permanência dos registros gráficos e do alcance geográfico que podem atingir pela sua distribuição. É através das publicações que o conhecimento se torna passível de ser utilizado pela comunidade científica, servindo, ao mesmo tempo, para registrar e divulgar os resultados da pesquisa, impulsionando novas idéias e descobertas. Concebidas desta forma, as publicações são tanto insumo básico quanto produto final da atividade científica.

Entre os vários tipos de publicações, as revistas científicas, pelas suas características de síntese de conteúdo e facilidade de produção e distribuição, constituem-se no veículo mais utilizado para divulgar o saber produzido. Elas representam, de alguma forma, um processo de finalização da ciência. É quando a pesquisa se converte em produto científico, indicando que o processo chegou a um grau de maturidade que permite expressá-lo.

O conjunto de processos que reúne pessoas, atividades e canais com o objetivo comum de transmitir conhecimentos denominamos de sistema de transferência de informação científica.

Para serem veículos eficientes de transferência de informação, os periódicos ou revistas científicas precisam ser produzidos de forma a preservar os padrões estabelecidos pela ciência. Para isso, pessoas se reúnem desempenhando atividades, numa determinada ordem - o fluxo editorial. Este fluxo nem sempre é regular,

podendo surgir problemas em qualquer uma das etapas de produção que impedem a divulgação rápida, regular e precisa do conhecimento.

A **rapidez** faz com que as descobertas sejam colocadas à disposição da comunidade científica no menor espaço de tempo possível, possibilitando a circulação do conhecimento e servindo para embasar novas pesquisas. A rapidez na publicação move o progresso e propicia que seja assegurada a paternidade das descobertas. A **regularidade** com que uma revista é publicada faz com que a ciência seja constantemente atualizada com novos conhecimentos, além de dar credibilidade ao veículo junto à comunidade de usuários. A **precisão** do saber divulgado faz com que a revista se torne um canal confiável quanto ao conteúdo dos trabalhos que publica. Um periódico só adquire esta confiabilidade quando houver certeza de que os trabalhos passam por um rigoroso processo de avaliação antes de serem publicados.

Este trabalho teve como objetivo descrever o sistema de produção das revistas universitárias brasileiras, procurando identificar barreiras neste processo que comprometam a transferência de conhecimento. Para isso, utilizamos um modelo, tal como é descrito a seguir.

2. O MODELO

O modelo idealizado por King e outros (1981), apresentado no Anexo 1, forneceu uma direção para verificar de que forma se estrutura o sistema de produção das revistas universitárias. Este modelo representa a transferência de informação através de documentos publicados, oferecendo-se para isso como base para descrever o sistema proposto. Ele representa uma espiral que inclui, de forma conjunta, os participantes e as funções essenciais para completar a transferência de informações, permitindo também identificar a localização de obstáculos que dificultam ou impedem que o conhecimento seja transferido.

A utilização deste modelo permitiu também uma representação sistêmica onde as partes, ao mesmo tempo que indepen-

dentese interrelacionam, possibilitando prever a otimização de suas entradas - conhecimento gerado - e de suas saídas - conhecimento utilizado. Outra de suas propriedades é poder desdobrar cada participante e cada núcleo de funções em tantos elementos e atividades quantas forem necessárias para o objetivo do trabalho que se pretende realizar.

O Modelo de King - como denominado - pode então ser lido de duas maneiras: através dos participantes e através das funções.

Os participantes são identificados como:

- a) os cientistas e pesquisadores, no papel de autores que geram conhecimento científico e técnico;
- b) os publicadores, no caso as instituições e as pessoas responsáveis pela edição e publicação das revistas (editor, comissão editorial, consultores e equipe editorial);
- c) as bibliotecas e os serviços bibliográficos de índices e resumos que adquirem, armazenam e organizam as revistas e seu conteúdo, propiciando também o acesso físico a elas;
- d) os usuários que concluem o processo, utilizando e assimilando o conhecimento como insumo para novos trabalhos.

Interpretando o modelo de acordo com as funções desempenhadas, estas podem ser assim apresentadas:

- a) geração de pesquisa e informação;
- b) elaboração de originais;
- c) edição dos trabalhos;
- d) reprodução;
- e) distribuição;
- f) aquisição e armazenagem;
- g) organização e controle;
- h) identificação e localização;
- i) acesso físico;
- j) assimilação pelo usuário.

A complexidade do Modelo de King, impossibilita sua abordagem completa numa só pesquisa. Por esta razão, um recorte se impôs para que pudesse ser feito um aprofundamento em algumas de suas etapas. A escolha recaiu sobre as funções que dizem respeito à edição, reprodução e distribuição das revistas universitárias porque são nestas etapas que se fazem a avaliação dos trabalhos e sua formalização através da produção editorial, tornando o conhecimento confiável e passível de ser distribuído e utilizado por um grande público. Constituem-se, assim, nas etapas fundamentais para o estabelecimento do processo de transferência de informação, o que parece justificar a escolha.

Contudo, as demais atividades do processo não puderam ser ignoradas. Por isso, de alguma forma elas foram objeto de abordagem. Mesmo porque, as interfaces do sistema se interrelacionam para que as publicações completem seu ciclo de transferência do conhecimento registrado.

3. METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se como descritivo interpretativo. Sua realização exigiu primeiramente a identificação das revistas científicas produzidas pelas universidades brasileiras. Através do **Guia de Publicações Seriadas Brasileiras**, publicado pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - , em 1987, foram identificadas 275 revistas publicadas por 50 universidades.

A fonte de identificação das revistas, quando confrontadas com a situação real, apresentou certas imprecisões, especialmente relativas à não inclusão de universidades publicadoras e/ou títulos de revistas na sua relação.

Na impossibilidade de consultar todas as universidades, quer pela dispersão geográfica, quer pelo volume de dados, optou-se pelo estabelecimento de um corpus de pesquisa que contemplasse os critérios de tipos de universidades e conveniência. O primeiro permitiu incluir universidades públicas (federais e estaduais) e particulares e o segundo a sua localização em regiões do país de mais fácil acesso ao pesquisador.

O corpus ficou constituído por doze universidades, situadas nas regiões central, sudeste e sul do país, e por 54 revistas, assim distribuídas:

USP (9 revistas)	UFRGS (5 revistas)
UNICAMP (5 revistas)	FURG (5 revistas)
UNB (2 revistas)	PUC/SP (3 revistas)
UFRJ (3 revistas)	PUCAMP (4 revistas)
UFPR (4 revistas)	PUC/RS (7 revistas)
UFSC (4 revistas)	UNISINOS (3 revistas)

Os dados foram coletados através de uma entrevista com os editores, além de incluir também dados secundários obtidos junto às universidades.

4. RESULTADOS

Os resultados alcançados pela pesquisa foram descritos de acordo com o fluxo do Modelo, sendo sua leitura apresentada de forma conjunta, reunindo os participantes e as funções que desempenham.

Em relação aos autores potenciais, os resultados revelaram que as doze universidades estudadas possuem juntas 23.733 professores. Quanto à titulação, embora a situação não seja homogênea entre as instituições de ensino superior, em termos globais 37% deles são doutores e 29% mestres, o que os habilita formalmente à realização de pesquisa científica. Além disso, 60% dos docentes trabalham em regime de tempo integral e/ou dedicação exclusiva. Mesmo sem relacionar esses números às áreas de especialização das revistas, os dados obtidos indicam que, potencialmente, as universidades possuem docentes titulados e com tempo dedicado à pesquisa, aptos a suprir periodicamente as revistas com os resultados das pesquisas. Isto significa que os editores não precisariam queixar-se da falta de artigos como o fizeram nas entrevistas.

O número de trabalhos submetidos à avaliação evidencia outro dado significativo, indicando que as revistas universitárias

estudadas recebem, em geral, um pequeno número de originais para publicação. Este número está entre 10 a 20 trabalhos anuais em 46,3% dos casos e de 21 a 40 artigos em 33,3% das revistas. Com isso, pressupõe-se que a avaliação não possa ser muito rigorosa, caso contrário não haveria trabalhos para serem publicados. Mesmo assim, os índices de rejeição revelaram que 51,9% das revistas estudadas rejeitam entre 1 a 15 trabalhos por ano e 42,6% delas descartam entre 16 a 30 trabalhos recebidos.

Em relação aos publicadores, no caso as universidades, suas funções são exercidas por uma estrutura editorial formada por editores, uma comissão editorial e consultores (*referees*).

Os editores são os participantes-chaves para a produção das revistas universitárias brasileiras. Apesar de altamente titulados e de já terem atingido alto grau na carreira docente, a grande maioria têm pouca experiência pois 63% deles estão a menos de três anos na função. Isto não os impede de realizar um variado número de atividades para os quais não foram preparados e que exigem um tempo muito grande para sua execução, afastando-os do trabalho de docência e da pesquisa. Entre estes trabalhos destacamos os administrativos, os de preparo técnico das revistas, a revisão lingüística e de provas, a solicitação de trabalhos, as providências junto às gráficas, o acompanhamento da impressão, a promoção do periódico, a distribuição, o controle das assinaturas e a negociação de verbas. A recompensa para tudo isto é apenas a satisfação pessoal e o reconhecimento dentro ou fora da instituição, mas nunca financeiro.

É preciso salientar que em 16,7% dos casos, o editor toma todas as decisões científicas e administrativas sozinho, sendo auxiliado apenas por um grupo de consultores estáveis ou eventuais para a avaliação dos trabalhos. Nesses casos não há uma equipe editorial, como é desejável, e sim uma pessoa que individualmente publica a revista.

A comissão editorial, no entanto, existe na grande maioria dos casos e é prioritariamente composta por professores da própria unidade universitária, fazendo com que a comunicação entre seus membros ocorra com maior facilidade. Muitas vezes esta comissão inclui especialistas brasileiros ou mesmo estrangeiros, visando apenas dar maior prestígio à revista. Tal composição não se mostra

produtiva, uma vez que a consulta a esses membros é dificultada pela distância.

A essa comissão cabe assessorar o editor na política da revista, na escolha dos árbitros e na seleção final dos trabalhos a serem publicados, além de preocupar-se com o orçamento, os custos, os aspectos gráficos e de apresentação da revista. No entanto, foi encontrado um número significativo de comissões que realizam tarefas não pertinentes às suas funções, como avaliação dos trabalhos, revisão lingüística e de prova, normalização, promoção etc. revelando a falta de uma equipe multidisciplinar e especializada para atuar nas revistas universitárias brasileiras.

Um dos fatores positivos encontrados pela pesquisa foi a constatação de que todas elas realizam a avaliação dos originais antes da sua publicação. Esta tarefa é realizada por pessoas que opinam sobre o trabalho, a fim de conferir legitimidade à revista. O processo, contudo, nem sempre é realizado da melhor forma.

Comumente são utilizados dois consultores ou árbitros (*referees*) para dar parecer sobre os trabalhos submetidos. Porém, 24,1% dos periódicos utilizam apenas um parecerista, o que pode significar um risco para a qualidade científica da revista. Isto é especialmente significativo quando constatamos que 59,2% deles são membros da própria comissão editorial, 51,8% são professores da própria unidade e 22,2% da mesma universidade (indicações não excludentes).

O tempo gasto para a produção das revistas foi outro fator encontrado que representa um entrave para a circulação do conhecimento. O trabalho de produção das revistas foi dividido em seis etapas, sendo encontrados os seguintes tempos médios de produção:

Fase 1 - Recebimento (inclui o registro do trabalho, exame prévio e escolha dos consultores): 4 semanas

Fase 2 - Avaliação (devolução dos pareceres, com aceitação; se ocorrer uma necessidade de reformulação no texto original e este for devolvido a seu autor para correções, o tempo será ainda maior): 5 semanas

- Fase 3 - Preparação Técnica (preparo dos originais para impressão): 4 semanas
- Fase 4 - Revisão de Provas (revisão das provas da impressora/gráfica): 3 semanas
- Fase 5 - Impressão (impressão do fascículo, capa e montagem): 5 semanas
- Fase 6 - Distribuição (preparo para postagem): 4 semanas

Com os dados obtidos podemos afirmar que as revistas semestrais - que são a maioria (50%) - demorariam, em média, seis meses para serem produzidas, ocupando grande parte do tempo de seus editores. No entanto, sua produção pode demorar muito mais, podendo atingir um tempo maior que um ano (16 meses) segundo as informações obtidas. Com isso torna-se difícil manter a periodicidade.

Em relação à distribuição, os resultados indicam que as revistas universitárias brasileiras são mais produtos de doação ou troca do que de compra avulsa ou por assinaturas pagas. Assim, as unidades tem que providenciar recursos através de outras fontes, uma vez que o número de subscrições é muito reduzido, fazendo com que as revistas não possam se sustentar. Além disso, o número de exemplares publicados por fascículo é pequeno, sendo que apenas 22,2% das revistas fazem tiragem superior a 1000 exemplares, com o agravante de que parte deles fica retido na sede por falta de verbas para correio.

Uma das causas da falta de aquisições pagas pode estar na ausência de promoção das revistas. As poucas técnicas utilizadas para tal são muito simples, reduzindo-se à demonstração e venda de alguns fascículos nos eventos da área. A baixa qualidade dos artigos e a ausência de uma periodicidade regular são outros fatores que dificultam a aquisição por compra destas revistas.

Isto se reflete também em relação aos serviços bibliográficos. Pela falta de qualidade e de conhecimento das revistas, poucas são indexadas pelos serviços bibliográficos internacionais. A ausência de serviços brasileiros de indexação agrava esta situação fazendo com que as revistas não tenham veículos de disseminação.

Os usuários da informação se constituem no último grupo de componentes para que as revistas completem o ciclo de transferência de conhecimento. Neste sentido, foram utilizados os dados sobre o potencial existente no meio universitário, em relação às instituições universitárias estudadas. As doze universidades possuem, juntas, 198.609 alunos de graduação e 38.507 de pós-graduação. Estes números por si só seriam suficientes para indicar um mercado consumidor bastante significativo, mesmo sem relacioná-los com as áreas de especialização. Porém, o público-alvo é mais amplo, constituindo-se também de professores universitários, pesquisadores e profissionais. Se este potencial fosse ampliado para todas as universidades brasileiras, podemos pressupor uma população ainda mais significativa.

5. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada permitiu obter uma visão bastante apurada da produção das revistas universitárias brasileiras.

De uma maneira geral pode-se afirmar que grande parte dessas revistas apresenta muitas falhas na sua produção. Aparentam-se para a necessidade de reforçar maior certeza quanto à confiabilidade do conhecimento divulgado (avaliação), maior rapidez no processo de produção e maior regularidade no abastecimento dos resultados da pesquisa para a comunidade científica.

A identificação de disfunções foram percebidas no fluxo editorial e constituem-se em barreiras que interferem na transferência de informação. De acordo com o modelo adotado, percebe-se, também, que todas as etapas deste processo apresentam problemas que dizem respeito tanto ao desempenho dos participantes quanto às atividades que realizam.

Foram constatados empecilhos nas etapas de geração do conhecimento, avaliação dos originais, produção das revistas, distribuição, representação através de serviços bibliográficos e da utilização do saber veiculado.

Na geração de conhecimentos constata-se que a escassez de trabalhos para publicar não se deve à falta de autores em potencial,

dado o grande número de professores/pesquisadores com titulação de mestrado e doutorado que trabalham em regime de dedicação exclusiva nas universidades.

Na avaliação dos originais verifica-se que um círculo vicioso se estabelece em decorrência do escasso número de artigos: com poucos trabalhos a seleção é menos rigorosa sendo preferível aos editores obter a legitimação do seu próprio ambiente do que expô-los à avaliação externa. A confiabilidade fica então comprometida, sendo também incapaz de motivar autores mais exigentes para divulgar seus trabalhos. Isto confirma o que Castro (1986) quis dizer ao afirmar que há pouco controle de qualidade dos artigos publicados pelas revistas nacionais.

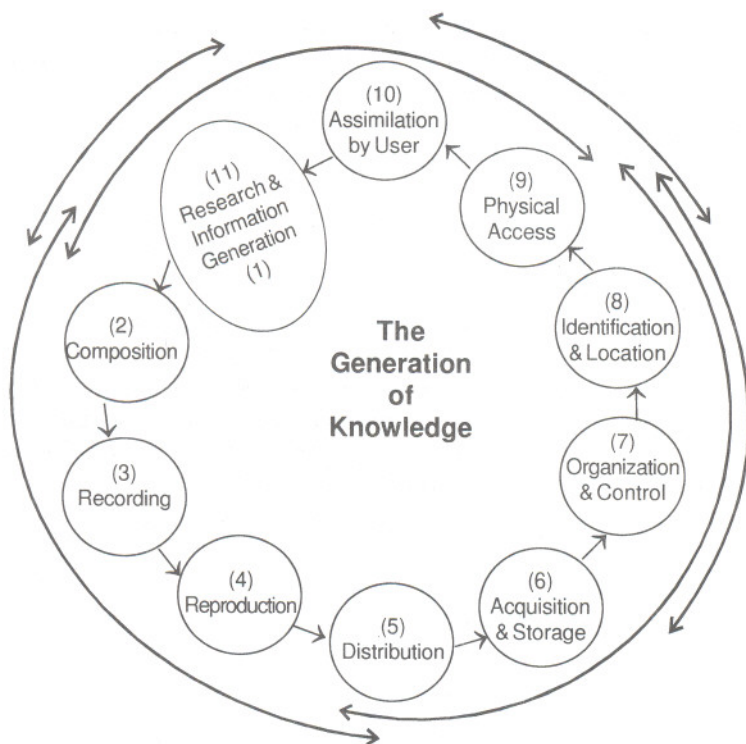
Na produção das revistas foi constatada a ausência de uma equipe editorial especializada, principalmente no que tange à realização de tarefas técnicas de editoração, normalização, revisão lingüística e de prova, e programação visual. Isto acarreta um significativo aumento de atividades ao editor e à comissão editorial que acabam realizando tudo amadoristicamente.

A distribuição, em qualquer das suas formas - doação, permuta e assinaturas pagas - é outro ponto crítico do processo de produção das revistas universitárias. A falta de promoção e a circulação restrita são barreiras que dificultam a divulgação do conhecimento. Com isso, as revistas acabam sendo doadas e/ou permutadas mas sem verbas para serem editadas.

Quanto ao desempenho das funções bibliográficas, além das revistas necessitarem de maior regularidade na sua produção, a observância de normas documentárias se torna imprescindível para serem adquiridas pelas bibliotecas e representadas pelos serviços de indexação e resumo.

Finalmente, o estudo das revistas universitárias brasileiras permitiu dimensionar um mercado potencialmente amplo para absorver e utilizar o conhecimento por elas veiculado. Se tal não ocorre, é porque, em geral, elas não divulgam trabalhos capazes de atrair um público consumidor exigente. Com isso, o conhecimento nelas registrado fica sem utilização, não abastecendo o ensino e não motivando novas pesquisas.

ANEXO 1: Modelo de Transferência de Informação Científica e Tecnológica



FONTE: KING, D. W. et alii. *Scientific Journals in the United States: their production, use and economics*. Stroudsburg, Penn., Hutchinson Ross, 1981.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Afrânio. Transferência de Informação. In: SEMINÁRIO SOBRE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS, 4., Brasília, 1981. **Anais...** Brasília, Senado Federal, 1981. p.33-41.
- CASTRO, Cláudio Moura. Há produção científica no Brasil? In: **Pesquisa Universitária em Questão**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. p.190-224.
- KING, D. W. et al. **Scientific Journals in the United States: their production, use and economics**. Stroudsburg, Penn: Hutchinson Ross, 1981.
- STUMPF, Ida Regina Chitto. **Revistas Universitárias: projetos inacabados**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1994. (Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes).

ABSTRACT

This research aimed to identify the barriers that interfere with the production of those journals edited by Brazilian universities. The model of scientific and technological information transfer through published documents (King, 1981) was used [in the analysis of] 54 journals, published by 12 universities were investigated. It was found that, in the beginning and at the end of the process, there is human potential for the generation and utilization of the knowledge distributed by such journals. However, the lack of papers submitted and qualified editorial teams, as well as the endogeneity in the evaluation process, and the limited circulation of those works, are some of the facts that compromise the quality and the level of trust deposited in these published material.

Key words: Journal Editorial Policies; scientific journals; Publishing policies; scientific editing.

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E HISTÓRIA: O CASO DO IBICT

Leilah Santiago BUFREM
UFPR

RESUMO

Analisa 215 dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ, entre 1972 e 1995, sob enfoque histórico crítico, apoiando-se em análise quantitativa.

Palavras-chave: Pós-graduação em Ciência da Informação; Metodologia da pesquisa em Biblioteconomia; Ciência da Informação.

O CONTEXTO

A análise do processo histórico que serviu de pano de fundo para o início das atividades do Curso de Pós-graduação em Ciência da Informação (CPGCI) revela uma situação pouco favorável, devido à desinformação dos ingressos no ensino superior e à incapacidade crítica resultante do regime repressivo. Ao analisar a situação política da época, Ruth Cardoso denunciava que a universidade teria perdido *o papel de fator criador na cultura brasileira* (Mota, 1985, p.261). Em seu estudo sobre a época ditatorial, Mota, ao confirmar o diagnóstico da antropóloga, refere-se mais especificamente ao período entre 1969 e 1974 quando, segundo ele, foi registrada *a eliminação dos quadros universitários de figuras do maior*

valor, de verdadeiros chefes de escola. Em um dos raros depoimentos contrários ao regime da época, no ano de 1971, a revista **Visão** denunciava o perigoso *vazio cultural* instaurado no país devido, na opinião de intelectuais entrevistados, ao Ato Institucional n. 5 e à censura. *A quantidade suplantando a qualidade, o desaparecimento da temática polêmica e da controvérsia na cultura, a evasão dos nossos melhores cérebros, o êxodo de artistas, o expurgo das universidades* formavam então um panorama sombrio, sujeito ao questionamento histórico: *...sem germes e sem herança, sem promessas e sem caminhos, sem busca e sem questionamento crítico, sem o fermento da inquietação e sem a livre disposição criadora, o que seria da cultura brasileira na década de 70? (Os impasses... 1973, p.105).* Acrescente-se a este quadro, o fato de que as instituições universitárias no Brasil são muito recentes em relação às de outros países ocidentais. Além disso, em um plano geral, excluídos os bolsões de excelência, *cresceram de forma desordenada, sem outra vinculação social que não a mera demanda por escolaridade e sem quadros qualificados* (Vogt & Ciacco, 1995, p.27).

Há quem reconheça, no entanto, que *contra todos os ventos e marés, a produção científica cultural* continuaria firme e empenhada em vários núcleos (Mota, 1985, p.262). Pode-se considerar que um destes núcleos, idealizador do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ao encarar a iniciativa de criação do Mestrado em Ciência da Informação buscava principalmente fundamentação teórica e embasamento científico à profissão. Esta, embora milenar em seu objeto, depara-se em sua história com a constante necessidade de renovação de procedimentos e instrumentação. Sua dimensão política deveria ser avaliada, especialmente se levada em conta a dependência cultural dos cursos diante da carência de recursos humanos do próprio país. A maior parte dos cursos de pós-graduação em Ciências Sociais era dirigida na época por portadores de títulos estrangeiros, cujas orientações teóricas adotadas diferiam da *multifacetada, da universalizante orientação das missões contratadas pela Universidade de São Paulo.* Essas orientações, indica Mota (1985, p.263), articulavam as dotações orçamentárias fornecidas por órgãos estrangeiros, especialmente norte-americanos, cuja finalidade, segundo o autor, não seria simplesmente difundir o ideal de *universitas.*

Moniz Bandeira descreve esse processo de penetração da cultura norte-americana no país, em sua obra **A presença dos Estados Unidos no Brasil**. Ao analisar a participação de intelectuais brasileiros no sentido de incentivar a tradução e a leitura de autores americanos, assim como na montagem e controle do noticiário internacional, o autor traça um panorama onde é possível visualizar a dependência da esfera norte-americana (Mota, 1985, p.279).

Ao analisar a situação brasileira, na época da reforma do ensino, Florestan Fernandes acusaria a rigidez das universidades, diante da criação de condições institucionais para a realização e o fomento da pesquisa científica. Para o sucesso da reforma universitária alguns tipos de problemas deveriam ser resolvidos, segundo o autor. O mais grave diria respeito à *pesquisa de treinamento, básica para a formação de números crescentes de investigadores*. As Ciências Sociais, pela impossibilidade de explorar a aparelhagem de laboratório ou modelos experimentais de pesquisa, segundo o autor, passavam por situação calamitosa e mesmo nas melhores escolas prevalecia o ensino verbal, *com graves prejuízos para a formação científica dos estudantes e para a sociedade...* (1975, p.253). Este obstáculo teria a ver com a baixa expectativa da sociedade brasileira em relação à formação do investigador. *A sociedade brasileira só pedia às escolas superiores no passado, que fabricassem 'bons' profissionais liberais*. A função de selecionar e preparar talentos passou a ser exercida pela sociedade (1975, p.256). Quanto ao segundo problema, teria a ver com a posição da pesquisa científica na universidade brasileira. O autor afirma que

o fomento à pesquisa científica exige condições especiais, com afluxo crescente de recursos materiais e financeiros, uma política definida de atração, seleção e retenção de talentos jovens, formação e ampliação de quadros de investigadores de alta competência, condições institucionais de organização e de motivação de formas de trabalho intelectual muito complexas e delicadas, padrões específicos de competição, de cooperação e solidariedade intelectuais ... (1975, p.256).

A situação de inautenticidade nos quadros institucionais seria analisada em estudo de caso sobre o papel do Estado em

relação à política nacional de informação científica e técnica no Brasil. Gomes, ao discorrer sobre a importância do papel ideológico exercido pela informação científica e técnica, apoia-se em Japiassu (**As máscaras da ciência**) quando afirma que embora certos domínios da pesquisa sejam fortemente estimulados, nada teriam a ver com o saber puro e que mesmo as pesquisas mais puras têm sido orientadas para fins estratégicos. Nesse sentido, a ciência pura seria mais uma ficção do que realidade. Cita Mendonça ao afirmar que existe um elo profundo entre o projeto científico e o projeto social ante qualquer aplicação específica do conhecimento (1984, p. 41). Dessa forma, a pesquisa científica e seu conteúdo resultariam *en grande partie des exigences économiques et politiques du système social*¹ (1984, p.42).

Este contexto de dependência cultural foi amplamente reconhecido no país por autores que analisaram a situação universitária da época (Kunsch, 1992, p.40). Entretanto, alguns núcleos seriam fortalecidos com a criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) na década de 50 e na seguinte, da Agência Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e do Fundo Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), que passaram a apoiá-lo. Algumas instituições que viriam a adotar uma posição tecnicista, com predomínio da pesquisa direcionada, passam a ser criadas no Brasil, entre os anos 60 e 80, com caráter público e tendências norte-americanas (Kunsch, 1990, p.40). É o que confirma Cunha (1988, p.317) em resultado de seu estudo sobre a universidade reformanda: *A modernização do ensino superior conforme o figurino norte-americano e o aumento do controle configuraram as duas faces da universidade brasileira em reforma, nos primeiros anos de vigência do regime militar.*

A política do período, que estimulou a criação destes institutos e núcleos de pesquisa, entre eles o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), previa um número de doutores três vezes maior do que dispõem hoje as nossas universidades, embora a estimativa atual seja de 15.000, enquanto a de cientistas e

(1) *Em grande parte das exigências econômicas e políticas do sistema social.*

tecnólogos chegue a cerca de 60.000, conforme dados fornecidos por Vogt & Ciacco, em 1995. Os autores consideram que apesar das críticas que possam sofrer, os programas de formação de recursos humanos em ciência e tecnologia no Brasil resultaram em crescimento significativo, mas que sua eficiência passa por reformas estruturais do sistema universitário e das agências de fomento para capacitação (1995, p.27).

O ideal da pós-graduação *stricto sensu* viria a ser concretizado com a criação, em 1970, do primeiro curso de Mestrado na área, não só no Brasil, mas também na América Latina. Por iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o Curso passou a ser mantido pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Para o Curso de Mestrado em Ciência da Informação também acorreram profissionais de outros países latino-americanos.

ESTUDOS ANALÍTICOS DE CONTEÚDO NA ÁREA ESPECÍFICA DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A análise de conteúdo tem sido amplamente utilizada por pesquisadores para identificação da natureza, características e tendências da pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Com a finalidade de explorar os mais pertinentes por sua relação com esta pesquisa, efetuei uma seleção entre a literatura, especialmente dos últimos seis anos.

A primeira dificuldade constatada na literatura revisada foi a questão da definição, não apenas do que seja pesquisa, mas também de uma tipologia relacionada às categorias de pesquisa, de métodos e estratégias, técnicas ou instrumentos de investigação. Esta dificuldade já havia sido expressa por Peritz, em 1980, em estudo bibliométrico que realizou sobre a temática e a metodologia de pesquisas publicadas em periódicos de Biblioteconomia, razão pela qual define previamente seus conceitos. Inclui a análise de conteúdo entre os levantamentos ou experimentos, que subdivide em quatro

grupos: levantamentos de público, em que a unidade de pesquisa seria um membro do público; levantamentos ou experimentos em bibliotecas, serviços, operações e ou grupos e pessoas (1980-81, p.256).

Ao aceitarem a análise de conteúdo como uma família de métodos de pesquisa que visa a identificar e registrar sistematicamente o significado de documentos e outras formas de comunicação, Allen & Reser recorrem a definição de Berelson, já citada, e confirmam sua larga aplicação nas Ciências Sociais (1990, p.252).

Thomas W. Shaughnessy (1972), partindo da premissa de que uma profissão amadurecida deve englobar uma tradição de serviços e um corpo de conhecimento teórico, estuda o estado da pesquisa em Biblioteconomia em meados de 1970. Constata a falta do segundo ingrediente - a base teórica - somente possível por meio de um processo de pesquisa e conclui, após examinar 139 resumos de dissertações, que *the great majority, 113 or eighty-one percent, are heavily oriented toward practice, application or problem solving*² (Blake, 1990, p.11).

O propósito de investigar a natureza e as tendências da pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação nos periódicos *International Information and Library Review*, *Information Development* e *Libri* no período entre 1990 e 1992, levou Alemna & Badu a cobrirem, em estudo intitulado *The nature and trends in research and journal literature in English Speaking Africa*, áreas como status e gênero do autor, tipos de pesquisa, área geográfica do autor e distribuição das publicações conforme o assunto. Complementam com um estudo bibliométrico onde revelam os dez (10) periódicos mais citados, a proporção de citações de acordo com o formato e publicações citadas em outros assuntos. O estudo demonstrou que a maioria das pesquisas publicadas apresenta caráter descritivo (77,78%), 18,05% são empíricas e 4,17%, históricas. Em relação ao gênero, sessenta dos autores são homens (83,33%), enquanto doze são mulheres (16,67%). Entre a grande variedade de assuntos pesquisados, destaca-se a informação na área agrícola, o desenvolvimento de bibliotecas e a educação (1994, p.27).

(2) *A grande maioria, 113 ou oitenta e um por cento, são fortemente orientadas para a prática, aplicação ou solução de problemas.*

O estudo de Feehan et al. (1987, p. 180) relata um projeto em colaboração, cujo objetivo foi analisar aspectos e tendências da pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, publicado em 1984, para o que foram identificados todos os artigos substantivos na área e então retirada uma amostra aleatória para estudo. Classificaram os artigos por assunto e método de pesquisa, os tipos de bibliotecas estudadas e as técnicas analíticas usadas. A classificação dos métodos de pesquisa empregada incluiu Bibliometria, Análise de Conteúdo, Método Delphi, Experimental, Pesquisa Histórica, Observação e Descrição, Pesquisa Operacional, Análise Secundária, Levantamento, Múltipla e Outras (1987, p.178). Suas conclusões revelam um surpreendente resultado: dos 123 artigos analisados em 1984, os três métodos de pesquisa mais utilizados foram a pesquisa histórica (24%), o levantamento (20%) e a observação e descrição (17%). Em relação às técnicas utilizadas para análise, as mais comuns foram as não-quantitativas, correspondendo a 37,4% da amostra.

Järvelin & Vakkari (1990, p. 408) confirmam, por meio de análise de conteúdo, que nas últimas décadas a literatura em Biblioteconomia e Ciência da Informação apresenta muitas análises estatísticas sobre as pesquisas publicadas e citam as de Atkins (1988); a de Feehan, Gragg, Havener e Kester (1987), acima descrita, a de Nour (1985) e a de Peritz (1981). Entretanto, segundo os autores, nenhum dos mais recentes estudos cobre todo o leque de opções temáticas e metodológicas, razão do seu esforço na apresentação do resultado de um dos seus trabalhos sobre a evolução da Biblioteconomia e Ciência da Informação (1993, p.129). Em 1990, eles constataram a distribuição temática, as abordagens e as metodologias utilizadas nas pesquisas internacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. O estudo foi sobre uma amostra de 833 artigos publicados em 1985, em 37 periódicos da área. Como resultados em relação às metodologias utilizadas, a pesquisa revelou que as estratégias empíricas predominaram (55,9%) e, com menos frequência, se apresentaram as pesquisas com métodos conceituais (23,4%), seguidas de métodos lógicos e matemáticos, de análises de sistema e de programa e de revisão de literatura. Entre as estratégias empíricas, foram o levantamento (22,9%) e o método histórico (10,7%) as opções de maior incidência .

Em estudo realizado em 1993, também de Järvelin & Vakkari, relacionado aos anos de 1965, 1975 e 1985, sobre amostras respectivas de 142, 359 e 449 artigos publicados nos principais periódicos da área, há uma similaridade de resultados, com tendência ao aumento das estratégias empíricas de 1965 (48,5%), para crescer em 1975 (50,07%) e ultrapassar os resultados obtidos na pesquisa anterior em quase um ponto percentual (56,0%). Dentre as pesquisas empíricas, o levantamento é a estratégia mais utilizada em todos os três anos, seguida do método histórico também nos três anos (1993, p.135).

Ao estudar programas de doutorado em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Bobinski (1986) apresenta dados relativos a variáveis como metodologia adotada nas dissertações na área além de, entre outras, o número de graus concedidos, inscrições em programas de doutorado, a reputação dos programas de doutorado perceptíveis no respectivo campus, o número de títulos concedidos e condições de admissão ao programa. Os dados foram obtidos em diversas fontes, incluindo os relatórios estatísticos anuais da ALISE, os catálogos dos programas e uma carta com questões específicas aos decanos ou dirigentes dos programas de doutorado.

POR UMA CATEGORIZAÇÃO DOS ESTUDOS NA ÁREA

Um levantamento para analisar o repertório metodológico e estabelecer um quadro das possibilidades e estratégias utilizadas nas pesquisas foi realizado. Ao se considerar, como Järvelin & Vakkari, (1993, p.130) que a pesquisa empírica *uses empirical data derived through many different data collection methods*³, foram levantadas inicialmente as categorias selecionadas na literatura e com a continuidade da pesquisa foram adaptados os esquemas classificatórios, adequando-os às denominações e aos critérios selecionados pelos autores dos trabalhos. Em estudo onde procura descrever o impasse encontrado pelo Classification Research Group - CRG, na Inglaterra, do qual faziam parte Mills, Foskett, Farradane, Vickery, Langridge e

(3) Usa dados empíricos derivados de diversos métodos de coleta de dados.

Shera, entre outros, Oliveira (1977, p.8) confirma, como um dos critérios, a necessidade de classificar os assuntos, não apenas centrais (*core subjects*), mas também marginais (*fringe subjects*).

Como considerações preliminares, são citados alguns desses critérios. Ander-Egg (1978, p.33), assim como Buscha & Harter (1980, p.7) e como Powell (1985, p.2), classificam as pesquisas por sua natureza, em básica, pura ou fundamental e aplicada. Best (1972, p.12-13) acrescenta aos dois tipos, a pesquisa histórica, a descritiva e a experimental, com base no processo de realização em sua relação com o tempo, ou seja, estudos do que foi, do que é e do que será.

A busca e a reflexão tiveram como princípio a importância de se considerar previamente as categorias. Outros estudos sugerem que sejam utilizadas categorias já testadas em pesquisas anteriores, de natureza similar (Allen & Reser, 1990, p.257). Assim, para a sua elaboração, foi combinado o procedimento apriorístico, com a inclusão ou eliminação de elementos durante o pré-teste que consistiu na leitura de vinte das dissertações, após o que foram incluídas algumas e eliminadas outras categorias. Foram seguidas as sugestões e princípios de Allen & Reser (1990, p.257), nesse processo: *the categories chosen should be exhaustive, mutually exclusive, clearly defined, and conceptually valid in relation to the research question. These objectives are best attained by thorough pretesting of the categories*⁴. Também foram encontrados em Järvelin & Vakkari (1993) os princípios para definir seu esquema classificatório, cujo desenho foi originado em parte com base nos conteúdos dos artigos analisados e em parte com base em outros esquemas classificatórios.

Assim é que, ao ensaiar a primeira tentativa de classificação por assuntos e metodologias com base na literatura citada e, após realizar um pré-teste com vinte dissertações, foram definidas as categorias da variável assunto e metodologia como segue.

(4) *As categorias devem ser exaustivas, mutuamente excludentes, claramente definidas e conceitualmente válidas em relação ao problema da pesquisa. Estes objetivos serão melhor alcançados por meio do pré-teste das categorias.*

Variável Assunto

1. Profissão e profissionais
2. Produção editorial e editoração científica
3. Currículo e ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação
4. Metodologia
5. Biblioteconomia e Ciência da Informação
6. Desenvolvimento de coleções
7. Planejamento e/ou gerenciamento de unidades ou sistemas de informação
8. Processamento e recuperação da informação
9. Uso e usuários e transferência da informação
10. Arquivos
11. Padrões e estrutura da informação registrada
12. Comunicação científica e tecnológica
13. Política de informação em ciência e tecnologia
14. Filosofia da informação
15. Museus

Variável Metodologia

1. Estudo bibliométrico
2. Estudo exploratório
3. Estudo de caso
4. Levantamento
5. Análise ou proposta de sistema ou programa
6. Estudo de uso
7. Pesquisa de avaliação
8. Pesquisa conceitual
9. Pesquisa operacional
10. Estudo exploratório-metodológico
11. Pesquisa histórica
12. Análise de conteúdo

13. Análise do discurso
14. Estudo comparativo
15. Pesquisa participante
16. Pesquisa-ação

Cada uma das dissertações foi classificada em apenas uma das categorias, tanto em relação ao tema, quanto à metodologia adotada e à técnica de coleta de dados.

A revisão do esquema de Berelson (1952), relacionado aos propósitos específicos da análise de conteúdo na área da comunicação permite que se considere algumas questões e objetivos para o presente estudo.

Questões a respeito das características do conteúdo que suscitam objetivos tais como: investigar o desenvolvimento da temática e da metodologia; descrever tendências em relação aos temas tratados nas teses e dissertações; identificar peculiaridade em relação à metodologia; cotejar métodos e estratégias de pesquisa; refletir sobre o alcance dos métodos em relação aos propósitos; construir uma tipologia metodológica; subsidiar estudos e pesquisas futuros para o desenvolvimento de metodologias.

Questões relacionadas aos produtores ou causas do conteúdo que teriam como objetivos identificar as tendências metodológicas de autores e orientadores, relacionando-as com seus respectivos contextos. Foi possível elencar, conforme lista em anexo, os orientadores e a frequência de orientações, assim como dos autores mais citados pelos pesquisadores em suas descrições de metodologia.

Ao considerar o conjunto de 215 dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado, escolhido pelos motivos já expostos, inferi que esse conjunto seria suficientemente representativo das opções metodológicas teoricamente possíveis, motivo pelo qual descrevo-as conforme a sua concretização no *corpus*.

A partir dessas premissas, procurei na análise captar o que denomino de opções metodológicas dos autores das dissertações de

mestrado analisadas e como elas se realizaram concretamente nos trabalhos por meio dos dados presentes no *corpus*.

AS METODOLOGIAS CONCRETIZADAS NO *CORPUS*

Considerações sobre o *corpus*

O *corpus* analisado constituiu-se de um conjunto de 215 registros referentes às dissertações apresentadas como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação pelo Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ. Representa um material privilegiado de análise enquanto expressão da produção intelectual dos egressos do Curso e produto de um esforço formal-institucional de pós-graduação. Procurei, ao distribuir os dados em duas fases do Curso - fase pré-incorporação, que vai de 70 a 83, e fase de pós-incorporação, de 1984 a 1995 - estabelecer uma distinção cronológica para posteriores análises. Coincidentemente, como uma contribuição do acaso em prol de uma estruturação mais lógica do estudo, o número de anos em que se distribuiu a produção intelectual dos egressos no período analisado dividido entre os dois períodos, foi o mesmo. Assim, sendo a primeira dissertação constituinte do *corpus* apresentada no ano de 1972 e a última em 1995, e tendo acontecido em 1984 a incorporação, as duas fases abrangem o mesmo número de anos cheios, perfazendo um total de doze em cada período.

É possível visualizar, no gráfico 1, a distribuição das 215 dissertações ao longo do período analisado, de 1972 a 1995. Sobre um leque de quinze (15) opções temáticas, elas distribuem-se em 88 (41%), no primeiro período e 127 (59%), no segundo. As cifras favorecem o segundo período, o que pode ser interpretado por alguns fatores, entre eles o aumento da quantidade de cursos de graduação com duas possíveis conseqüências. A primeira seria a ampliação do número de egressos da graduação, potenciais candidatos a um curso de pós-graduação. Outra conseqüência seria a necessidade de professores com qualificação para suprir os quadros de docentes

desses cursos. Além disso, o alargamento e sofisticação de um mercado de trabalho mais exigente em termos de especialização profissional acarretaria sem dúvida uma procura por profissionais habilitados para preencher lacunas em atividades vitais nas unidades de informação em instituições ou empresas.

Outra possibilidade a explorar seriam as próprias características do Curso que, a partir do seu segundo período, se modificaram substancialmente. Recorrendo às *avenidas* do Curso, assim denominadas por Neves (1992), e à relação dessas *avenidas* com os dois grandes períodos que ele teria percorrido, pode-se afirmar que no primeiro período teria predominado a *avenida de cunho científico e tecnológico*, como decorrência natural do vínculo do Curso com o CNPq. Quanto ao segundo período, ou período pós-incorporação do Curso à ECO/UFRJ, assiste ao surgimento de uma *avenida de cunho mais social, que tem muito a ver com a área social da UFRJ, e que passa a conviver com a avenida ibictiana*.

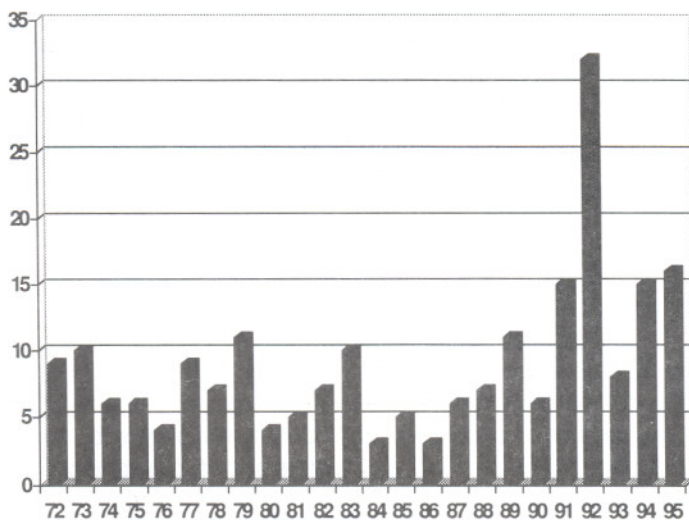


Gráfico 1 - Distribuição, por ano, das dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ - 1972-1995

Evidentemente essa ampliação de oportunidades de cunho social iria ser atrativa a profissionais de diversas áreas para o Curso. Essa ampliação vai caracterizar-se também e, para esta pesquisa de modo especial, no campo das opções metodológicas (1992, p.137).

Os dados da pesquisa demonstraram os orientadores mais atuantes: Gilda Braga (35 dissertações), Heloísa Tardin Christóvão (31), Rosali Fernandez de Souza (15), Frederick Wilfrid Lancaster (14), Tefko Saracevic (13), Maria Nélide González de Gomez (12), Lena Vania Ribeiro Pinheiro (12), Maria de Nazaré Freitas Pereira (10), Hagar Espanha Gomes (8) e Nice Menezes de Figueiredo (7).

A lista dos autores mais citados nas metodologias das dissertações revela o predomínio das linhas quantitativas: Bradford, Solla Price, Lancaster, Saracevic, Goffman, Braga, Brookes, Kremer, Zipf e Bailey.

Tabela 1 - Distribuição, por assunto, das dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ - 1972-1995

Assunto	1972-1983	1984-1995	Total
Profissão e profissionais	2	3	5
Metodologia	1	0	1
Produção Editorial e editoração científica	2	1	3
Currículo e ensino de B. e C. I.	2	2	4
Biblioteconomia e Ciência da Informação	0	3	3
Desenvolvimento de coleções	1	2	3
Planejamento e/ou gerenc. de unid. ou sist. de inf.	19	9	28
Processamento e recuperação da informação	15	20	35
Uso, usuários e transferência da informação	15	38	53
Arquivos	1	1	2
Padrões e estruturas da informação registrada	22	15	37
Comunicação científica e tecnológica	8	21	29
Política de informação em ciência e tecnologia	0	7	7
Filosofia da informação	0	3	3
Museus	0	2	2
Total	88	127	215

OS TEMAS NO DISCURSO

A distribuição das dissertações por tópicos, ilustrada na Tabela 1 permite observar que os temas privilegiados entre os selecionados pelos autores foram *uso, usuários e transferência da informação*, em 53 das dissertações (24,7%), *padrões e estruturas da informação registrada*, em 37 delas (17,2%), *processamento e recuperação da informação*, em 35 (16,3%), *comunicação científica e tecnológica*, em 29 (13,5%) e *planejamento e/ou gerenciamento de unidades ou sistemas de informação*, em 28 (13%). Seguem-se, em ordem de prioridade, os temas *política de informação em ciência e tecnologia*, *profissão e profissionais*, *currículo e ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação* e *desenvolvimento e avaliação de coleções*, conforme se verifica no gráfico que relaciona temas com freqüência de distribuição.

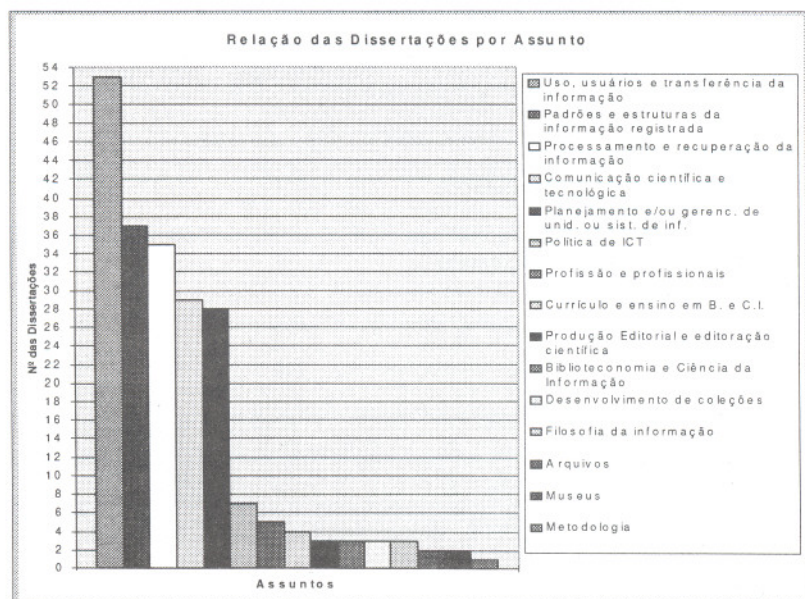


Gráfico 2 - Relação, por assunto, das dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ - 1972-1995

AS OPÇÕES METODOLÓGICAS NO CORPUS

As opções metodológicas, expressas nas dissertações, revelaram em primeiro plano a presença marcante da pesquisa empírica, em 204 (95%) dissertações e o predomínio das abordagens quantitativas, enquanto a pesquisa teórica esteve presente em onze (5%) deles. Esta tendência é mais forte em relação ao primeiro período do Curso, quando predominou uma tendência mais pragmática, considerada operacional e tecnicista.

Quanto às opções metodológicas das dissertações, caracterizam-se predominantemente como estudos bibliométricos (27%) para o que contribuiriam o apoio institucional além do estímulo intelectual dado pelos professores estrangeiros. Utilizados principalmente para corrigir tendências ou fortalecer políticas institucionais, para visualizar os rumos das instituições, em termos de investigação e para modificar, apoiar ou reforçar os caminhos das pesquisas, esse tipo de estudos foi desenvolvido com pioneirismo numa época em que o contexto institucional e político priorizava o aprimoramento profissional e da instituição, e o privilegiamento dos aspectos quantitativos para sua avaliação.

A relativa diminuição do uso de técnicas bibliométricas, do primeiro para o segundo período, deve-se à diversidade de posturas e tendências acadêmicas. Outras opções metodológicas, decorrentes da diversidade em relação à filosofia, formação, especialização e tendência teórica dos mesmos, além da influência da literatura da área do Curso, mais expressiva em termos de especialização e quantidade, tiveram como decorrência a maior ampliação das possibilidades metodológicas.

Destacam-se como conseqüência os estudos exploratórios (12%) e de caso (11%).

As questões de natureza pragmática, motivaram muitas pesquisas de avaliação, operacionais ou resultantes de análises ou propostas de programas ou sistemas, também influenciadas por estímulos institucionais. Este fator reforçaria a atuação do IBICT,

como executor de políticas de desenvolvimento científico-tecnológico, no sentido de priorizar como objetos de pesquisa, assuntos relacionados à atividade correlata, à informação cadastral e estatística e referencial.

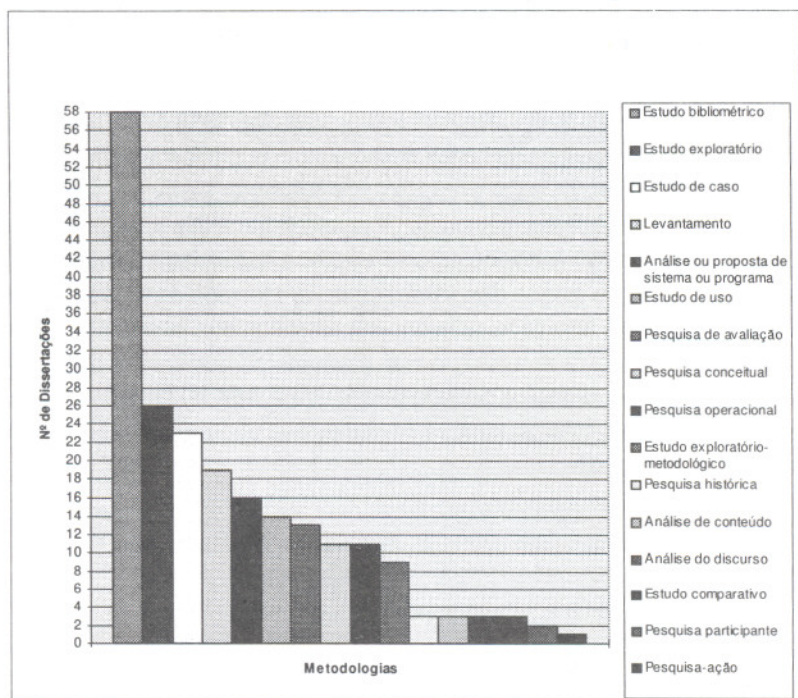


Gráfico 3 - Relação por metodologia das dissertações apresentadas ao curso de mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ - 1972-1995

Somente no segundo período do Curso, surgem os primeiros estudos do tipo pesquisa-ação, pesquisa histórica e análise do discurso e há um aumento relativo das opções por metodologias como estudos de caso, exploratórios e comparativos, levantamentos, análise de conteúdo e pesquisa conceitual. Esse aumento verificou-se de modo proporcional à diminuição das pesquisas de avalia-

ção e operacional, estudos exploratórios e metodológicos e, em menor escala, das pesquisas bibliométricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia acentuado dinamismo metodológico no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, especialmente nos últimos anos, com tendências à adoção de modos de abordagem mais criativos para tratar novos objetos de estudo.

Além das questões oriundas das influências institucionais, o fator prevalente nas definições relativas à produção intelectual foi a ampliação gradativa da liberdade de expressão política, cujo resultado mais concreto evidenciou-se no movimento crítico e contestador em alguns quadros universitários, especialmente nos cursos de pós-graduação. As pesquisas começavam a explorar um campo mais amplo, incluindo reflexões filosóficas e epistemológicas e resultando em maior produção de estudos conceituais, teóricos e qualitativos.

A diversificação de opções metodológicas foi acompanhada do que se poderia denominar uma certa flexibilidade formal. Alguns dos estudos, por seu caráter exploratório, apresentam-se menos rigorosos na explicitação dos procedimentos metodológicos, ao apoiar-se na oportunidade de desvendar variáveis e conjugar características de um determinado fenômeno para depois serem formuladas relações entre causa e efeito ou hipóteses de trabalhos futuros.

Por outro lado, percebe-se, a partir do segundo período, maior reflexão sobre a opção metodológica e com a caracterização da própria pesquisa. Os autores passariam a favorecer meu esforço de categorização, autodenominando suas pesquisas.

A conjugação de métodos e técnicas foi observada, especialmente a partir do segundo período do Curso, devido em parte à consciência da interdisciplinaridade e ao convívio mais estreito com outras áreas. Estas incluem as disciplinas cujos objetos de estudo tem parentesco ou afinidade com a informação ou áreas instrumentais,

relacionadas à Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto meios ou instrumentos para a realização de propósitos de natureza teórica ou prática.

Tendências doutrinárias mais permanentes podem ser observadas durante todo o processo, como a visão sistêmica, o funcionalismo, o pragmatismo e o positivismo, embora com menor força no segundo período.

A análise permite constatar que paralelamente ao fortalecimento e à conquista de autonomia de um determinado campo de atividade científica, as estratégias metodológicas, as técnicas e os instrumentos selecionados por seus pesquisadores vão se tornando cada vez mais complexos em suas combinações e menos puros em relação as suas formas originais de concepção. Mas isso deveria ser observado e aceito como uma prática viva de fazer pesquisa e não como uma quebra da ortodoxia metodológica.

Diante das constatações, evoca-se a questão colocada por Ladrière (1978, p.170): *será que o método científico, tal como é concebido atualmente, não predetermina os problemas aos quais nos consagramos?* Questiono ainda se não seria a anterioridade temporal do método o móvel da formulação do problema e a maneira de colocá-los.

O método concretiza-se na pesquisa, realiza-se na prática intelectual consciente e a diversidade de posições, mais ou menos teóricas, mais ou menos técnicas, observadas nas pesquisas realizadas, reitera a necessidade da coexistência entre os pesquisadores representantes das tendências que se interpõem e atuam no campo, de modo a permitir uma prática de pesquisa crítica e construtiva. Os métodos e as metodologias concretizam-se e terão sempre um valor contingente na prática da pesquisa científica. Encontrar o caminho, a trajetória, é o desafio ao pesquisador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMNA, Anaba & BADU, Ellis. The nature and trends in research and journal literature in english speaking Africa. **International Information and Library Review**, v.26, p.19-30, 1994.

- ALLEN, Bryce & RESER, David. Content analysis in Library and Information Science research. **Library and Information Science Research**, London, v.12, p.251-262, 1990.
- ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social**: para trabajadores sociales. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. 167 p.
- ARAÚJO, Esther Luck de. **Estudo da atuação profissional dos egressos do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT, comparativamente à situação dos profissionais da informação na Inglaterra e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, 1982. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Insitituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991. 225 p.
- BERELSON, Bernard. **Content analysis in communication research**. [S.I.]: Free Press, 1952. 320 p.
- BLAKE, Virgil L. P. & TJOUMAS, Renee. Research as a factor in faculty evaluation : the rules are A-changin'. **Journal of Education for Library and Information Science**, v.31, n.1, p.3-24, 1990.
- BOBINSKI, G. S. Doctoral Programs in Library and Information Science in the United States and Canadá. **Library Trends**, Illinois, v.34, n.4, p.687-714, spring, 1986.
- BUSHA, Charles H. & HARTER, Stephen P. **Research methods in Librarianship**: techniques and interpretation. New York: Academic Press, 1980. 415 p. (Library and Information Science).
- CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformanda**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. 336 p. (Coleção educação em questão).
- FEEHAN, Patricia E. et al. Library and information science research: an analysis of the 1984 journal literature. **Library and Information Science Research**, v.9, p.173-185, 1987.
- FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira**: reforma ou revolução? São Paulo : Alfa Ômega, 1975.

- GOMES, Maria Yeda F. S. de Filgueiras. **Le rôle de l'état dans la mise en place d'une politique nationale d'information scientifique et technique: le cas du Brésil.** Paris: 1984. (These de doctorat de 3 ème cycle en sciences de l'information et de la communication).
- OS IMPASSES da cultura. **Visão**, Rio de Janeiro, v.43, n.6, p.101-130, 1973.
- JÄRVELIN, Kalervo & VAKKARI, Pertti. Content analysis of research articles in Library and Information Science. **LISR**, v.12, p.395-421, 1990.
- _____. The evolution of Library and Information Science 1965-1985 : a content analysis of journal articles. **Information Processing & Management**, Great Britain, v.29, n.1, p.129-144, 1993.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade.** São Paulo: Loyola, 1992. 195p.
- LADRIÈRE, Jean. **Filosofia e práxis científica.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. 193 p. (Coleção episteme).
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974).** 5. ed. São Paulo: Ática, 1985. 303 p.
- NEVES, Teodora Marly Gama das. **Histórias e temáticas do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.** Rio de Janeiro, 1992. 286 p.
- OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. **Análise da classificação Decimal Universal (CDU) e os esforços que estão sendo realizados para a sua transformação em linguagem universal de informação científica.** Rio de Janeiro, 1977, 81 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PERITZ, Bluma C. The methods of Library Science research : some results from a Bibliometric survey. **Library research**, v.2, p.251-268, 1980-81.

VOGT, Carlos & CIACCO, Cesar. Universidade e empresa : a interação necessária. **Revista USP**, São Paulo, v.25, p.24-31, março/maio 1995.

ABSTRACT

This article analyses a whole of 215 dissertations of the Graduate Program in Information Science of IBICT/UFRJ, between 1972 and 1995, from a historical and critical standpoint. Its is based on quantitative analyses.

Key words: Graduate Program in Information Science; Research in Library; Information Science.

TÍTULOS DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO: PUCCAMP E UFMG (1990/1994)*

Elbe Benetti SODEK
PUCCAMP

Rosanara Urbanetto PERES
UFSM

Maria Valéria Guimarães P. de Camargo
ITAL

Ivania Aparecida Morche de Jesus
UDESC

RESUMO

Foram analisados os títulos de 72 dissertações de Mestrado da PUCCAMP e da UFMG, 1990 a 1994; quanto a amplitude vocabular, espaço gráfico e tipos de oração. Concluiu-se que a diferença da média de amplitude vocabular e de espaço gráfico entre as duas instituições não foi relevante. No que diz respeito, ao tipo de oração, a maioria foi declarativa, com exceção de apenas uma interrogativa.

Palavras-chave: Títulos de dissertações; Amplitude vocabular; Espaço gráfico; Orações.

INTRODUÇÃO

Com o avanço da Ciência e Tecnologia, surgiu uma quantidade considerável de literatura, verificou-se a urgência de

(*) Trabalho realizado na disciplina **Metodologia do trabalho científico**, curso de Mestrado, Puccamp, ministrado pela Prof^a Dr^a Geraldina P. Witter.

organizar novos caminhos para propagar as informações científicas. De acordo com Juliano (1994), o desenvolvimento da ciência se realiza por meio de pesquisas que se acumulam em cada área do conhecimento humano, sendo que a investigação científica proporciona um estudo profundo das descobertas, propiciando o desenvolvimento da área e a sua afirmação como ciência.

A busca da informação é uma tarefa da qual nenhum profissional que tenha por objetivo levantar as informações de que precisa para pesquisar pode deixar de executar, podendo ser levantamento bibliográfico, revisão de literatura. Esta pode ser feita de forma sistemática ou metodologicamente visando atender objetivos imediatos, a curto prazo ou até mais distantes, mas a opção por um levantamento sistemático ou um controlado metodologicamente é que irá caracterizar o produto que se espera apresentar. Os tipos de levantamento assumem esta caracterização porque implicam ir às fontes, recuperar dados que poderão oportunizar, embasar ou direcionar o trabalho em curso. Já as fontes permitem ao autor ter conhecimento mais profundo do problema que está pesquisando. Nesta busca os títulos dos trabalhos se constituem em pistas significativas para o usuário da informação.

Estas fontes de informação assumiram, no século XVII, a forma de periódicos, lançando-se a pedra fundamental para transmitir o conhecimento científico ao mundo. Segundo as palavras de Castro (1977, p.76), "o conhecimento científico tem caráter cumulativo e o investigador retoma o problema onde seus antecessores o abandonaram...". Completando esta idéia Witter (1990, p.14), diz: "não cuidar deste aspecto leva à duplicação desnecessária de coleta de dados".

Os dados científicos encontram-se registradas nos periódicos e nos trabalhos científicos de cada área, divulgando portanto, as pesquisas realizadas pelos cientistas para que outros pesquisadores possam avaliá-la, registrá-la ou rejeitá-la, além de serem a base para que novos projetos possam ser gerados. Para facilitar a comunicação, os títulos dos trabalhos devem ser considerados como elementos relevantes e como tal cuidados por seus autores.

A busca da informação e a revisão de literatura tornou-se, com o tempo, para alguns pesquisadores objeto de estudo para

colaborar com seus colegas (pesquisadores), preocupando-se em identificar os métodos ou procedimentos utilizados, desta forma, proporcionando que os relatos científicos sejam melhor sustentados e evitando desta maneira duplicidade, conseqüentemente economia de recursos em pesquisas superadas ou cuja solução já foi encontrada.

O investigador deve estar constantemente aberto a detectar novos temas, problemas e hipóteses e também a retomar problemas que seus antecessores abandonaram ou exploraram apenas até certo ponto. Neste tipo de procedimento salienta-se mais ainda a importância de não adotar-se a tendência de utilizar somente as fontes próximas.

O levantamento sistemático exige do pesquisador a adoção de estratégias pessoais, pois estas podem ocorrer em níveis, amplitudes e complexidade diversas, supondo que estes procedimentos demandam muito tempo, poderá utilizar-se dos serviços especializados em levantar nas obras de referência e nas revistas, indicadas pelo pesquisador, publicações de um dado período sobre um determinado assunto.

Segundo Braga (1982) para a recuperação da informação, os artigos de periódicos possuem uma estrutura composta principalmente por: autor, título, resumo e citações, que se constituem em pontos de acesso ao conteúdo do artigo e do texto. Cada um desses elementos tem funções chaves de descrição e representação.

O título constitui uma estrutura que dá acesso ao conteúdo dos trabalhos, tendo em vista sua utilização para a indexação e recuperação. Além do título, o resumo também é utilizado em esquemas de indexação (processo KWIC), com a vantagem de ser uma estrutura mais completa que o título. Como diz Juliano (1994), o resumo é a melhor fonte para o leitor ter conhecimento do texto e tomar decisão quanto a necessidade efetiva de ter em mãos o documento. Mas o título é também uma variável relevante especialmente por atrair ou afastar eventuais leitores, sendo o primeiro contato do leitor com o texto.

Ao escolher um título para uma obra, o autor tem que lembrar que será a parte mais presente em publicações, sendo assim, é necessário ter o maior cuidado nesta escolha. O sucesso de um artigo, muitas vezes, depende do enunciado do título, para que isso

ocorra é importante frisar que não se pode desperdiçar nenhuma palavra com comunicações excessivas ou auto evidentes. O título é um aspecto relevante do discurso científico sendo o primeiro contato entre leitor texto-autor. Deve obedecer a normas específicas para facilitar a comunicação e a inserção de trabalho nas bases de dados.

De acordo com Feitosa (1987), deve-se procurar representar nos títulos os pontos importantes do trabalho, para que ele seja proveitoso ao leitor, facilitando a busca do tema do artigo.⁴ Um título pode ter maior impacto expressivo se explicitar melhor a informação. "Algumas vezes é aconselhável fazer título bipartido, para torná-lo mais forte, mais incisivo". Neste caso entra a importância dos títulos realmente fornecerem o assunto ao qual o trabalho se relaciona, para não ocorrer do pesquisador receber após sua busca uma série de obras distantes do seu problema de pesquisa.

Entretanto, a principal função do título é semântica e cognitiva. O título resume a informação mais importante ou interessante do texto. Os textos em geral têm uma estrutura temática representada pelas chamadas "macro-estruturas semânticas" (Dijk, 1986). Essa estrutura hierárquica consiste de macro-proposições que expressam as informações mais relevantes do texto. A ação do título não se faz sentir apenas no período anterior à leitura; durante a compreensão do texto, o leitor faz uso das "macro-estruturas semânticas", isto é, ele constrói temas para organizar a grande quantidade de detalhes, a fim de que possa entender e armazenar na memória a informação. As funções cognitivas do título são relevantes também para a reprodução posterior das informações textuais. Na memória, os textos também estão representados com uma organização macro-estrutural que permite ao leitor procurar e recuperar informações armazenadas (Terzi, 1992).

Um título além de ser claro e conciso deve ser objetivo. Com freqüência os títulos de trabalhos científicos não são atraentes, pois alguns são padronizados, por requisitos editoriais (identificação de séries ou coleções) e outros revelam pouca criatividade. Para que isso não ocorra, é necessário que o autor use "o princípio da variação, criando designações bem contrastantes, submetendo-as a colegas e a não-especialistas, antes de optar pelo título definitivo" (Matos, 1988, p.779).

O título é uma recapitulação, sobre o que foi escrito no documento. Há possibilidade de chamá-lo de etiqueta do trabalho. O título é a indexação inicial do texto. Os vocábulos dos títulos, selecionados pelo escritor são primordiais para a recuperação do assunto e processo de indexação. Eles devem ser completos no sentido de enunciar o tema e conter as variáveis relevantes trabalhadas pelo autor. A principal variável a influir na definição do título é a transparência, para o leitor destas informações. Logo o título de um trabalho científico não é similar ao de uma produção literária ou artística, ou mesmo de marketing comercial. Deve-se pautar pela precisão científica.

O objeto desta análise foram as dissertações de mestrado, tipo de discurso que, segundo Severino (1983), pode ser definida como uma comunicação dos resultados de uma pesquisa sobre um assunto único e bem delimitado, sendo desenvolvida seguindo as mesmas regras metodológicas, técnicas e lógicas do trabalho científico.

Vale a pena retomar as palavras de Witter et al. (1988) segundo as quais o discurso científico pode ser definido como uma modalidade complexa de poder - fazer - saber, tendo por objetivos simultâneos a busca da verdade e a construção do saber, o que também deve estar refletido no título do trabalho.

É oportuno reiterar que a atividade de busca de informação é um processo contínuo, pois concluída e publicada a pesquisa, o autor deverá seguir atento acompanhando como ela foi recebida, se foi citada, se inspirou outros trabalhos, se foi bem interpretada no momento em que foi citada. Permeia este quadro o título enquanto variável para localização da informação e para levar o leitor a ler ou a rejeitar o texto.

Considerando-se a relevância das bases de dados, os autores, ao darem títulos aos seus trabalhos, devem levar em consideração, mais particularmente o espaço reservado (número específico de toques) para a inclusão dos títulos. Caso contrário, corre

o risco de tê-lo incluído parcialmente ou recorrer-se a abreviações que nem sempre são facilmente decodificadas pelos leitores.

Neste contexto é que foi elaborada a presente pesquisa para verificar: (1) a amplitude vocabular encontrada nos títulos das dissertações de mestrado; (2) analisar a extensão média dos títulos; (3) levantar a estrutura frasal com relação aos tipos de orações; (4) comparar títulos de dissertações de duas instituições e (5) comparar a amplitude de espaços gráficos.

MÉTODO

Material

Foram analisados os títulos de 72 dissertações de mestrado, sendo 28 da UFMG e 44 da PUCCAMP. Todas defendidas no quinquênio de 1990 a 1994.

Procedimento

Considerou-se como título também as partes enunciadas dentro de parênteses, após dois pontos e/ou travessão, incluindo apostos como subtítulo.

As dissertações foram agrupadas por ano de defesa e os dados foram coletados, levantando a amplitude maior e menor com relação ao número de vocábulos e também foi levantada a estrutura frasal referente ao tipo de oração utilizada na elaboração do mesmo.

Amplitude foi aqui utilizada como sendo "o valor máximo de uma grandeza que varia periodicamente segundo uma lei harmônica simples" (Ferreira, 1995, p.39).

Considerou-se que "oração, às vezes, é sinônimo de frase ou de período (simples) quando encerra um pensamento completo e vem limitada por ponto-final, ponto-de-interrogação, de-exclamação e, em certos casos, por reticências" (Garcia, 1988, p.6).

Quanto ao tipo de oração as dissertações foram analisadas e agrupadas de acordo com três tipos de oração: declarativa, interrogativa e exclamativa.

Para a contagem dos vocábulos dos títulos das dissertações, foram consideradas como palavra única:

- números considerados como datas dentro de parênteses;

Exemplo: (1977/1989)

Nas dissertações:

“A biblioteca universitária nas fundações educacionais de Santa Catarina: análise dos recursos humanos, financeiros, físicos e materiais em relação à instituição mantenedora, no período de 1984 a 1986” (Henrique, 1990), foram contados 28 vocábulos.

“Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras” (Oliveira, 1993), título constituído por sete vocábulos.

Em relação à contagem de espaço gráfico dos títulos das dissertações, foram consideradas cada uma das letras das palavras e os espaços entre elas.

Nas dissertações:

“Desempenho do pessoal em bibliotecas universitárias em relação à execução de tarefas profissionais e não-profissionais e à aplicação de política de pessoal: o caso de UFRGS” (Machado, 1990), foram contados 171 espaços gráficos.

“Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras” (Oliveira, 1993), onde foram contados 68 espaços gráficos.

Como exemplos de tipos de oração podem ser referidas as dissertações:

“Uso e comunicação de informação científica e técnica em uma instituição de pesquisa e desenvolvimento na área nuclear” (Ferreira, 1994), do tipo declarativa.

“Um estudante universitário - um programa de educação de usuários - um usuário de biblioteca?” (Pregnotatto, 1994), do tipo interrogativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os resultados obtidos na tabela 1, em relação a amplitude vocabular pode-se observar que tanto na PUCCAMP quanto na UFMG os valores maiores correspondem ao ano de 1990, e são respectivamente 28 e 27. Com referência a amplitude vocabular menor, o valor sete na PUCCAMP refere-se aos anos de 1990, 1991 e 1993, e na UFMG o valor oito aos anos de 1990, 1992 e 1993. Conclui-se que a amplitude vocabular maior e menor foi praticamente idêntica para as dissertações de mestrado das duas universidades.

Tabela 1 - Amplitude vocabular e de espaço gráfico usados nos títulos das dissertações de Mestrado da PUCCAMP e UFMG.

Instituição		PUCCAMP							
		Amplitude vocabular			Número vocábulos	Amplitude de espaço gráfico			Número bytes
Ano	N	maior	menor	média	média	maior	menor	média	média
1990	10	28	7	17,5	16,9	198	51	124,5	111,3
1991	7	20	7	13,5	14,4	147	52	99,5	101,7
1992	9	19	10	14,5	12,8	112	66	89,0	84,7
1993	8	22	7	14,5	14,5	137	52	94,5	102,0
1994	10	19	8	13,5	12,3	137	49	93,0	87,4
Sub-total	44	28	7	14,7	14,2	198	66	100,1	97,4

UFMG

Ano	N	maior	menor	média	média	maior	menor	média	média
1990	6	27	8	17,5	14,3	171	70,	120,5	100,2
1991	5	18	10	14,0	14,2	142	79	110,5	106,2
1992	6	24	8	16,0	14,3	151	53	102,0	92,0
1993	7	22	10	16,0	17,3	133	72	102,5	117,9
1994	14	20	8	14,0	14,5	124	56	90,0	93,3
Sub-total	28	27	8	15,5	14,9	171	53	105,1	101,9

Comparando a média da amplitude vocabular maior e menor das duas universidades, conclui-se que a diferença é insignificante: 14,7 e 15,5 respectivamente (teste t $p > 0,05$: diferença crítica = 2,3).

Foi efetuada a tabulação quanto a amplitude de espaço gráfico, sendo a maior 198 e 171 na PUCAMP e na UFMG no ano de 1990, enquanto que o menor espaço gráfico 49 detectado na PUCAMP no ano de 1994 e na UFMG o menor valor foi 53 no ano 1992. A diferença da média de amplitude de espaço gráfico não foi relevante, sendo que na PUCAMP é de 100,1 e na UFMG é de 105,1 (teste t $p > 0,05$: diferença crítica = 18,6)

Na análise de amplitude vocabular são considerados apenas os valores extremos (maior e menor). Foi calculado também o número de vocábulos de todas as teses pesquisadas e a média aritmética tabulada (tabela 1). De modo geral, os valores obtidos são semelhantes aos valores da média de amplitude. A média geral foi de 14,2 vocábulos por tese na PUCAMP e 14,9 para a UFMG, diferença estatisticamente não-significativa (teste t $p > 0,05$: diferença crítica = 2,3). Uma medida nos mesmos moldes foi também realizada para o espaço gráfico. Neste caso foi encontrado uma média de 97,4 bytes por tese (PUCAMP) e 101,9 (UFMG). Esta diferença entre escolas também não é significativa (teste t $p > 0,05$: diferença crítica = 15,8).

O título mais longo, contendo 28 vocábulos, foi encontrado na dissertação de Henrique (1990), ocorrido na PUCAMP, com o título: "A biblioteca universitária nas fundações educacionais de Santa Catarina: análise dos recursos humanos, financeiros, físicos e materiais em relação à instituição mantenedora, no período de 1984 a 1986". Este título contraria as recomendações de Matos (1988), para quem um título deve ser conciso, sem supérfluos ou palavras e locuções repetitivas. No caso da tese de Henrique poderia eliminar: "em relação à instituição mantenedora", pois esta parte do título já está implícita nas palavras "fundações educacionais" mencionadas no início. Além do mais, "no período de 1984 a 1986" pode ser substituído por "(1984/1986)".

Deste modo, os títulos menores, contendo sete vocábulos, das dissertações de Novaes (1990), Martins (1991) e Oliveira (1993),

com os respectivos títulos: "A orientação de usuário de informação bibliográfica", "Ensino de ciência: apostilas como material didático", "Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras", além de concisos são claros e concretos. Segundo Matos (1988), saber criar títulos é uma exigência da comunicação eficaz que deve ser valorizado e aprimorado.

De acordo com a ABNT através da norma NB/88 de julho de 1987, sobre o resumo das teses, recomenda-se que seja breve, contendo apenas 500 palavras. Já no caso dos títulos não foi encontrado nenhuma norma estipulada pela ABNT, mas a CAPES no seu formulário do SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO, **PRODUÇÃO CIENTÍFICA - BANCO DE TESES - G**, estabelece que as dissertações e teses apresentem um título que tenha apenas 210 "bytes". Levando em consideração uma média de 14,2 vocábulos das 44 teses analisadas na PUCCAMP (tabela 1) e uma média do espaço gráfico correspondente de 97,4, calcula-se que o espaço estipulado pela CAPES (210 bytes) é suficiente para conter, em média, 30,6 vocábulos. Cálculo semelhante com os dados da UFMG (tabela 1) revela um valor de 30,7. Chega-se à conclusão de que todas as teses analisadas na PUCCAMP e UFMG estão dentro do padrão do formulário **G** da CAPES, pois a tese de maior amplitude vocabular apresenta 28 vocábulos.

Entretanto é importante lembrar, que a função cognitiva do título é de informar o leitor do conteúdo do texto. Um título com uma quantidade extensa de detalhes pode prejudicar o armazenamento da informação na memória do leitor, podendo também provocar um enviesado na compreensão do assunto (Terzi, 1992).

Os dados da tabela 2 demonstram que no período de 1990 a 1994, o tipo de oração dominante tanto na PUCCAMP quanto na UFMG são declarativas, entretanto, em 1994, na PUCCAMP, ocorreu uma única oração interrogativa, mostrando, portanto que esse tipo não é usual nos títulos de dissertações de mestrado. O teste de independência quanto a tipo de oração (declarativa) mostrou não haver diferença significativa atribuível à variável escola, posto que $X^2_o = \text{zero}$ e $X^2_c = 3,84$.

Tabela 2 - Tipos de orações usadas na dissertações da PUCAMP e UFMG.

Instituição	PUCAMP				UFMG	
	Tipo de oração				Tipo de oração	
Ano	Declarativa		Interrogativa		Declarativa	
	F	%	F	%	F	%
1990	10	100	0	0	6	100
1991	7	100	0	0	5	100
1992	9	100	0	0	6	100
1993	8	100	0	0	7	100
1994	9	90	1	10	4	100
Total	43	98	1	2	28	100

Os resultados aqui apresentados permitem concluir que: a) nas duas universidades apenas um título foi interrogativo; os demais sendo declarativos; b) quanto à amplitude vocabular e espaço gráfico, a tendência geral manteve-se dentro dos padrões da CAPES; c) não é estatisticamente significativa a diferença entre a PUCAMP e UFMG quanto à amplitude vocabular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, L. M. **Palavras de títulos e resumos como acesso ao conteúdo do documento**: uma análise numérica. Rio de Janeiro: IBICT, UFRJ, 1982 (Dissertação de Mestrado).
- CASTRO, C. de M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- DIJK, T. A. van. New Schemata. **Studying writing**: linguistic approaches. Beverly Hills: Sage, 1986.
- FEITOSA, V. C. **Comunicação na tecnologia o recado na ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988.
- HENRIQUE, I. T. **A biblioteca universitária nas fundações educacionais de Santa Catarina: análise dos recursos humanos, financeiros, físicos e materiais em relação à instituição mantenedora, no período de 1984 a 1986**. Campinas: PUCAMP, 1990 (Dissertação de Mestrado).
- JULIANO, A. M. R. **Análise de resumos da dissertações de mestrado em Biblioteconomia** PUCAMP (1988-1992). Campinas: PUCAMP, 1994 (Dissertação de Mestrado).
- MACHADO, I. C. N. **Desempenho do pessoal em bibliotecas universitárias em relação à execução de tarefas profissionais e não-profissionais e à aplicação de política de pessoal: caso da UFRGS**. Belo Horizonte: UFMG, 1990.
- MARTINS, A. R. **Ensino de ciência: apostilas como material didático**. Campinas: PUCAMP, 1991. (Dissertação de Mestrado).
- MATOS, F. G. de. O título de um trabalho científico: claro, conciso, concreto e criativo. **Ciência e Cultura**, v.40, n.8, p.778-779, 1988.
- NOVAES, L.. **A orientação de usuário de informação bibliográfica**. Campinas: PUCAMP, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, N. M. **Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras**. Campinas: PUCAMP, 1993 (Dissertação de Mestrado).
- PREGNOLATTO, S. M. N. de O. **Um estudante universitário - um programa de educação de usuários - um usuário de biblioteca?** Campinas: PUCAMP, 1994 (Dissertação de Mestrado).
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático, científico na Universidade**. 9.ed. São Paulo: Cortez /Autores Associados, 1983.
- TERZI, S.B. Processos de relevância no texto jornalístico: títulos enviesados e tangenciais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.20, p.119-131, 1992.

WITTER, G. P et al. Saber, poder e fazer nos títulos de dissertações de mestrado em Psicologia da PUCAMP. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.5, n.2, p.70-83, 1988.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estudo de Psicologia**, Campinas, v.7, n.1, p.5-30, 1990.

ABSTRACT

The titles of 72 Masters dissertations produced at the Universities of PUCAMP and UFMG between 1990 and 1994 were analyzed for vocabular amplitude, number of bytes, and phraseology. It was concluded that there was no relevant difference between the two institutions as to the vocabular amplitude and byte number. With regard to phraseology, the majority of titles were found to be declaratory, while only a single case was interrogatory.

Key words: Dissertation titles; Vocabular amplitude; Byte number; Phraseology.

COMPARAÇÃO DO USO DO "CD-ROM" POR PESQUISADORES DO SETOR ESPACIAL EM DUAS INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS

Maria do Carmo de C. NOGUEIRA
INPE
Elaine NUCI
ITA

RESUMO

Foram analisados o uso das bases de dados em "cd-rom" num determinado período pelos pesquisadores graduandos e pós-graduandos de duas instituições distintas do setor espacial. Neste estudo pretendeu-se apresentar o panorama desta nova tecnologia comparando os resultados dos doze sujeitos em relação às suas perspectivas, grau de satisfação. Pode-se constatar e concluir a necessidade de se observar a utilização deste instrumental para se otimizar o custo/benefício deste tipo de informação.

Palavras-chave: Cd-rom; Bases de dados; Pesquisadores; Novas tecnologias; Área espacial; Pesquisa.

INTRODUÇÃO

A ciência e a tecnologia da informação desenvolveram bases de dados para manipular, disseminar, acessar e recuperar grandes quantidades de dados de forma rápida e eficiente em todas as áreas do conhecimento (Lopes, 1991).

A recuperação do montante de informações, produzidas nos dias de hoje, impulsiona um crescente desenvolvimento dessas novas tecnologias de armazenamento e de busca. Para dar suporte aos seus usuários, as bibliotecas universitárias e especializadas, mais comprometidas com a pesquisa científica vêm agilizando o conhecimento e a implantação desses novos meios e serviços.

Dentre as diversas tecnologias existentes, destacou-se na presente pesquisa as bases de dados em "cd-rom", principalmente por oferecer facilidade de uso por parte dos usuários, baixo custo e rapidez da informação.

Contudo, há outras vantagens como economia de espaço e tempo, grande capacidade de armazenamento de dados, durabilidade e permanência da informação armazenada.

Vale ressaltar ainda que o "cd-rom" permite a privacidade de consulta, padronização do formato da gravação, maior número de pontos de acesso, visando atender às necessidades informacionais. Portanto, devido aos inúmeros benefícios, a preferência nas bibliotecas pelo uso do "cd-rom" está aumentando gradativamente, bem como se adequando aos serviços de informação, proporcionando informações atualizadas e confiáveis, pesquisas de forma ilimitada e aproximando ainda mais o usuário diretamente às fontes de informação (De Paula, 1992).

O uso da tecnologia do "cd-rom" para recuperação da informação nos países desenvolvidos teve um grande impacto a partir de 1985 (Stabler, 1993), sendo mais recentemente utilizada nos países em desenvolvimento especialmente pelas bibliotecas universitárias e especializadas (Tarpani & Ferreira, 1992). Consiste em uma ferramenta a mais para o progresso da informação, informação eletrônica com segurança, sem depender das telecomunicações (De Paula, 1991).

O acesso ao "cd-rom" é feito em qualquer leitora de disco (drive). Essas bases de dados são fontes de informação computadorizadas que podem ser pesquisadas de modo interativo em qualquer microcomputador (Cunha, 1994).

Vale lembrar ainda que o "cd-rom" também permite partilhar informações, integrando dados de diversos acervos facilitando

seu acesso e localização e promovendo otimização de custo-benefício do capital investido, é o caso das Universidades paulistas: USP/UNICAMP/UNESP (Lucas & Ribeiro, 1994).

Além de textos e números, o "cd-rom" pode armazenar gráficos, sons, vídeo, animação e imagens, caracterizando-se como um recurso de interação multimídia, o que o torna mais atraente para o usuário e mais informativo. O usuário interage diretamente com as informações e as tem sob seu controle. Já é amplamente utilizado para dicionários, enciclopédias (De Paula, 1991), o que amplia a gama de pessoas que podem se interessar em consultá-los.

A tecnologia "cd-rom" frente a outros sistemas é ímpar nos países em desenvolvimento, porque a atualização trimestral ou quadrimestral não representa empecilho e as suas duas grandes vantagens são o custo fixo da assinatura e/ou renovação e a não existência de restrições quanto ao tempo de uso, deixando o usuário trabalhar tranquilo, reformulando suas estratégias de busca quantas vezes forem necessárias.

As bibliotecas dos Institutos de Pesquisa já estão substituindo a aquisição de seus produtos impressos pelas bases de dados em "cd-rom". Esse meio de armazenagem de informação está sendo revolucionário e tem conduzido a biblioteca a uma exploração infinita de novos serviços (Chishtl, 1993).

Outro aspecto tratado nas pesquisas relativas ao "cd-rom" refere-se às implicações desta tecnologia comparada às outras mídias (on-line, impresso). Segundo Cibbarelli (1993), com o objetivo de analisar a proliferação das fontes de informação eletrônica, existem fatores relevantes na seleção da mídia apropriada, a fim de satisfazer as necessidades de busca da informação. Isto pede atenção constante e pesquisas conduzidas junto aos usuários.

Ciente das vantagens expressas nos parágrafos anteriores e da necessidade de pesquisar como o usuário brasileiro da área espacial está reagindo a este novo instrumental é que foi planejado o presente estudo.

Também levou-se em consideração, estatísticas diárias de uso do "cd-rom" e mostraram que potencialmente são os pesquisadores, os universitários e pós-graduandos que mais precisam de

informação científica, cabendo ao bibliotecário conhecer como os primeiros se situam face às novas tecnologias para melhor poder exercer suas funções.

Foram então estabelecidos os seguintes objetivos:

- analisar e comparar a perspectiva dos pesquisadores, graduandos e pós-graduandos de dois centros de informação, frente a utilização das bases de dados em "cd-rom"; e
- verificar aspectos em relação ao conteúdo do "cd-rom" e o impacto desta tecnologia.

MÉTODO

Caracterização dos dois Institutos de Pesquisa:

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (**INPE**), constitui a principal **instituição civil** responsável pelo desenvolvimento das atividades espaciais no Brasil. Criado em 1971 sucedendo a Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CNAE), que já existia desde agosto de 1961. O INPE é subordinado ao **Ministério da Ciência e Tecnologia**.

Atualmente as atividades do Instituto é a de promover e executar pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico nos seguintes campos: Ciências Espaciais e Atmosféricas, Meteorologia, Sensoriamento Remoto, Computação, Aplicações Espaciais, e Engenharia e Tecnologia Espacial.

O INPE conta com um efetivo de 1300 funcionários dos quais 367 são pesquisadores, 178 com o grau de doutor e 189 com o grau de mestre. Sua estrutura acadêmica compõe-se de 217 alunos, sendo 135 mestrandos e 82 doutorandos.

O Serviço de Informação e Documentação (SID) criou sua Biblioteca em 1963 e mantém um sistema automatizado, com software desenvolvido no próprio Instituto e está interligado via INTERNET com o mundo. O quadro funcional do SID é atualmente formado por 5 auxiliares e 7 bibliotecárias, das quais 2 executam atividades no

setor de referência e atendimento ao usuário, cujo local possui o sistema de base de dados em cd-rom, o qual originou objeto de estudo desta pesquisa.

O Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) está localizado em área militar que pertence ao **Ministério da Aeronáutica**. Entre os cursos oferecidos, o de Engenharia é reconhecido internacionalmente. O corpo docente altamente especializado e alunos brilhantes com uma carreira profissional praticamente garantida no mercado de trabalho.

A pós-graduação funciona com cursos de mestrado e doutorado nas áreas afins do instituto. O ITA conta com 133 professores-pesquisadores, dos quais 80 com o grau de doutor, 28 com o grau de mestre, 9 como graduados e 16 pesquisadores. Os alunos da pós-graduação são 422, sendo 270 matriculados no mestrado e 152 no doutorado.

A Biblioteca do ITA possui um acervo considerado padrão, um sistema automatizado, interligado em rede com a FAPESP, RNP e INTERNET, incluindo um sistema de base de dados em cd-rom, assistido por três bibliotecários, os quais elaboram as pesquisas juntamente com seus usuários.

Há uma preocupação incomum aos dois institutos quanto ao uso do "cd-rom": a biblioteca do INPE em treinar e preparar o pesquisador para ser independente do bibliotecário na realização de suas pesquisas e a biblioteca do ITA em trabalhar junto com o pesquisador nas suas buscas de informação. As duas estratégias parecem ser bastante positivas, dando origem a outros estudos e avaliações.

Sujeitos

Neste estudo preliminar a amostra foi pequena, uma vez que a aquisição dos cd-rom era recente e só um grupo restrito de alunos solicitou por este tipo de serviço; portanto, nesta pesquisa foram selecionados 12 sujeitos. Os seis de cada instituição que freqüentaram a biblioteca no período de uma semana, no início de

maio de 1995. A seleção foi elaborada de acordo com sorteio equiprobabilístico do momento da coleta (Fisher & Yates, 1971).

Biblioteca do **INPE**

Este grupo, constituiu-se de pesquisadores homens e mulheres **pós-graduandos** de mestrado e doutorado, alguns exclusivamente como bolsistas, oriundos de outras instituições e outros funcionários pesquisadores da própria instituição.

Biblioteca do **ITA**

Este grupo foi composto por pesquisadores **pós-graduandos e graduandos**, estes constituídos só de homens, pois não permitiam mulheres no curso de Engenharia do ITA até o ano de 1995.

Material

Em função dos objetivos propostos foi utilizado o seguinte material:

- Roteiro para a entrevista (Anexo 1) - constaram desse roteiro, nome do entrevistado, graduando ou pós-graduando, área e instituição. Foi explicado o objetivo da pesquisa e feitas algumas perguntas referentes ao uso da base de dados em "cd-rom". Durante a entrevista foram formuladas questões sobre que base de dados atendiam suas necessidades, que atributos da base eram usados pelo sujeito; número de palavras usadas na busca; avaliação da base; aspectos das referências obtidas; avaliação de marketing da base e satisfação com o "cd-rom".

Procedimento

Para a realização da pesquisa, os sujeitos foram entrevistados na sala de acesso a base de dados das duas bibliotecas, de acordo com o roteiro previamente descrito pelas próprias Autoras.

Ficou explícito que na apresentação do trabalho, resultante da pesquisa seria mantido o anonimato quanto aos informantes. Ao final da entrevista agradeceu-se a colaboração dos sujeitos.

Todas as 12 entrevistas foram transcritas pelas respectivas pesquisadoras responsáveis pela pesquisa das duas instituições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procedeu-se à análise das questões das entrevistas através da tabulação de todas as respostas dos sujeitos, estabelecendo-se categorias e a comparação das duas Instituições.

As respostas às questões estão descritas, categorizadas e apresentadas nas tabelas 1 e 2, após a conceituação dessas categorias que para melhor compreensão estão definidas na mesma seqüência:

No que se refere às BASES DE DADOS - considerou-se nesta categoria somente as bases de dados em "cd-rom" que as duas instituições possuem no acervo. As bases adquiridas são:

- **UNIBIBLI** - referem-se as teses, títulos de periódicos e livros que as universidades paulistas (USP, UNICAMP, UNESP) têm indexadas no acervo;

- **COMPENDEX** - incluem os artigos de periódicos, anais e relatórios na área de Engenharia;

- **IC DISCRETE** - compreendem as especificações e normas técnicas de componentes de circuitos integrados discretos;

- **IBICT** - estão inseridas todos os títulos de periódicos, em todas as áreas das bibliotecas brasileiras que cooperam com o Catálogo Coletivo Nacional, assim como as teses e eventos.

- **NTIS** - incluem principalmente os relatórios técnicos da NASA cobrindo a área espacial; aeronáutica e astronáutica;

- **INSPEC** - formada pelas áreas de física, computação, eletrônica constituída por artigos, relatórios técnicos; e

- **DISSERTATION INTERNATIONAL ABSTRACTS** - cobrem as teses e está subdividida por área do conhecimento, no caso específico a parte de Engenharia.

No que tange ao ATRIBUTO "CD-ROM" - são abordadas nesta categoria os atributos característicos numa estratégia de busca de pesquisa. Os atributos selecionados foram: AUTOR - as pesquisas elaboradas pelo sobrenome do respectivo autor, ASSUNTO - os descritores ou palavras-chave indexadas, TÍTULO - são palavras do título de algum periódico, livro, tese ou relatório.

Na categoria **QUANTAS PALAVRAS-CHAVE** - aqui englobam a quantidade de palavras necessárias à estratégia de busca para efetuar uma pesquisa.

Com relação à **AVALIAÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVE** - visam os aspectos de desempenho quanto à indexação das palavras-chave; **ATENDE BEM** - significa que a relação das palavras estão adequadas; **FALTA PADRONIZAÇÃO** - o enfoque das palavras não estão abordados de maneira satisfatória; **REDUNDANTE** - ressaltam palavras no singular e plural confundindo na elaboração de uma estratégia de busca.

As demais categorias foram conceituadas, mais quanto aos **aspectos qualitativos** do uso do "cd-rom" da seguinte forma:

No que diz respeito à **QUANTAS REFERÊNCIAS RELEVANTES** - são classificados aqui a quantidade de referências que são realmente úteis à pesquisa: **TODAS** - que foram pesquisadas; **META-DE** - das referências selecionadas; **UM TERÇO** - daquilo que foi recuperado; **NENHUMA** - referência sem relevância.

No item **QUANTOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS** - nesta categoria mostram quantos documentos foram possíveis de encontrar.

No **PRÓPRIO ACERVO** - são os documentos encontrados na própria instituição; em **OUTRA INSTITUIÇÃO** - são as informações localizadas fora da instituição de origem.

Quanto à **DIVULGAÇÃO/MARKETING** - são inseridas nesta categoria as opiniões referentes ao trabalho feito em função da promoção das bases de dados: **FALTA DIVULGAÇÃO** - se refere a pouca informação sobre as bases de dados em cd-rom; **SUFICIENTE DIVULGAÇÃO** - indica que as informações a respeito das bases em cd-rom foram satisfatoriamente articuladas.

Na categoria **GRAU DE SATISFAÇÃO** - avalia-se o quanto as bases de dados em "cd-rom" estão satisfazendo suas necessi-

dades informacionais: **ÓTIMO** - quando atende perfeitamente as necessidades; **BOM** - apontam estar bem atendidos; **SATISFATÓRIO** - apresenta uma relativa satisfação; **REGULAR** - atende de forma insuficiente a suas necessidades.

Após a coleta dos dados, estes foram calculados individualmente por instituição. Foi um estudo piloto e os dados foram tratados em termos percentuais como mostra o mapeamento da situação encontrada.

Todavia, para se chegar à adequação do sistema foi feito um estudo de concordância entre a transcrição das entrevistas das duas instituições mediante a aplicação do teste de fidedignidade, utilizando-se a tradicional fórmula para análise de conteúdo e registros de observação: $IC = A/A + D$. 100, na qual, IC é o índice de concordância, A corresponde ao número de acordos e D é o número de desacordos. O índice alcançado foi de 53%, portanto não dentro dos padrões esperados cientificamente (75%) para estudos dessa natureza (Bomtempo, 1975).

Conforme a análise do quadro dos resultados dos índices de concordância, concluiu-se que na categoria BASE DE DADOS UNIBIBLI o índice foi baixo (50%). Entretanto, a base COMPENDEX (100%) demonstrou ser importante para as duas instituições; porém, já não aconteceu o mesmo com o IC DISCRETE que não foi utilizado por elas, no caso da base do IBICT obteve um índice de apenas 33%, NTIS, INSPEC e DISSERT.INT.ABST tiveram zero. Quanto a categoria ATRIBUTO CD-ROM, a pesquisa por AUTOR não foi selecionada por nenhum dos informantes, por outro lado, a busca por ASSUNTO alcançou 66% enquanto a de TÍTULO foi zero em acordos. Na categoria QTAS PALAVRAS CHAVES o índice foi de 75%, dentro do padrão esperado, como também quanto a AVALIAÇÃO PALAVRAS-CHAVE (ATENDE BEM) atingiu 100%, não mencionaram FALTA PADRONIZAÇÃO e quanto à redundância alcançaram 100%.

Com relação aos dados qualitativos, na categoria QTAS REFERÊNCIAS RELEVANTES (TODAS) nenhum dos informantes concordaram; METADE obteve 16%; UM TERÇO e NENHUMA também foi zero. Na categoria QTOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS houve concordância em 75%; PRÓPRIO ACERVO, 66%; OUTRA INSTI-

TUIÇÃO, 75%. No item DIVULGAÇÃO/MARKETING (FALTA DIVULGAÇÃO), 75%; SUFICIENTE DIVULGAÇÃO, 66%. Na categoria GRAU DE SATISFAÇÃO (ÓTIMO), 50%; BOM e SATISFATÓRIO obteve zero e não houve manifestação no item REGULAR.

Contudo, no que diz respeito à tabela, face ao quadro de IC, decidiu-se trabalhar com a média dos registros obtidos pelas duas instituições. Além das percentagens encontradas, vale destacar, que a tabulação das respostas pelos pesquisadores do INPE foi de 56% e para as emitidas pelos pesquisadores do ITA foi de 46%. No total foi obtido 41%. Um índice que preocupa e alerta para um estudo mais amplo sobre as bases de dados em cd-rom.

Tabela 1 - Aspectos quantitativos quanto ao uso do "cd-rom" pelos pesquisadores do INPE e ITA

SUJEITOS/ CATEGORIA	INPE		ITA		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
B. DADOS						
UNIBIBLI	4	66	2	33	6	50
COMPENDEX	5	83	5	83	10	83
IBICT	3	50	1	16	4	33
NTIS	-	-	2	33	2	16
INSPEC	-	-	1	16	1	8
DISS. INT. ABST.	-	-	1	16	1	8
ATRIB. CD-ROM						
ASSUNTO	4	66	6	100	10	83
TÍTULO	2	33	-	-	2	16
QTAS P. CHAV.	3	50	4	66	7	58
AVAL. P. - CHAVE						
ATENDE BEM	5	83	5	83	10	83
REDUNDANT.	1	16	1	16	2	16
TOT. INFORMANTES	6	56	6	46	12	41

Dos dados apresentados na tabela 1, observa-se na seqüência que as **BASES DE DADOS UNIBIBLI** é a segunda base mais utilizada pelo INPE (66%) e pelo ITA (33%), levando a crer que os títulos de periódicos ou livros ou teses das universidades paulistas são pesquisados com maior interesse pela primeira instituição. Como mencionado anteriormente, à guisa dessas universidades, mostram também outras alternativas, como a de partilhar as informações em "cd-rom" dos seus próprios acervos, otimizando custos, cujo exemplo deve ser imitado, pois é um fator de economia às instituições.

Todavia, a base COMPENDEX, com uma ocorrência de 83%, demonstra ser a base mais importante para as duas instituições, provavelmente por incluir periódicos e compreender todas as engenharias.

Entretanto, vale ressaltar que as bases de dados, que não tiveram utilização por parte dos entrevistados da pós-graduação e parecem estar subutilizadas como o IC DISCRETE, mereceriam um estudo à parte por haver similares destas bases em outro tipo de mídia. Observando-se a estatística mensal de uso, percebe-se também que são os pesquisadores não os pós-graduandos que utilizam esta base de cd-rom, provavelmente pelo seu conteúdo específico. Contudo, as bases do IBICT por parte do INPE obteve 50% e o ITA atingiu 16%, o que parece, para este, não representar uma base tão relevante. Com a exceção dessas três bases NTIS, INSPEC e DISSERT.INT.ABST. utilizadas somente pelo ITA, assim mesmo obtiveram uma pontuação um tanto reduzida respectivamente (33%, 16% e 16%) apesar de conter assuntos pertinentes às áreas desejadas.

Quanto ao **ATRIBUTO CD-ROM - AUTOR** - houve unanimidade por parte do INPE e do ITA da não necessidade desta categoria, todavia, o **ASSUNTO** - é a categoria preferida pelos pesquisadores sendo de 66% para o INPE e 100% para o ITA, torna-se o atributo mais valioso aos pesquisadores dos institutos no momento de montar sua estratégia de busca. Fica claro, como é importante a indexação das palavras na elaboração de um título ou resumo ou conhecimento das áreas a serem pesquisadas, como também para encontrar referências mais condizentes. Procura por **TÍTULO** houve 33% de uso somente pelo INPE. Entretanto, nenhuma instituição destacou os atributos ano, local e instituição.

Em outras pesquisas, em países desenvolvidos, foi analisada a relevância dos produtos em "cd-rom", quanto à preferência primeiramente por assunto, título, autor e outros atributos, bem como,

estudos comparativos com a bibliografia impressa e acesso on-line desses produtos. Sob esse prisma, Eger (1988) verificou que a maioria dos usuários está satisfeito com as pesquisas em "cd-rom" e acha a pesquisa nesse sistema bastante agradável.

A manifestação das respostas referentes a **QTAS PALAVRAS-CHAVE** o índice foi relativamente semelhante entre as duas instituições, 50% o INPE e 66% o ITA.

Esta categoria a seguir foi a única que manteve uma compatibilidade nos índices tanto superiores quanto inferiores pelo INPE e pelo ITA. No que se refere **AVALIAÇÃO PALAVRAS-CHAVE** (ATENDE BEM) o resultado foi 83% e REDUNDANTE de 16%. Vale lembrar ainda, que nenhum dos entrevistados consideram as bases de dados em "cd-rom" com falta de padronização. Entretanto, como demonstra o resultado, um pequeno número acredita haver uma certa redundância na montagem da estrutura das palavras-chave das bases de dados.

Tabela 2 - Aspectos qualitativos quanto ao uso do "cd-rom" pelos pesquisadores do INPE e ITA

SUJEITOS/ CATEGORIA	INPE		ITA		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Q. REF. REL.						
METADE	6	100	1	16	7	58
UM TERÇO	-	-	4	66	4	33
NENHUMA	-	-	1	16	1	8
QTOS D. LOC.						
P. ACERVO	2	33	3	50	5	41
OUTRA INST.	4	66	3	50	7	58
DIV./MARKETING						
FALT. DIV.	4	66	3	50	7	58
SUFIC. DIV.	2	33	3	50	5	41
GRAU SATISFAÇÃO						
ÓTIMO	3	50	6	100	9	75
BOM	2	33	-	-	2	16
SATISFAT.	1	16	-	-	1	8
TOT. INFORMANTES	6	50	6	52	12	41

Como pode-se observar pelos resultados da tabela 2 não houve categoria com índices comuns, exceto na categoria **QTAS REFERÊNCIAS RELEVANTES (TODAS)** não houve nenhuma atribuição a este item; (METADE) foi considerado pelo INPE obtendo 100% e o ITA 16%, parecendo que a primeira instituição elabora de forma mais eficaz suas estratégias de busca ou as bases estão perfeitamente adequadas aos seus pesquisadores; UM TERÇO, o INPE com zero e o ITA com 66% e NENHUMA, pontuado apenas pelo ITA com 16%, levando a crer que esta última instituição necessita verificar a compatibilidade de sua área com as bases de dados. Evidenciou-se que durante uma pesquisa, as referências relevantes, quando elaboradas pelo próprio pesquisador são 50% consideradas importantes e quando a busca é feita pelo profissional de informação para o pesquisador o nível de relevância fica em torno de um terço, talvez isto se deva à proximidade do pesquisador com a área quando ele próprio direciona sua pesquisa.

Quanto à categoria **QTOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS**, os índices foram bem próximos entre as duas instituições, o INPE, 50% e, o ITA, 66%; quanto à pesquisa no PRÓPRIO ACERVO o INPE alcançou 33% e o ITA 50%, já em OUTRA INSTITUIÇÃO o INPE necessita 66% e o ITA de 50%. Entretanto, esta proximidade parece demonstrar que conseguem recuperar o documento de uma maneira ou de outra. Ainda com relação à localização dos documentos, outro aspecto, que deve ser levado em conta, é quando não se obtém o documento e criam-se falsas expectativas aos usuários.

No que se refere à categoria **DIVULGAÇÃO/MARKETING (FALTA DIVULGAÇÃO)** o INPE com 66% considera que há necessidade de uma maior divulgação e marketing; do que o ITA com 50%, entretanto, para SUFICIENTE DIVULGAÇÃO o INPE apontou 33% e o ITA com 50% pôde caracterizar que há necessidade de maior promoção e um trabalho mais acentuado de marketing por parte dos bibliotecários para popularizar o acesso à base de dados em cd-rom, ainda desconhecido por alguns pós-graduandos.

Quanto à categoria **GRAU DE SATISFAÇÃO (ÓTIMO)** o INPE obteve 50% e o ITA 100%. Constata-se à primeira vista que o pesquisador do ITA está mais satisfeito com o serviço oferecido de cd-rom do que o pesquisador do INPE, talvez o nível de exigência

esperado deste produto mereça um estudo posterior para se verificar a causa e elevar seu grau de satisfação, ainda o INPE classificou BOM 33%, e SATISFATÓRIO 16%. No item REGULAR tanto uma como a outra instituição não apresentaram dados de insatisfação, podendo, por estes últimos índices, observar que os pesquisadores de ambas instituições utilizam as base de dados em cd-rom e parecem estar relativamente satisfeitos com o desempenho delas.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O objetivo deste trabalho foi fornecer uma visão inicial de como os pesquisadores pós-graduandos das duas instituições se relacionam com a pesquisa em base de dados em cd-rom.

Em síntese, contudo, conclui-se que os resultados do objeto avaliado demonstraram ter havido consenso nas respostas dos pesquisadores em ambas instituições e uma mesma lógica nos critérios abordados por um único roteiro.

Tendo em vista a proximidade das instituições, é recomendável a iniciativa de tentar partilhar as assinaturas de cd-rom devido ao alto custo, contribuindo assim de forma significativa para mais assinaturas de outros cd-rom.

Observa-se que cada instituição, embora próxima uma da outra, não tem o hábito de compartilhar informações gerando gastos, às vezes desnecessários. Vale dizer, que o momento é oportuno para se estabelecer uma política entre as instituições, o que provavelmente não é uma tarefa fácil, mas que deveria ser pensada sobre a viabilidade partilhável, pois, não se encontra distante em nossas bibliotecas o desenvolvimento de rede local integrada simultaneamente para o acesso aos discos ópticos "cd-rom".

Algumas bibliotecas americanas conduziram uma avaliação, em 1991, confirmando a popularidade do "cd-rom". Entretanto, poucas bibliotecas americanas tinham desenvolvido a integração simultânea do acesso aos discos permitindo através de uma rede local o acesso de várias estações de trabalho por meio de uma rede

de área local, a qual permite pelos discos ser acessada de várias estações de trabalho simultaneamente (Stabler, 1993).

Considerando que se trata de um estudo exploratório é preciso cuidado na generalização dos resultados. O trabalho suscitou novas questões a serem estudadas e analisadas que recomendam outras pesquisas posteriores enfocando o uso efetivo, recorrendo-se às estatísticas institucionais ou à observação do comportamento do usuário; verificar se há correlação entre as opiniões de bibliotecários e de usuários; comparar usuários de várias áreas do conhecimento, comunicar as questões deste trabalho via INTERNET no lugar do envio dos tradicionais questionários, entre outras possibilidades, dando continuidade neste estudo de base de dados em cd-rom.

ANEXO 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA

PESQUISA QUANTO AO USO DO CD-ROM

NOME		ÁREA
GRADUANDO	PÓS-GRADUANDO	INSTITUIÇÃO

1. QUAL A BASE DE DADOS EM CD-ROM QUE MAIS ATENDE SUAS NECESSIDADES?

UNIBIBLI ()	COMPENDEX ()	IC DISCRETE ()
IBICT ()	NTIS ()	INSPEC ()
DISSERTATION INTERNATIONAL ABSTRACTS		()

2. QUAL O ATRIBUTO DO CD-ROM MAIS PESQUISADO NUMA ESTRATÉGIA DE BUSCA?

AUTOR ()
ASSUNTO ()
TÍTULO ()
OUTROS () QUAIS?

3. QUANTAS PALAVRAS-CHAVE VOCÊ UTILIZOU PARA SUA BUSCA?

4. QUAL A SUA AVALIAÇÃO SOBRE A INDEXAÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVES?

ATENDE BEM	()
FALTA PADRONIZAÇÃO	()
REDUNDANTE	()

5. QUANTAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS FORAM RELEVANTES NA PESQUISA?
TODOS () METADE () UM TERÇO () NENHUM ()
6. QUANTOS E ONDE OS DOCUMENTOS FORAM LOCALIZADOS?
PRÓPRIO ACERVO ()
OUTRA INSTITUIÇÃO ()
7. COMO VOCÊ CLASSIFICARIA A DIVULGAÇÃO/MARKETING DO SERVIÇO DE BASE DE DADOS EM CD-ROM:
FALTA DIVULGAÇÃO () SUFICIENTE DIVULGAÇÃO ()
8. QUAL O GRAU DE SATISFAÇÃO COM O SERVIÇO DE CD-ROM?
ÓTIMO ()
BOM ()
SATISFATÓRIO ()
REGULAR ()

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOMTEMPO, E. Observação: um método para estudo do comportamento. In: WITTER, G. P. **Ciência, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Alpha-Omega, 1975.
- CHISHTI, S. H. CD-ROM vs. Online: a comparison of PsycLIT (CD-ROM) and PsycINFO (DIALOG). **Reference Librarian**, n.40, p.131-155, 1993.
- CIBBARELLI, P. R. Choosing among the options for patron access databases: print, online, cd-rom, or locally mounted. **Reference Librarian**, n.39, p.85-97, 1993.
- CUNHA, M. B. da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, v.23, n.2, p.182-189, 1994.
- DE PAULA, L. P. Novas tecnologias e bibliotecas: uma síntese. **R. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v.25, n.1/2, p.42-53, jan./jun., 1992.
- _____ Tecnologia cd-rom e suas aplicações em unidades de informação: revisão inicial. **R. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v.24, n.1/4, p.86-97, 1991.

- EGER, A. J. Analysis of the acceptance behaviour of medical librarians and their patrons with regards to MEDLINE on CD-ROM. **Online Review**, v.12, n.6, p.341-349, Dec., 1988.
- FISHER, R. A., YATES, F. **Tabelas estatísticas para pesquisa em biologia, medicina e agricultura**. São Paulo: Polígono, 1971.
- LOPES, R. R. V. Acesso a base de dados em linha e em cd-rom: algumas considerações sobre a sua implantação em países em desenvolvimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v.20, n.2, p.217-219, jul./dez., 1991.
- LUCAS, C. R. & RIBEIRO, C. M. Os profissionais da informação e as tecnologias emergentes. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5., 1994. São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: INPE, 1994, p.163-171.
- STABLER, K. Y. Who's on first, what's on second: patterns of reference services in academic libraries. **Reference Librarian**, n.39, p.13-20, 1993.
- TARPANI, C. & FERREIRA, M. C. G. Uso de base de dados MEDLINE em cd-rom: experiência do Hospital Universitário da USP. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, BH, v.21, n.1, p.174-182, jan./jun., 1992.

ABSTRACT

The aim is to analyse the cd-rom database use in a short period by graduate and pos-graduate researchers at two different institutions in space sciences. The use of the cd-rom database will give an overview of this new technology and provide a comparison of the customer satisfaction among the twelve users. This comparison will help to define the optimal cost/benefit relationship of the cd-rom database.

Key words: Cd-rom; Databases; Researches; New technologies; Spatial area; Search.

O CABEÇALHO DE ASSUNTO DA REDE BIBLIODATA/CALCO: USO E RECUPERAÇÃO NA BASE ACERVUS/UNICAMP

Nirlei Maria OLIVEIRA
UNICAMP

Maria das Dores Rosa ALVES
UNICAMP

Gilmar VICENTE
UNICAMP

RESUMO

O catálogo on-line é o maior impacto que se deu junto ao usuário com a possibilidade de busca rápida de informação. Analisando a base de dados Acervus, especificamente o cabeçalho de assunto, seu uso e recuperação tanto na perspectiva do usuário quanto do bibliotecário, foram utilizados 97 registros, sendo apresentadas as respectivas obras ao juiz 1, bibliotecário e a juizes docentes para a representação do conteúdo. Os resultados apresentam relevantes aspectos dos índices de concordância, trazendo à reflexão quanto às formas de uso do cabeçalho de assunto na recuperação da informação e satisfação do usuário.

Palavras-chave: Cabeçalho de assunto; Recuperação da informação; Cabeçalho de assunto - utilização.

INTRODUÇÃO

Produtos e serviços automatizados são constantemente desenvolvidos nas bibliotecas universitárias. O catálogo *on-line* foi

um dos primeiros serviços automatizados e de maior impacto nas bibliotecas.

Este impacto pode ser visualizado em dois segmentos: no processamento técnico e na área de serviços ao público, tanto no que diz respeito ao aprimoramento e atualização de catálogos quanto na realização de buscas por meio de pontos de acesso à informação (Zanaga, 1994).

O maior impacto ocorreu junto ao usuário com a possibilidade de busca rápida de informações. Reforçando esta questão cabe ressaltar o estudo de Alzofon & Polis (1984) que constataram que 95% dos usuários da Ohio State University utilizam o catálogo *on-line* como primeira fonte de informação.

Em outra pesquisa, Cardoso & Gardin (1994) constataram que a busca de informação dos usuários da Biblioteca Central da UNICAMP prioritariamente é o catálogo *on-line*.

É indiscutível o uso do catálogo automatizado, no entanto, há que se considerar questões como satisfação do usuário e padrões de busca de informação. A satisfação do usuário apresenta-se como uma questão complexa, pois é multidimensional.

Thorne & Whitlatch (1994) em uma pesquisa na biblioteca da San José State University analisaram a satisfação do usuário em relação ao catálogo automatizado e 75% dos sujeitos se mostraram totalmente satisfeitos e apenas 5,4% encontravam-se insatisfeitos com o catálogo automatizado. Uma questão interessante nesta pesquisa é que 51,4% contavam com a assistência de um profissional de referência.

Outra questão ligada à satisfação do usuário está intrinsecamente conectada à utilização dos padrões de busca de informação. Em pesquisa de Cherry (1994), Moore (1981), Alzofon & Polis (1984), os usuários apresentam um padrão único de busca de informação: autor, título, item conhecido, assunto. Em todas estas pesquisas, o assunto apresentou-se como uma questão problemática.

Para Alzofon & Polis (1984), a pesquisa por assunto requer o uso correto do cabeçalho de assunto da Library of Congress e neste ponto o catálogo automatizado é falho.

Moore (1981) reforça esta assertiva e sugere a necessidade de oferecer busca utilizando expressão booleana, palavras do título, explicitar a estrutura do assunto no catálogo *on-line*, bem como desenvolver treinamento que capacite o usuário a utilizar com eficiência o catálogo.

Um estudo realizado por Pritchard (1979), na Library of Congress, revelou que 70% dos usuários desejavam acesso ao catálogo por assunto. Ocorre o que Cherry (1994) diz: o usuário tem apenas um conhecimento rudimentar ou desconhece a estrutura do cabeçalho de assunto, daí a utilização de um item conhecido na pesquisa. Uma questão relevante é a resistência do usuário em solicitar o auxílio do bibliotecário sobre o uso do cabeçalho de assunto.

A preocupação com o resultado zero na busca por assunto, isto é assunto não localizado, levou a biblioteca a preocupar-se com a educação dos usuários, programas de conversão de resultados zero em outros tipos de busca. Cherry (1994) sugere duas soluções para a questão do resultado zero na pesquisa por assunto, uma delas seria o próprio sistema de emitir mensagem sugerindo novas tentativas recorrendo a outras formas de acesso.

Outra sugestão seria do sistema converter automaticamente a busca por título, palavras do título e executá-la, emitir mensagem que o assunto não foi recuperado e remeter para a utilização de outros termos.

O acesso à coleção por assunto parece ser limitado como visto nas pesquisas anteriormente citadas. É por certo uma questão provocativa, tendo em vista que em qualquer produto ou serviço o objetivo fim é o usuário.

Pensando na eficiência da recuperação da informação, o Sistema de Bibliotecas da UNICAMP iniciou a participação na rede de catalogação cooperativa em 1989, gerando uma base local, disponível à partir de 1992. Atualmente a Base Acervus disponibiliza 50% do acervo das bibliotecas da UNICAMP ao usuário. Está em projeto a conversão retrospectiva do restante da coleção.

A participação na Rede Bibliodata/Calco parte da aceitação de determinadas normas e procedimento. A aceitação e utiliza-

ção do cabeçalho de assunto desenvolvido pelos integrantes da rede é uma delas.

Assim, a Rede Bibliodata/Calco utiliza uma linguagem pré coordenada, fundamentada na Library of Congress Subject Headings LCSH - respeitando particularidades da Língua Portuguesa. A razão da opção pela LCSH foi devido a sua multidisciplinaridade, por ser uma lista confiável, uma vez que os termos são estudados por especialistas de diversas áreas (Manual....FGV, 1995).

A linguagem de indexação é um ponto crítico, tendo em vista, que esta reflete na possibilidade de recuperação da informação. Neste ponto é que o usuário vai sentir se o sistema reflete ou não os conteúdos, em uma linguagem comum ao seu universo.

O Manual de cabeçalhos de assunto: normas e procedimentos de 1995 traz os termos eleitos pela Rede Bibliodata Calco, dentro de uma sintaxe pré estabelecida, objetivando a padronização, atribuição e recuperação por assunto.

Segundo este mesmo manual, a lista compilada de cabeçalho de assunto conta hoje com 32.500 cabeçalhos tópicos e suas subdivisões, referências, remissivas, termos LC organizados em ordem alfabética.

A utilização deste vocabulário é visualizada pelos usuários na recuperação da informação. O sistema de recuperação da informação bibliográfica do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP é composto dos seguintes módulos: pesquisa, exibição, refinamento, ordenação, resumo das consultas realizadas e auxílio.

O que interessa neste artigo é o módulo pesquisa, pois permite ao usuário recuperar a informação por assunto, autor, título e termo livre.

A pesquisa no campo Assunto está relacionada a cabeçalhos de assunto da Rede Bibliodata/Calco, assim lista todos os documentos contendo o termo pesquisado no campo Assunto.

Pode-se ainda usar a raiz da palavra seguida do sinal \$, este lista todos os termos no campo assunto que comece por esta raiz. Já o sinal \$nº 1,2,3, lista palavras com a mesma raiz e o número de caracteres indicados.

No campo de autor, pode-se usar nome e sobrenome em qualquer ordem, omitindo termos como de, da etc.

A pesquisa em campo múltiplo por ex.: assunto e autor, também é viabilizada.

O usuário também pode fazer pesquisa utilizando operadores e/ou recupera os 2 termos indicados.

Há também a pesquisa no campo livre. Este campo é bastante abrangente e busca o termo em qualquer parágrafo.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a Base Acervus, especificamente o cabeçalho de assunto, tanto na perspectiva do usuário quanto do bibliotecário, no que diz respeito a concordância na utilização de vocabulário para representar o conteúdo das obras.

MÉTODO

Sujeitos

Dois tipos de juízes foram usados. Juiz Bibliotecário (J1) um profissional da área com 9 anos de experiência em processamento técnico. Juizes Docentes (J2) - 21 docentes com formação nas áreas de conteúdos pesquisados.

Material

Para a realização deste estudo foram utilizados os registros bibliográficos constantes na base de dados Acervus do Sistema de Bibliotecas UNICAMP.

Do total de dados inseridos na Base Acervus, retirou-se uma amostragem de 0,01% o que resultou em 97 registros. A partir deste dado procedeu-se a um sorteio sistemático das subclasses o qual valeu-se do terceiro sumário do Dewey Decimal Classification (1971, p. 451).

Assim, foram digitados o número correspondente à subclasse e na recuperação utilizou-se impreterivelmente o primeiro

registro que correspondesse à busca em questão. Após a recuperação do registro, foi extraído o número de chamada, CPD (nº de identificação da obra na Rede Bibliodata/CALCO), assunto e a biblioteca, no qual o mesmo se encontrava. De posse destes dados, por meio de correspondência, foram solicitadas às bibliotecas seccionais o envio das obras selecionadas.

Procedimento

Estas obras foram enviadas ao J1, ao qual foi solicitado que fizesse a representação do conteúdo das obras utilizando o cabeçalho de assunto da Rede Bibliodata/Calco.

Após este procedimento, estas mesmas obras foram analisadas pelos J2, com formação nas áreas correspondentes aos documentos. Enviou-se um formulário no qual se perguntava quais os termos, expressões, palavras que ele usaria para representar o conteúdo daquela obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse destes dados, procedeu-se a análise do índice de concordância entre a Base Acervus, J1 (bibliotecário) e J2 (Docentes) no que diz respeito ao cabeçalho de assunto.

Para efeito de análise, operacionalizou-se da seguinte forma: acordo total = 2 pontos (exatamente o mesmo cabeçalho de assunto; acordo parcial = 1 ponto (concordância em apenas um item, subdivisão, assunto, geográfico, cronológico e forma); desacordo = 0 (cabeçalho de assunto totalmente diferente).

O primeiro aspecto analisado foi o índice de concordância entre Base Acervus X J1 (bibliotecário) no que diz respeito ao cabeçalho de assunto. Obteve-se um índice de concordância de 69,34%.

Este resultado pode indicar duas direções, primeiro um razoável nível de concordância na utilização de cabeçalhos de

assunto inter-grupos, ou ainda, que a utilização de vocabulário controlado aumenta a coerência na representação do conteúdo temático. Segundo, considerando-se que o ideal no índice de concordância seria acima de 75%, ou seja, falta um melhor conhecimento do vocabulário, ou ainda a utilização de dicionários, glossários, manuais, tendo em vista que se espera que estes ajudem a melhorar a coerência. Outra questão que pode ser afetada é a utilização de um vocabulário geral, pois quanto mais específico maior a possibilidade de coerência na descrição, além do que tópicos concretos são mais fáceis de serem indexados do que tópicos abstratos.

É claro que formação acadêmica, interesses, conhecimento especializado, treinamento podem influenciar na leitura e descrição que cada profissional faz de uma obra.

A avaliação do índice de concordância por classes apresenta-se da seguinte forma no quadro 1: as classes 800 e 900 ficaram respectivamente com 100% de concordância; a classe 500 - com 84,61%; a classe 200 com 83,33%; e a classe 100 com 81,81%.

Quadro 1 - Base Acervus X J1 quanto a cabeçalho de assunto

CLASSES	I. CONCORDÂNCIA
000 - Generalidades	66.66
100 - Filosofia	81.81
200 - Religião	83.83*
300 - Ciências Sociais	37.50
400 - Linguagem	73.33
500 - Ciências Puras	84.61*
600 - Ciências Aplicadas	57.14
700 - Artes	33.33
800 - Literatura	100.00*
900 - História	100.00*

*acima de 75%.

Nestas cinco classes, com pontuação acima de 75%, pode ter ocorrido o índice significante dado a especificidade dos conteúdos

e os cabeçalhos permitirem uma representação coerente, ou seja, História, Literatura, Filosofia e Religião são áreas que apresentam quadros bastante estáticos e com subdivisões bem definidas. O mesmo pode ter ocorrido na classe 500 por ser uma área que apresenta conteúdos concretos.

Já a classe 300 com 37,50% e a classe 700 com 33,33% merecem atenção e um estudo detalhado. Na classe 300 por ser área de ciências sociais, há um dinamismo, e multidisciplinaridade intensa, o que pode dar margem a uma gama maior de opção na descrição com conteúdo temático das obras. No caso da classe 700 há uma tabela de classificação própria da área de artes na UNICAMP. Os profissionais alegam que se utilizam desta tabela com números de classificação geral e desta forma o cabeçalho de assunto também fica geral, mesmo tratando-se de uma obra com assunto específico.

Como mostra a figura 1 a área de humanas integra um dos maiores acervos do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP, talvez aí haja também uma possível explicação para a dispersão no resultado, além das questões acima citadas.

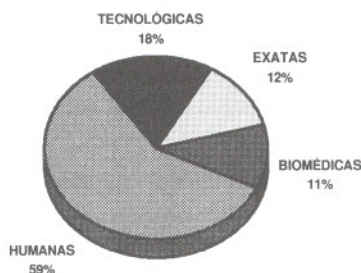


Figura 1 - Acervo Sistema de Bibliotecas - UNICAMP

O segundo aspecto analisado refere-se ao índice de concordância entre a Base Acervus e os J2 (docentes). O índice foi de 67%, indicando desvio de comunicação entre a base e seu potencial usuário.

Este dado refere-se a busca de informação e parece refletir as pesquisas realizadas em outras instituições. No estudo de Cherry (1994) a dificuldade com o cabeçalho de assunto da LCSH na

University of Toronto Library é atribuído a desatualização do cabeçalho, ou seja, demora de incorporação de novos termos. Apenas 40% dos usuários disseram que o cabeçalho de assunto era apropriado para representar o conteúdo que pesquisavam.

Na pesquisa de Thorne & Whitlatch (1994, p. 486), 64% dos usuários da Library at San José State University apresentaram dificuldade em utilizar o cabeçalho de assunto, apenas 18%, recupera a informação sem problemas, portanto pior situação que o registrado no presente estudo.

Outros estudos também apontam dificuldades na utilização do cabeçalho de assunto. Assim parece que se utiliza um vocabulário e o usuário fala outro. A disponibilização dos cabeçalhos de assunto poderia evitar muitos resultados zero neste campo. Pode-se dizer que estar disponível um registro na base não configura num acesso fácil ao documento. O usuário tem de percorrer trilhas, até chegar ao caminho desejado, o que não é recomendável para a eficiência do sistema.

No quadro 2, os dados mostram que a classe 900 obteve 100%, enquanto que as classes 300, 500 e 700 obtiveram 80% do índice de concordância, portanto adequados mas nas demais foi insatisfatório.

Quadro 2 - Base Acervus X J2 quanto a cabeçalho de assunto

CLASSES	I. CONCORDÂNCIA
000 - Generalidades	43.00
100 - Filosofia	60.66
200 - Religião	66.66
300 - Ciências Sociais	80.00
400 - Linguagem	50.00
500 - Ciências Puras	80.00*
600 - Ciências Aplicadas	62.50
700 - Artes	80.00*
800 - Literatura	50.00
900 - História	100.00*

*acima de 75%.

Muitas questões podem ser levantadas. Para Chan (1977), alguns termos são mais populares para determinadas classes de pessoas, muitos termos tornam-se obsoletos, outros adquirem novos significados, ou seja, o vocabulário deveria passar por revisões constantes.

Visualizando as classes dentro do acervo que obtiveram pontuação baixa - 400 e 800 percebe-se que representam apenas 30% do acervo, partindo do pressuposto que sua concentração se dá no Instituto de Estudos Lingüísticos, com comportamento idêntico à classe 300 e estudos anteriormente citados.

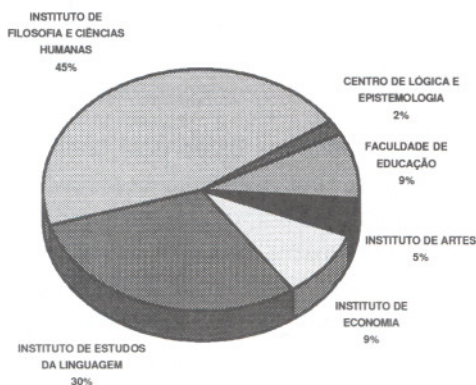


Figura 2 - Acervo área de Humanas

Na análise do índice de concordância de J1 X J2 obteve-se um índice de 58%. Este dado pode ter a mesma análise anterior. As classes 900 e 500 com 90% cada uma; a classe 200 com 88,90%; e a classe 400 e 600 com 75,00% como mostra o quadro 3, apresentam-se com índice ótimo de comunicação entre os profissionais nestas áreas, o bibliotecário representa o conteúdo e o usuário utiliza o mesmo vocabulário para recuperá-lo.

Quadro 3 - J1 X J2 quanto a cabeçalho de assunto

CLASSES	I. CONCORDÂNCIA
000 - Generalidades	71.00
100 - Filosofia	50.00
200 - Religião	88.90*
300 - Ciências Sociais	50.00
400 - Linguagem	75.00*
500 - Ciências Puras	90.00*
600 - Ciências Aplicadas	75.00*
700 - Artes	60.00
800 - Literatura	40.00
900 - História	90.00*

*acima de 75%.

Nas classes restantes estes dois tipos de profissionais ainda carecem de um maior entrosamento no processo de comunicação. O uso de um vocabulário comum facilita a rapidez na busca da informação. Moore (1981) aponta uma média de 2 a 8 minutos no uso da máquina para pesquisa. Assim, um bom cabeçalho de assunto economiza tempo da máquina, do bibliotecário e do pesquisador.

Analisou-se também o índice de concordância entre a Base Acervus e o Juiz 1 - Bibliotecário no que diz respeito à classificação, que resultou em um índice de concordância de 92,10%. Apesar de não ser o objeto de estudo, foi considerado oportuno agregar esses dados ao presente trabalho.

Este índice elevado demonstra um alto grau de coerência, o qual talvez seja resultado do conhecimento aprofundado e o bom manuseio do instrumento de classificação CDD, bem como muito tempo desenvolvendo esta atividade leva a uma coerência entre ambos.

A avaliação do índice de concordância dentro de cada classe apresenta-se da seguinte forma no quadro 4.

Quadro 4 - Número de classificação Índice de concordância / Base Acervus X Juiz 1

CLASSES	I. CONCORDÂNCIA
000 - Generalidades	71.42
100 - Filosofia	50.00
200 - Religião	80.95*
300 - Ciências Sociais	70.00
400 - Linguagem	50.00
500 - Ciências Puras	78.94*
600 - Ciências Aplicadas	89.47*
700 - Artes	80.00*
800 - Literatura	100.00
900 - História	66.66

*acima de 75%.

As classes que obtiveram maior índice de concordância foram: 800 - com 100%; 600 - com 84.47%; 200 - com 80.95%; 700 - com 80.00%; e a classe 500 com 78.94%.

As classes restantes ficaram com índice abaixo de 75%, são as seguintes: 000 - com 71.42%; classe 100 e 400 - com 50.00% respectivamente; classe 300 - com 70.00%; classe 900 - com 66.66%. Elas precisariam de uma revisão já que nem mesmo os profissionais da área conseguem o índice desejado.

Este resultado pode ter ocorrido por diversos fatores: por estas serem áreas do conhecimento em que a multidisciplinariedade atinge com mais rapidez e os instrumentos de classificação demoram para inserir novos assuntos. Ou ainda, os assuntos podem ser classificados com flexibilidade dentro de cada classe.

Além destes dados, verificou-se, ainda, que dos 97 cabeçalhos de assuntos extraídos da Base Acervus apenas 17 não eram utilizados ou foram utilizados incorretamente, sendo que nove foram implantados pela Biblioteca da UNICAMP, possivelmente para atender a demanda específica.

CONCLUSÃO

Este trabalho tentou fornecer dados preliminares sobre o cabeçalho de assunto e fornecer algumas respostas para questões iniciais.

A análise geral dos dados aponta um bom uso do cabeçalho de assunto da Rede Bibliodata/Calco, bem como um bom índice de recuperação pelos usuários em algumas classes do conhecimento. Por outro lado, apresenta áreas em que a comunicação não se encontra em um nível desejável.

Outro ponto que se pode concluir é que há uma coesão inter-grupos, que reflete também na recuperação da informação e satisfação do usuário. No entanto a área de Humanas necessita de estudos para melhorar a descrição de conteúdos e efetivamente facilitar a recuperação da informação. Conclui-se, ainda, que o vocabulário utilizado permite uma aproximação bastante eficiente da linguagem do pesquisador/usuário nas áreas Exatas, Tecnológicas e Biomédicas.

Recomenda-se formar grupos de estudo para aprofundar o tema; disponibilizar o cabeçalho de assunto para o usuário, o que poderá aumentar o uso deste instrumento para eficiência na recuperação da informação; integrar os setores de processamento técnico e referência, para verificação do uso da linguagem de indexação e incorporar a lista de cabeçalho de assunto da Rede Bibliodata/CALCO de vocabulários especializados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALZOFON, S. R. & VAN POLIS, N. Patterns of searching and success rates in an on-line public access catalog. **College & Research Libraries**, March, p.110-115, 1984.
- CARDOSO, I. V. & GARDIN, E. de L. **Setor de referência**: comportamento de usuários da Biblioteca Central da UNICAMP. Campinas: [s.n.], 1994. (no prelo).

- CHAN, L. M. The principle of uniform heading in Library of Congress Subject Headings. **Library Resources & Technical Services**, v.22, n.2 spring, p.127-135, 1978.
- CHERRY, J. M. Improving subject access in OPACS: an exploratory study of conversion of user's queries. **The Journal of Academic Librarianship**, v.18, n.2, p.95-99, 1994.
- DEWEY, M. **Dewey decimal classification and relative index**. New York: Forest, 1971.
- MANUAL DE CABEÇALHOS DE ASSUNTO**: normas e procedimentos, versão 1.0. Rio de Janeiro: FGV, 1995.
- MOORE, C. W. User reactions to on-line Catalogs: an exploratory study. **College & Research Libraries**, July, p.295-302, 1981.
- PRITCHARD, S. **Library of Congress: SCORPIO user survey**. Washington, D. C., [s.n.], 1979.
- THORNE, R. & WHITLATCH, J. B. Patron on-line catalog success. **College & Research Libraries**, november, p.479-497, 1994.
- ZANAGA, M. P. Conversão retrospectiva e cooperação no processamento técnico de materiais bibliográficos: experiência no Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 8., 1994, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 1994.

SUMMARY

The on-line catalog is the greatest impact given to users, with the possibility of a quick search of the information. Analysing the database Acervus, specifically the subject headings, its use information retrieval as in the perspective of the users as in the librarian. It has been used 97 records, and the books were presented to the judge 1 (a librarian) and to the lectures, the judges 2 for the representation of the contents. The results showed important aspects of the agreement indexes, bringing questions about the ways the subject headings in the information retrieval and in the satisfaction of the users.

Keywords: Subject headings - information retrieval; Subject headings - use.

MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: ELEMENTOS PARA SUA FORMAÇÃO NO BRASIL

José Augusto Chaves GUIMARÃES
UNESP

RESUMO

O ensino de Biblioteconomia no Brasil passou por distintos períodos históricos para, a partir dos anos 90, como reflexo de um contexto mundial, deparar-se com uma nova realidade: a do moderno profissional da informação (MIP), mormente a partir dos trabalhos desenvolvidos pela FID. A partir de uma revisão da literatura da área, discutem-se aspectos atinentes ao conceito, às características e às linhas de ação do MIP - principalmente no âmbito das "Três Marias" (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) - para se chegar a propostas quanto à sua formação no Brasil, em âmbito de educação continuada e de ensino de graduação.

Palavras-chave: Ensino de Biblioteconomia; Profissional da informação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito básico traçar algumas reflexões sobre a realidade do Moderno Profissional da Informação (MIP) e, por conseguinte, algumas implicações sofridas no âmbito da formação do mesmo.

Ressalte-se que o tema MIP se constitui em temática da década de 90, sendo objeto de atenção (e preocupação!) de diferen-

tes segmentos - científicos e profissionais - da área de informação, notadamente no âmbito internacional, em uma abordagem interdisciplinar - mormente no que tange às chamadas "Três Marias".

Como conseqüência, não raro se discute a necessidade de o ensino de Biblioteconomia estar afinado com os avanços teóricos da área, razão pela qual um estudo dessa natureza traz à baila elementos para discussão, bem como um *feedback* para as próprias instituições de ensino e para a ABEBD que têm demonstrado preocupação nesse sentido, haja vista os estudos e eventos levados a cabo por esta última no decorrer dos últimos anos.

1. PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL: ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS

Analisando-se a profissão bibliotecária no Brasil, no transcorrer do último século, observa-se que a mesma passou por distintos e marcantes períodos históricos, como apontam Mueller (1985) e Guimarães & Guarezzi (1994 a,b). Nesse sentido, pode-se ressaltar como marcos:

a) a visão do bibliotecário erudito, de formação eminentemente humanista, ligado à cultura e às artes, sob forte influência francesa da *École de Chartres*, aspecto que norteou a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país: o da Biblioteca Nacional (1911-1930);

b) o bibliotecário de formação técnica, sob nítida influência norte-americana (que inspirou os primeiros cursos de São Paulo), ligado a atividades de tratamento e organização de documentos (1930-1960);

c) o reconhecimento oficial da profissão em nível superior, com o estabelecimento de uma legislação profissional e a criação de órgãos de classe (década de 60);

d) a criação dos cursos de pós-graduação, o desenvolvimento da pesquisa na área e o surgimento dos primeiros periódicos científicos na área (década de 70);

e) a reformulação curricular em Biblioteconomia e a visão do bibliotecário como agente cultural /de informação (década de 80);

A partir do final da década de 80 e início da década de 90, por sua vez, com uma nova ordem social voltada para a globalização de mercados e a quebra de paradigmas, surge um novo conceito de profissional, de natureza notadamente mais abrangente: o profissional da informação.

2. O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Novos mercados profissionais surgem. Se antes a atividade do bibliotecário podia ficar restrita aos limites físicos de uma biblioteca e de uma coleção, agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais.

Mais do que o passivo usuário, as atenções se voltam para o interativo cliente; a escassez de recursos obriga a integração e o compartilhamento e, por outro lado, a competição industrial e o avanço tecnológico acenam para a informação estratégica e a questão do sigilo informacional vem à tona.

Na Inglaterra, os "balcões de informação", tão bem descritos pela Prof^a Dr^a Solange Puntel Mostafa, trazem à baila a figura do "Information manager".

Sintetizando tal tendência, Richard Mason (1990, p.125) já caracterizava o Profissional da Informação como aquele que é capaz de fornecer a informação certa, da fonte certa, ao cliente certo, no momento certo, da forma certa e a um custo que justifique seu uso.

E, rompendo com visões cartesianas de reservas de mercado, afirma o autor que o rol dos Profissionais da Informação se integra, dentre outros, por administradores, arquivistas, analistas de sistemas, contadores, bibliotecários e museólogos (aos quais poderíamos ainda aliar os jornalistas), cada qual desempenhando papéis específicos nesse rol.

Nesse contexto de efervescência e de multiplicidade de caminhos e de opções, a FID (Federação Internacional de Informação

e de Documentação) cria, em 1992, o grupo SIG/MIP (Special Interest Group / Modern Information Professional).

Desde então, a literatura mundial tem apontado para os novos mercados - e, conseqüentemente, para novas posturas atinentes ao profissional da informação. Veja-se, para tanto, os trabalhos de Amat (1991) e de Michel (1993), dentre outros.

Ponjuan (1993) chega, inclusive, a discorrer sobre as qualidades que garantem o M ao MIP (Modern Information Professional):

"Eu, particularmente, penso que há profissionais da informação com e sem o M. Um moderno profissional da informação perde o M quando ele - ou ela - perde a capacidade de se adaptar a um meio em mudança. Flexibilidade, inovação, imaginação e criatividade são alguns dos ingredientes vitais".

Desse modo, a literatura tem procurado abordar o MIP sob diferentes facetas: Guimarães & Guarezzl (1994) a ele se referem ao tratarem da questão da divulgação profissional; Zitara et al. (1994) trazem-no para o contexto dos países em desenvolvimento, exemplificando com o caso argentino; Ponjuan (1991), a partir da realidade cubana, alerta para o fator qualidade na atuação profissional; Lindquist (1993) refere-se à atuação do MIP no âmbito do *marketing* e Gil Urdicián (1992), com base na realidade espanhola, refere-se às funções gerenciais do MIP.

No Brasil, a discussão quanto ao MIP se faz igualmente presente, tendo-se como exemplo a temática geral do IV ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (São Paulo, ago. 1995): "O ensino de Biblioteconomia em face do moderno profissional da informação". No mesmo sentido, o Grupo PET/CAPES de Biblioteconomia da UNESP - Marília, desde 1994 tem no MIP o seu eixo temático norteador.

Um aspecto da questão relativa ao MIP, no Brasil, merece especial destaque, visto representar uma trajetória peculiar: o questionamento quanto às perspectivas de integração das profissões documentais - notadamente a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia.

Smit (1993) chegou a denominar tais profissões de "As três Marias", dadas suas origens - e percalços - comuns (ou, ao menos, semelhantes), chegando a apontar pontos de efetiva interface entre as mesmas, como é o caso dos documentos audiovisuais. A mesma autora, em outro artigo (1994), apresenta pontos de convergência e de divergência entre as "Três Marias", delineando algumas possibilidades de integração. Jardim & Fonseca (1992) sob a óptica da Arquivologia, traçam paralelos entre esta e a Biblioteconomia.

Seguindo tal linha, Guerreiro (1995, p. 67), ao abordar "Um novo profissional para um novo tempo: aspectos divergentes na atuação de bibliotecários e arquivistas" afirma que:

"O que se espera é uma abertura maior entre os profissionais da informação para que, juntamente com os administradores, gerentes, diretores e outros tomadores de decisão, possam ampliar seus horizontes e atuar naquilo que Samuels (1993) denomina "estratégia documental", ou "serviço de informação empresarial" (Degent, 1986) ou ainda "gerência de recursos informacionais" (Vieira, 1993b), que nada mais é que: saber o que cada um quer, como e quando e saber, acima de tudo, o que é relevante ou não, o que deve ficar ou não, de acordo com a própria estrutura da instituição, suas metas, objetivos e contexto no qual está envolvida".

Ponjuan (1995) aponta o profissionalismo como ponto básico e, em um acróstico da palavra espanhola PROFESIONAL sugere, como qualificativos: Profundo, Rápido, Orientado para o cliente, Flexível, Especializado, Simples, Investigador, Organizado, Novo (inovador), Ativo e Laborioso.

Em termos práticos, poder-se-ia dizer que a atividade do Moderno Profissional da Informação, na atualidade, de modo a que se aproxime do acróstico de PONJUAN, estaria centrada em algumas linhas básicas de ação (ou de atividades), dentre outras, a saber:

a) *Gerência de unidades (e sistemas) de informação*, onde o MIP, em um contexto administrativo, está diretamente envolvido com o "ambiente informativo", o "staff informativo" e os recursos informativos, dando-lhes "coesão e coerência". Para tanto, interfaces

com a Administração, a Economia e a Psicologia emergem como necessárias à atuação do profissional.

Se antes a visão do bibliotecário, do arquivista ou do museólogo era a de um técnico em seu sentido estrito, hoje se impõe a visão do "manager", racionalizando procedimentos (e gastos), indo em busca de (e compartilhando) recursos, estabelecendo parcerias e integrando sua unidade de informação a sistemas mais amplos (veja-se, dentre outros, Gil Urdicián, 1992).

b) *Tratamento da informação*, relativa à relação MIP/fonte de informação, engloba aquilo que sinteticamente Smit (1986, p.11) define como fazer documentário de "reunir e organizar para achar". Nesse contexto, atividades de descrição física, análise temática, arranjo arquivístico, condensação e representação temática (indexação) encontram seu lugar. Como atividade ponte entre a fonte da informação e quem dela faz uso, como sugere Sable (1984), traz consigo novas interfaces como a Lingüística, a Terminologia e a Lógica (veja-se, para tanto, o trabalho desenvolvido pelo Grupo TEMMA da ECA-USP, em especial) e, trazendo subsídios às "Três Marias", a Diplomática, como mostram Bellotto (1991), Guimarães (1994), Massi (1994), Guerreiro (1995) e Dal'Evedove (1996), dentre outros.

c) *Ação Social*: em um momento em que se questiona a exacerbação do tecnicismo profissional, não pode o MIP ficar alheio à realidade social em que se insere. Dessa forma, sua atuação como cidadão - e como elemento que contribuirá para a formação da cidadania - é fundamental. De nada adianta gerir e tratar a informação se ela não está voltada para objetivos coerentes com a realidade social em que se insere. Nesse contexto, questões como ética (veja-se, para tanto, Palavra-chave, 1994), confidencialidade e privacidade da informação (Acosta Carballo, Portela Filgueiras & Cebrián Dominguez, 1993), responsabilidade civil pelo fornecimento da informação (CONGRESO INTERNACIONAL DE INFORMATICA Y DERECHO, 2., 1995), divulgação profissional (Guimarães & Guarezzi, 1994 a,b) e informação e cidadania (Biblos 2000, 1994, p.625-798) vêm à tona.

Permeando essas linhas de ação, às quais fornece suporte, tem-se a questão das Tecnologias em Informação, mormente

quando a Internet deixou de ser algo etéreo para estar presente até nas realidades mais prosaicas. Inegavelmente, estamos em uma verdadeira "world web" para a qual o aparato tecnológico se impõe - e a cada dia em maior escala - sem o que o acesso à informação parece substancialmente. Se antes, fontes informacionais em CD-ROM, por exemplo, podiam ser consideradas uma questão de sofisticação e refinamento, hoje se constituem em uma questão de racionalização de custos (e de espaço!).

Diante deste contexto, quem seria, então, o MIP? Qual o seu perfil?

Welch (1994) parece trazer algumas luzes à questão, ao afirmar que:

"Modern information professional is a broad term and one that infers an ideal for which we should all be aiming, whether we are librarinas, archivists, record managers, or information managers according to our duty statements" (...) *"Modern? Thats what we are now and what were going to be. Information is what we deal with. Professional: thats the word that holds the whole thing together"*.

E, referindo-se a profissionalismo como um estado de espírito e uma atitude, aponta como características do MIP: orientação para o cliente, responsabilidade, adequação, desenvolvimento profissional constante (educação continuada) e atividade associativa.

Como se pode observar, o MIP se constitui, nos dias de hoje, em uma realidade, mormente quando "mares nunca dantes navegados" se apresentam promissores e passíveis de serem explorados. Novos mercados - da vídeo-locadora ao banco de dados da empresa; da organização de estoques comerciais ao universo da Internet - se delineiam de forma palpável para o profissional.

No entanto, como lembra Guimarães (1994, p.143) "o desenvolvimento da profissão bibliotecária pressupõe dois fatores interagentes: a formação educacional e o desempenho profissional". Desse modo, é fundamental lembrar que, à atuação do MIP, precede necessariamente a sua formação, seja no âmbito da educação formal (em nível de graduação e de pós-graduação), seja em nível de educação continuada (cursos de atualização e de eventos).

3. O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA RUMO À FORMAÇÃO DO MIP NO BRASIL

Referindo-se à educação continuada do MIP, Biggs (1994), pautando-se em Philip Tramdack, alerta para a necessidade de eventos que propiciem ao profissional *"opportunities to think about things in a new way. The challenge is to take what has been done before - in a different time, a different technological setting, under different economic conditions, for different people - and to reimagine it"*.

A mesma Autora alerta para a necessidade de cursos, seminários, workshops e estágios que propiciem novas experiências de modo altamente interativo e que possam estimular e facilitar a criatividade entre os participantes. Paralelamente a tais promoções, refere-se, como "maior serviço de educação continuada", à necessidade de se produzir literatura na área de informação para garantir a atualização do profissional, de modo a "desafiá-lo, estimulá-lo, colocá-lo em contato com os desenvolvimentos científicos aplicáveis à sua área".

Nesse rol, desnecessário é lembrar o papel das associações de classe (como elemento de congregação profissional) e das instituições de ensino e pesquisa (como elemento de experimentação e geração de conhecimento).

No que tange à educação formal do MIP, tem-se que, pela legislação vigente, as "Três Marias" surgem, no Brasil, a partir de uma formação em nível de graduação.

Em que pesem argumentos quanto à conveniência de tais profissões serem fruto de uma formação em nível de pós-graduação (a exemplo dos Estados Unidos, do Canadá e de alguns países europeus), acho importante não nos distanciarmos de nosso contexto sócio-econômico-cultural de país latino-americano em desenvolvimento. Desse modo sinto a necessidade de, antes, aprimorarmos a qualidade de nosso ensino de graduação e de pós-graduação neste país continental para, em futuro não muito distante, podermos chegar ao ensino apenas em nível de pós-graduação.

Vive-se hoje, no Brasil, um momento em que os cursos de graduação nas áreas atinentes ao MIP se lançam na árdua tarefa de

reformular currículos, preocupados com essa nova realidade profissional que se apresenta.

Desnecessário, pois, é lembrar que o currículo se constitui, em última análise, em um meio para a operacionalização de uma concepção educacional (esta sim, o âmago da questão), visando à formação de um determinado profissional. Um conjunto de disciplinas constitui-se, assim, em uma ferramenta e não em um fim em si mesmo.

Dessa forma, e pautando-me em Guimarães, Bertachini & Vidotti (1994), poder-se-iam apontar algumas sugestões no que tange a tais reformulações curriculares para o ensino de graduação em Biblioteconomia (e nas outras duas "Marias"):

a) convívio diário com tecnologias de informação, enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional;

b) preocupação com uma visão gerencial no âmbito da área de informação;

c) abordagem dos suportes de informação como um todo, desvincilhando-se da idéia de informação unicamente bibliográfica;

d) preocupação (e postura) interdisciplinar onde aportes teórico-metodológicos de áreas de interface como Administração, Arquivística, Diplomática, Lógica, Lingüística, Comunicação, Psicologia, Sociologia e outras concorrem para o desenvolvimento das atividades do MIP;

e) minimização do número de pré-requisitos entre disciplinas, de modo a garantir maior agilidade às grades curriculares;

f) importância da pesquisa (Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciação Científica, PET) como elemento para a qualidade do ensino de graduação, permitindo ao educando uma vivência da atividade de investigação em um contexto acadêmico;

g) preocupação com a educação continuada, pois o compromisso da Universidade com o educando é perene, ultrapassando os limites da educação formal. Assim, disciplinas optativas bem planejadas, refletindo áreas de excelência de pesquisa do curso, podem se constituir em excelentes instrumentos para atualização de egressos;

h) preocupação em se dar ao aluno uma visão integrada da estrutura curricular, onde todos os conteúdos interdependem e concorrem para o objetivo final - o MIP;

i) importância da capacitação científica e pedagógica do docente para a operacionalização da grade curricular, sendo fundamentais questões como pós-graduação, dedicação integral à docência, pesquisa e extensão e produção científica profícua e regular;

j) concepção do estágio como um espaço de vivência profissional, onde o educando tem a oportunidade de aplicar os conteúdos veiculados pelo curso em situações concretas. Para tanto, deve o estágio possuir objetivos pedagógicos próprios, com especial ênfase a questões ligadas à atuação profissional (postura ética, movimento associativo, atualização etc.);

l) disciplinas obrigatórias voltadas para os conteúdos fundamentais, ficando as disciplinas optativas (objeto de cuidadoso planejamento) como forma para o educando se aprofundar em áreas específicas de seu interesse;

m) importância de as instituições de ensino, enquanto instâncias acadêmicas, envidarem esforços no sentido de atuar junto a comissões, projetos de pesquisa interinstitucionais, eventos, cursos e órgãos científicos, pedagógicos e de classe, em nível nacional e internacional, para garantir a necessária "oxigenação", a integração e o intercâmbio de informações e, assim, evitar isolacionismos.

CONCLUSÃO

Como se percebe, o MIP é hoje uma realidade (e, ao que parece, veio para ficar!) reflexo de um contexto sócio-econômico mundial. Se antes o profissional, empunhando um diploma universitário, ocupava seu lugar na sociedade a partir das prerrogativas legais que lhe eram dadas, pautando-se em paradigmas que havia recebido em sua formação, hoje é a vez do profissional holístico, aberto, atento e flexível às mudanças ocorridas e competente para fazê-las quando necessário. A multiplicidade de suportes e de uso passou a exigir um profissional com maior amplitude de conhecimentos (e, por conse-

guinte, de habilidades), pondo em questão os rigorosos (e estanques) limites profissionais na área de informação de outrora.

Desse modo, acredita-se ser chegada a hora de as instituições ligadas à formação dos diferentes profissionais na área de informação preocuparem-se em, de maneira integrada, chegarem ao verdadeiro MIP, atento às especificidades de cada suporte e de cada realidade institucional, mas com o devido *background* para fornecer “a informação certa, ao cliente certo...” (Mason, 1990).

A tarefa não é fácil, mas acredito ser uma questão de coerência com essa nova ordem social que se apresenta pois se outrora poder-se-ia falar em “reservas de mercado profissional”, hoje expressões dessa natureza foram substituídas por outras mais substanciais (e coerentes!) como competência e ética profissional.

Ao ensino, pois, duas palavras-de-ordem poderiam ser propostas: integração e pesquisa e, às entidades de classe, por sua vez, qualidade e atualização profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA CARBALLO, C. M., PORTELA FILGUEIRAS, I. & CEBRIÁN DOMÍNGUEZ, I. Confidencialidad, privacidad e intimidad: aspectos éticos y jurídicos. **Ciencias de la Información**, v.24, n.2, p:86-96, jun. 1993.
- AMAT, N. El documentalista: un científico de científicos. s.n.t. (cópia xerográfica).
- BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- BIBLOS 2000. **Anais...** Belo Horizonte: A.B.M.G.; Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1994.
- BIGGS, M. Reflexions on continuing education... near a window. **Continuing education**, v.36, n.2, p.174-179, 1994.
- CONGRESO INTERNACIONAL DE INFORMATICA Y DERECHO, 2. Merida, 25-28 abr. 1995. **Actas...** Merida (Espanha): Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1995. (2 disquetes)

- DAL'EVEDOVE, S. **Organização de atas departamentais: estudo comparativo de técnicas arquivísticas e biblioteconômicas.** Marília: UNESP, 1996. (Relatório PIBIC/CNPq).
- DEGENT, R. J. A importância estratégica e o funcionamento do serviço de inteligência empresarial. **Revista de Administração de Empresas**, v.26, n.1, p.77-83, mar. 1986.
- GIL URDI CIÁN, B. Papel del documentalista en el proceso de gestión de la información en las organizaciones. **Ciencias de la Información**, v.23, n.2, p.70-74, jun. 1992.
- GUERREIRO, S. L. G. G. **Um novo profissional para um novo tempo: aspectos convergentes e divergentes na atuação de bibliotecários e arquivistas.** Marília: FFC-UNESP, 1995. (Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia e Relatório - PIBIC/CNPq).
- GUIMARÃES, J. A. C. A ética na formação do bibliotecário. **Palavra-chave**, São Paulo, v.8, p.5-8, out. 1994.
- _____, BERTACHINI, M. de L. & VIDOTTI, S. A. B. G. **Anteprojeto de reformulação curricular do curso de Biblioteconomia da UNESP.** Marília: UNESP, 1994.
- _____ & GUAREZZI, S. Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v.6, n.1/3, p.43-59, jan./dez. 1994.
- _____ & _____. Divulgação profissional em Biblioteconomia: um compromisso político-pedagógico com a informação e com a categoria. In: BIBLOS 2000. Belo Horizonte, 10-15 abr. 1994. **Anais...** Belo Horizonte: ABMG, 1994. p.380-394.
- JARDIM, J.M. & FONSECA, M.O. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cadernos BAD**, v.2, p.29-45, 1992.
- LINDQUIST, M. G. The marketing of information services. **FID News Bulletin**, v.43, n.11/12, p. 267-269, 1993.
- MASON, R. O. What is an information professional? **Journal of education for library and information science**, v.31, n.2, p.122-138, 1990.

- MASSI, S. R. M. **Análise documentária de documentos industriais**: uma experiência com tipologias documentais da indústria de alimentos. Marília: UNESP, 1994.
- MICHEL, J. Management et documentation: nouvelles pour les professionnels de Information. **FID News Bulletin**, v.34, n.2, feb, p.37-41, 1993.
- MUELLER, S. P. M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v.14, n.1, p.3-16, jan./jun. 1985.
- PALAVRA-CHAVE, São Paulo, n.8, out. 1994.
- PONJUAN DANTE, G. Does the Modern Information Professional have a Life Cycle? **FID News Bulletin**, v.43, n.3, p.61. mar. 1993.
- _____. Un mejor profesional para un usuario diferente: reflexiones acerca del papel de los recursos humanos en la era de la información. **Ciencias de la Información**, v.22, n.4, p.2-9, dec. 1991.
- _____. Papel de las escuelas de Biblioteconomia en la transformación del profesional moderno de la información. Conferência de abertura do IV ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, São Paulo, 21-23 ago. 1995.
- SABLE, M. Substantive factors for a theory of reference service. **International Library Review**, n.16, p.407-14, 1984.
- SAMUELS, H.W. Documentando a química moderna: a tarefa histórica do arquivista. **B. Arq.**, v.2, n.1.2, p.7-18, jan./dez, 1993.
- SMIT, J.W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as três maríais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.26, n.1/2, p.81-85, jan./jun. 1993.
- _____. Eu, bibliotecário, RG XXXXX, CPF YYYYY, trabalho em arquivo ou museu... algum problema? **Palavra-chave**, São Paulo, v.8, p.12-13, out. 1994.
- _____. **O que é documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- VIEIRA, A. da S. Desenvolvimento de um novo profissional para um novo tempo. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.111-113, 1993.

- WELCH, L. The modern information professional: a very personal definition. **FID News Bulletin**, v.44, n.4, p.47-48, mar. 1994.
- ZITARA, E. et al. How to get a new information professional in a developing country. *New worlds in Information and Documentation*. **FID**, p.479-490. 1994.

ABSTRACT

Library Education in Brazil had gone through distinct historical periods till the nineties when, reflecting a world context and based mainly on the work developed by FID, it began to face a new reality: the need of a Modern Information Professional (MIP). A review of the literature of the area has been the starting point for a broad discussion involving aspects of the concept, features and functions of the MIP - specially concerning Archivology, Librarianaship and Museology - aiming at establishing purposes for the Information Professional formation in Brazil, both concerning graduation and continuing education.

Key words: Library education; Information professional.

RESENHAS

DISCUSSÃO E LEITURA

Gambrell, L.B. & Almasi, J.J. (orgs.) **Lively discussion! Fostering engaged reading.** Newark: IRA, 1996. xv + 316 p.

A busca de estratégias eficientes para garantir desenvolvimento do aluno com a leitura gerou uma série de procedimentos de grande utilidade e eficiência comprovada. A discussão apoiada em texto lido pelos alunos tem sido uma das estratégias mais usadas e pesquisadas. Em um esforço para sintetizar informações e apresentar vivências na área, Gambrell e Almasi organizaram o livro aqui resenhado, contando com a colaboração de outros 21 autores.

O livro inclui prefácio, apresentação, 18 capítulos, índice de autores e índice de conteúdo, sendo que estes últimos facilitam a consulta à obra. O prefácio é escrito pelas organizadoras que explicitam que a preocupação subjacente é a **interpretação e a compreensão** tanto do texto narrativo como do informativo tendo a discussão como instrumento. Esclarecem também a organização dos textos de modo a comporem as quatro partes em que o livro foi organizado.

Alvermann faz uma breve apresentação (uma página) em que manifesta a possibilidade dos docentes poderem mudar e melhorar, apoiados no livro, a participação dos alunos na discussão de textos.

O livro tem uma excelente apresentação gráfica, com destaques gráficos para frases marcantes extraídas de vários textos.

A primeira parte engloba três capítulos com os quais as organizadoras pretenderam fornecer uma base para criação de uma cultura que estimule a discussão. Assim no 1º capítulo, Almasi contrasta a discussão tradicional (recitativa) com a moderna em que o aluno tem novos papéis, assumindo inclusive os tradicionalmente atribuídos ao professor, tais como: inquisidor,

facilitador e avaliador. Exemplos ilustram os pontos levantados pela autora e quadros didáticos servem de apoio ao texto. Tece considerações sobre os benefícios cognitivos, afetivos, sócio-emocionais da discussão; lembrando que 'os alunos que falam sobre o que leram provavelmente se envolverão mais com a leitura' (p.20).

O capítulo de Gambrell apresenta uma revisão do que as pesquisas mostram sobre a discussão. É um capítulo rico de informações, organizado de tal forma que o leitor obtém uma boa perspectiva sobre a produção na área. Conclui que as pesquisas demonstram que a discussão ajuda a aprender com o texto; a discussão em pequenos grupos possibilita avançar na aprendizagem além de permitir o desenvolvimento de habilidades para relações interpessoais; há variedade de métodos de discussão cabendo ao docente decisões importantes e que há muito a ser pesquisado na área. Schifini trata de discussão em classes multilíngues e multiculturais, cada vez mais frequentes na realidade dos USA.

Traz sugestões úteis a professores que trabalham com tais contingências lembrando que "o que os estudantes estão tentando dizer é mais importante de que como o estão dizendo"(p.45) e que os recursos audiovisuais podem ser fundamentais e muito úteis.

A Segunda Parte do livro enfoca a discussão propriamente dita e integra sete capítulos. No 4º capítulo, Barrentine descreve a tecnologia de leitura interativa tese em voz alta, a qual ajuda as crianças construir significados que superam as possibilidades de um trabalho isolado. A técnica implica nos seguintes passos: estabelecer o ambiente, dar início, atividades durante a leitura (fornecer informações, representação) sempre com muita discussão, fechamento de círculo. Em seguida, Wray e Lewis tratam da pesquisa didática como base da discussão, oferecendo inclusive modelos de tabelas para auxiliar os alunos. Seguindo a mesma linha de contribuição, Commeyras, Sherrill e Wuenker tratam de várias estratégias para viabilizar a discussão de textos literários destacando a relevância de trabalhar-se a partir das questões dos alunos, de se ensinar alunos e professores a fazerem questões o que deve começar na pré escola. Oferecem sugestões até a 4ª série, lembrando que o papel do professor deve ser sobretudo o de um colaborador.

Guthrie e McCann tratam basicamente de duas modalidades de discussão em classe: círculo literário e círculo de idéia. Ambas são conduzidas em grupos pequenos (3 a 6 estudantes) sob a liderança dos alunos, contando com o docente para organização, monitoria e solução de dúvidas. Entretanto, a primeira está centrada na interpretação de um texto, enfoca a diversidade das interpretações, implica na pré-leitura do texto e a familiaridade com o assunto é opcional. A segunda centra-se na aprendizagem de conceitos, trabalha concomitantemente com vários textos, busca uma interpretação convencional, requer familiaridade com o assunto e é apenas desejável a leitura prévia do texto.

Apresenta exemplos de uso em sala de aula, sendo a ênfase na discussão em círculo de idéia. O trabalhar concomitantemente com vários textos é também objeto de atenção de Hartmar e Allison ao tratar da discussão dirigida por questionário, ou inventário de itens que vem sendo usada e pesquisada desde o começo do século, sendo Kilpatrick (1918) pioneiro na área. Discutem a criação do clima para usar a técnica; os critérios para seleção dos tópicos para a discussão que não deve ficar restrita ao texto impresso, seleção de textos, planejamento das atividades e desenvolvimento das questões (intratexturais e extratexturais), critérios de avaliação. Apresenta gráficos e instrumentos de grande utilidade, mas que precisariam ser adaptados e testados em outras realidades.

A discussão a partir de textos informativos é enfocada por Mazzoni e Gambrell que apresentam técnicas que não envolvem perguntas, formas de integração de texto na discussão, estratégias para discussões significativas e um guia para seleção de textos informativos.

O uso de tópicos diferentes de textos podem transformar a discussão em criação como Leal evidencia em seu texto. Faz uma apresentação bem didática, incluindo um quadro, das características construtivas de textos narrativo de história, história informativa e livro informativo. Apresenta estratégias para discussão visando a geração criativa de nossos textos.

A terceira parte do livro é constituída por cinco capítulos que tratam do papel do professor na criação de um clima adequado para a discussão. Assim, Cairney destaca o papel do docente no despertar o interesse, na simplificação das tarefas de leitura e escrita, na manutenção do esforço

para alcançar a meta, no detectar inconsistências na leitura e escrita pela criança, no controle das frustrações, na demonstração de aspectos específicos.

Vogt discute a problemática da discussão em currículos centrados na literatura. McGu enfoca a conversa centrada na resposta como um meio de acesso ao pensamento infantil, reiterando que o professor deve conter-se de agir, que precisa dar espaço para o aluno discutir. Também Wiencek trata do trabalho em grupos de discussão de textos literários lembrando o papel descentralizador do professor, sem assumir o papel "de regente de orquestra" quando se trata da interação, ou seja, "os professores precisam lembrar que um grupo de discussão de literatura é tempo para trocas livres de idéias, entre seus participantes e uma oportunidade para os alunos falarem sobre assuntos de interesse dos mesmos" (p. 216), McMakon continua na mesma linha informativo-argumentativa fornecendo elementos para o docente orientar sem assumir a discussão, nem permitir que um dado aluno domine o grupo. É preciso conscientizar os alunos de que eles constituem uma audiência do texto que têm responsabilidades neste papel.

A última parte da obra é constituída por três capítulos que tratam das perspectivas de avaliação da discussão. O primeiro deles leva a assinatura de Matanzo, a qual aponta os elementos da discussão e conteúdos a considerar na avaliação do comportamento, na discussão de textos narrativos e de textos expositivos (dissertativos). Fecha o capítulo com um instrumento de checagem para auto avaliação do professor ou facilitador da discussão, o qual pode ser de grande utilidade para os docentes e ser um bom instrumento para pesquisa. Morrow enfoca o recontar de histórias como instrumento de avaliação da discussão, "já que durante a mesma crianças e adultos interagem para discutir, construir, reconstruir e interpretar o texto" (p.269). Apresenta um instrumento para avaliação de recontar história por escrito ou oralmente, que também pode servir para a pesquisa. Fecha-se o capítulo com outro instrumento com esta dupla finalidade mas que objetiva medir histórias originais. O último capítulo é da autoria de Walkers e a Autora estuda a auto-avaliação incluindo uma ficha de checagem para monitorar o comportamento dos envolvidos na discussão.

A bibliografia de todos os capítulos é rica, tendendo a ser recente, sem ignorar os clássicos e apoiando-se em artigos e capítulos de livros que tratam de pesquisas na área.

É obra de leitura relevante para quantos estudam a leitura e a escrita, com instrumentos úteis ao ensino e a pesquisa.

Geraldina Porto Witter
PUCAMP

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

PARTICIPAÇÃO DO CONSELHO EDITORIAL DE TRANSFORMAÇÃO NOS VÁRIOS TIPOS DE TEXTOS PUBLICADOS

Geraldina Porto WITTER
Solange Puntel MOSTAFA
Ivanise Vitale CARDOSO

RESUMO

Verifica a participação dos membros do Conselho Editorial em termos de autoria dos trabalhos publicados em **Transformação** (1988-1996) e compara com autores de outras instituições, sendo significativa a maior participação destes últimos.

Palavras-chave: Autoria; Editoração científica; Produção científica; Política editorial; Políticas de publicação; Transformação.

A produção científica vem sendo objeto de pesquisas que a enfocam de várias maneiras e analisam o produtor, o produto e o consumidor. Sendo o texto o produto mais pesquisado (Witter, 1996) é sobre ele que vem se acumulando maior conhecimento.

Os periódicos científicos são considerados como a principal fonte para veiculação científica, tendo características peculiares, dentre as quais há a exigência de um Conselho Editorial, constituído por pessoas de reconhecido mérito e vivência de publicação, quer como autor, quer integrando corpos editoriais diversos (Witter, 1996).

Face à relevância dos periódicos é natural que os mesmos venham sendo alvo de muitas pesquisas, as quais enfocam tópicos

distintos, mas que sempre fornecem dados de avaliação úteis aos produtores e aos consumidores de informação (Allen, 1977).

Também espera-se que a administração de periódicos matenha dados que permitam auto-avaliação e outras formas de redirecionar ou fazer a reengenharia do produto para assegurar melhor qualidade.

O Conselho Editorial tem por principal função a análise de conteúdo e forma dos originais submetidos para a publicação (Magalhães, Houaiss & Silva, 1970). Todavia, tem diversas outras funções em um periódico podendo serem lembradas aqui algumas delas: estimular pesquisadores a remeter material para publicação; encaminhar parte de sua produção para o periódico; emitir parecer sobre a matéria encaminhada para publicação; estudar o periódico; colaborar com a administração do periódico em vários aspectos e sempre que solicitado.

O Corpo Editorial de um periódico científico vinculado a uma instituição deve ser constituído por, no máximo, 50% de pessoas sem vínculo profissional com a mesma. Isto ocorre em Transinformação, a qual conta no seu Conselho com pessoas de outras Instituições de Ensino Superior (IES) nesta proporção. Além disso, dada a especificidade de alguns trabalhos, freqüentemente recorre a outros especialistas para obter pareceres (consultores *ad hoc*).

Face ao interesse em manter esta relação com o exterior à instituição, em manter a produção interna bem representada mas garantindo que não se trata de periódico interno, para dar vazio ao material produzido pelos docentes das IES, se fez necessário estudar a autoria em relação a este vínculo.

Desta forma foram definidos os seguintes objetivos: descrever a contribuição dos autores do Conselho; comparar a contribuição dos membros internos com a dos externos.

MÉTODO

Material

O corpus de onde foram extraídos os dados para o presente trabalho é constituído pelos números do periódico

Transinformação do 1º número, ou seja, v. 1, n. 1 de 1989 ao último número editado, isto é, v. 8, n. 2 de 1996, no momento da coleta de dados.

Transinformação é um periódico científico vinculado ao Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). São editados três números ao ano, sendo que, por razões financeiras, algumas vezes foram fundidos vários números em um só volume.

Conta com uma sessão de debates para o qual dois ou três autores são solicitados a elaborar um texto sobre tema que comporte enfoques distintos. Também publica artigos teóricos e de pesquisa e resenhas de livros.

O Editorial é da lavra do Diretor de Transinformação ou de alguém a quem delegue a função de produção do texto, como outro membro do Conselho Editorial ou o Chefe de Departamento.

Publica ainda comunicações sobre assuntos de interesse para a área, como análises sucintas das publicações sobre um dado tema e informações e documentos de interesse para os leitores.

Os textos são examinados pelos consultores sem a identificação dos autores, preservando-se também o anonimato para o parecerista.

O Conselho Editorial é composto por docentes da PUCAMP os quais integram o Corpo Editorial que é composto por igual número de especialista vinculados a outras instituições.

Procedimento

Foram estudados os autores de todas as sessões, tendo-se computado cada vez que seu nome apareceu, quer em trabalhos de autoria única, quer em autoria múltipla.

Na tabulação manteve-se registros separados de acordo com a vinculação do autor e para atender ao objetivo de comparar o volume da contribuição dos docentes da PUCAMP, ou seja membros do Conselho Editorial, com a contribuição dos autores externos, vale dizer, sem vínculo empregatício com a Instituição a que o periódico está vinculado.

Também foram mantidos em separado os registros por tipo de trabalho: artigo (teórico ou pesquisa); textos de debate, resenhas, editoriais, informativos e comunicações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aparecem na Tabela 1 destacando-se a produção dos membros do Conselho Editorial e dos autores externos por tipo de contribuição.

Foram obtidos 148 registros de autoria que tiveram distribuição variada pelos tipos de trabalho. Verificou-se que os membros do Conselho foram responsáveis por 41,89% da produção e os autores externos pelo restante (58,10%). Para verificar se dependia do vínculo com o Conselho a publicação, recorreu-se ao teste de independência (χ^2), sendo $n.g.l = 1$, $n.sig = 0,05$ e $\chi^2_c = 3,84$. Foi obtido $\chi^2_o = 3,88$ o que permite concluir que significativamente Transinformação vem dando maior espaço aos autores externos, no total.

Tabela 1 - Autoria dos trabalhos publicados na Transinformação quanto ao vínculo com a PUCCAMP

TIPO	ARTIGO		T. DEB.		RESENHA		EDITORIAL		INFORMAT		COMUN		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Conselho Editorial	14	20,80	8	27,58	22	66,66	9	100	2	66,66	7	100	62	41,89
Autores Externos	53	79,20	21	72,41	11	33,33	n.c	-	1	33,33	-	-	86	58,10
TOTAL	67	100,00	29	99,99	33	99,99	9	100	3	99,99	7	100	148	99,99

Considerando os tipos de trabalho, que Editorial é necessariamente da autoria de membros do Conselho, especialmente de seu presidente, que Informativo é também esperado que seja gerado ou triado pelo Conselho, o mesmo podendo se dizer das Comunicações, embora estas sejam passíveis de contribuição externa, foi feita uma outra análise dos dados. Neste caso foram usados apenas os dados de artigo, temas em debate e resenhas, totalizando 129 registros de autoria, sendo 34% de autores vinculados à PUCCAMP. O cálculo resultou em $\chi^2_o = 13,03$ ($n.g.l = 2$; $\chi^2_c = 5,99$; $n.sig = 0,05$) sendo possível concluir que significativamente os autores externos são os que têm mais publicado em Transinformação. Também pode-se considerar que há possibilidade, sem perda de qualidade, e dos

aspectos aqui considerados, de viabilizar um maior espaço aos docentes da PUCCAMP.

Os resultados obtidos permitem concluir que **Transinformação** é nitidamente um periódico usado pela comunidade científica para publicação de sua produção. Não pode ser considerado institucional pela composição de seu Corpo Editorial, nem pela autoria dos trabalhos. Mesmo considerando os tipos de trabalho que necessariamente são escritos pelo Conselho Editorial (membros da PUCCAMP) tais como editorial, informativo, em conjunto com os demais (artigos, resenhas) ainda assim a contribuição externa é significativamente superior. Excluídos os trabalhos do primeiro grupo fica ainda mais forte a contribuição externa. Há espaço, especialmente em artigos, resenhas e debates, para uma maior participação dos membros do Conselho, sem que a diferença significativa aqui registrada se altere substancialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, T. J. **Managing the flow of technology**: technology transfer and the dissemination of technological information within the R&D organization. Cambridge: MIT Press, 1977.
- MAGALHÃES, A., HOUAISS, A. & SILVA, B. (orgs). **Editoração Hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 1970.
- WITTER, C. **Psicologia Escolar**: produção científica, formação e atuação (1990-1994). Tese (Doutorado em Psicologia Escolar). São Paulo: USP, 1996.

ABSTRACT

Participation of the Editorial Board members in relation to authorship in the papers published in **Transinformação** (1988-1996) comparison with other authors, from other institutions, being significantly greater the contributions from the last ones.

Key words: Authorship; Scientific editing; Scientific production; Journal Editorial policy; Publishing policies; Transinformação.

INFORMATIVO

PESQUISA SOBRE LEITURA E BIBLIOTECA (Summary, 1994/1995)

Geraldina Porto WITTER
PUCCAMP

A leitura tem um papel de relevância incontestável no mundo atual, levando especialistas de áreas diversas do conhecimento a focalizá-la em suas pesquisas. Sociedades científicas foram criadas por pessoas que pesquisam e trabalham com a leitura. Dentre estas sociedades certamente a principal é a **International Reading Association**, a qual é também responsável pela principal base de dados bibliográficos sobre leitura - o **Annual Summary of Investigations Relating to Reading (Summary)**.

O **Summary** publica os resumos das pesquisas sobre leitura, nas várias áreas do conhecimento, que foram editadas de 1º de julho de um ano a 30 de junho do ano seguinte. O último número (Weintraub (1996) vai de 1º de julho de 1994 à 30 de junho de 1995.

Tabela 1 - Produção Científica sobre Leitura (Summary, 1994/1995)

Nº DA ÁREA	NOME DA ÁREA	F	%
1	Sumário de Pesquisa em Leitura	3	0,54
2	Formação e Atuação Docente	73	13,96
3	Sociologia da Leitura	89	17,02
4	Psicologia e Fisiologia da Leitura	207	39,60
5	Ensino da Leitura	118	22,56
6	Leitura do Leitor Atípico	33	6,31
TOTAL		523	100,02

Seis áreas principais aglutinam a produção, tendo vários sub-temas. Os dados da tabela 1 apresentam a distribuição das pesquisas pelas áreas.

Os resultados mostram maior produtividade na área de Psicologia e Fisiologia da Leitura (39,60%) vindo a seguir Ensino da Leitura (22,56%), Sociologia da Leitura (17,02%), Formação e Atuação Docente (13,96%), Leitura do Leitor Atípico (6,31%) e Sumários de Pesquisa (0,57%).

As pesquisas da sub-área **Usos e Serviços Bibliotecários** faz parte de Sociologia da Leitura. No presente período foram incluídos na base apenas dois trabalhos.

Chrzastonski e Schmidt (1993) enfocaram a biblioteca acadêmica e o cancelamento de títulos, sendo estudadas cinco bibliotecas deste tipo instaladas em universidades dos EEUU. Verificaram que estavam cancelando a assinatura dos mesmos títulos ou de títulos similares. Foram cancelados 6.503 títulos sendo que 4% em mais de uma das bibliotecas e o restante (96%) em apenas uma delas, porém um título foi cancelado em todas elas. Verificaram ainda que a maioria dos cancelamentos ocorreu com periódicos que custavam menos de US\$ 200, 74% eram editados em inglês e 50% nos Estados Unidos. Constataram ainda que 40% dos cortes ocorreram em ciência, medicina, agricultura e tecnologia.

O estudo é descritivo mas os dados são suficientes para que haja uma preocupação mostrando pesquisas em busca da causa de tantos cortes.

O trabalho de Beisembaeva (1993) é uma pesquisa realizada junto aos administradores das bibliotecas do Kazaquistão ao longo do período de 1991 até 1994, com ênfase nos problemas que estavam enfrentando.

A mudança de ideologia, política e situação econômica decorrente da ruptura da União Soviética teve conseqüências para as bibliotecas: a leitura tornou-se mais pragmática; os leitores estão buscando mais textos sobre o próprio país, informações correntes e que não sejam de ficção; há carência de fundos para aquisição de material para as bibliotecas o que prejudicou o usuário; foi decidido

estimular os cidadãos a lerem a língua pátria (cadasca) o que afetou os padrões de leitura, conseqüentemente o material para ler.

Apenas estes dois trabalhos, com preocupação muito distintas, mas com implicações para a administração de bibliotecas, apareceram na sub-área aqui enfocada. Constituem 0,38% do total da produção. Todavia é uma sub-área que precisaria estar sendo mais pesquisada por suas implicações na própria sobrevivência das bibliotecas.

É verdade que os bibliotecários podem se servir de dados de pesquisa de outras áreas e sub-áreas, mas em sua área específica seria de grande valia se investissem mais nas relações biblioteca-acervo-serviços-usuário tendo a leitura como o elo de ligação. Certamente poderiam dispor de dados úteis tanto para a administração como para a definição de ideologias, políticas e mesmo para os aspectos mais técnicos da profissão. Certamente é uma área que está carecendo de estímulo para a produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEISEMBAEVA, Z. A. Reading in Kazakhstan. **International Information & Library Review**, 27, 37-46, 1995.
- CHRZASTOWSKI, T.E. & Schimidt, K. A. Surveyng the damage: academic library serial cancellations 1987-1988 through 1989-1990. **College and Research Libraries**, 54, 93-102, 1993.
- WEINTRAUB, S. **Annual Summary of Investigations Relating to Reading**, July 1, 1994 to June 30, 1995. Newark: IRA, 1996.

RESUMO DO PROJETO DE TESE

TARGINO, M. das G. **Comunicação científica**: o artigo de periódico nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário brasileiro em nível de pós-graduação. Brasília: UnB, nov. 1996. 96 fls. Projeto de Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília.

Considerando-se a importância da informação na sociedade contemporânea e da comunicação científica como elemento decisivo no processo global de desenvolvimento, analisa-se a relevância da publicação científica, mais especificamente, do periódico científico impresso. Este, não obstante o avanço da comunicação telemática e dos entraves que comprometem sua atuação como canal ágil e de maior alcance, mantém suas funções básicas: (a) registro formal dos resultados da pesquisa científica; (b) suporte físico para preservação do conhecimento; (c) instrumento-mor para o estabelecimento da prioridade da descoberta científica. Diante do exposto, **objetiva-se estudar o uso e a produção de artigos de periódicos científicos nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário das cinco regiões brasileiras e em campos distintos do conhecimento (Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Vida; Engenharia, Ciências Exatas e da Terra), considerando-se ainda a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) atribuída aos cursos de pós-graduação stricto sensu**, pois é ela a entidade governamental diretamente envolvida com a pós-graduação brasileira. Isto porque o estudo fundamenta-se na **hipótese** de que há relação entre esse uso e produção e os três fatores: inserção regional das instituições; áreas específicas do conhecimento e avaliação atribuída pela CAPES aos

referidos cursos. O universo compreende os docentes/pesquisadores que mantêm vínculo empregatício com universidades e institutos de pesquisa nacional (independente de regime de trabalho e titulação acadêmica) envolvidos com os cursos de mestrado e doutorado constantes do mais recente Catálogo de cursos de mestrado e doutorado, editado pela CAPES, 1993. O cruzamento desse Catálogo com as publicações Avaliação da pós-graduação; síntese dos resultados (CAPES, 1995) e Formação de recursos humanos e fomento à pesquisa; bolsas no País (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1992) permitiu o agrupamento dos 1.377 cursos em três blocos: Ciências Humanas e Sociais (365); Ciências da Vida (664) e Engenharia, Ciências Exatas e da Terra (348), distribuídos em 60 subgrupos segundo os três fatores enunciados. Mediante a técnica de amostragem probabilística aleatória simples, selecionou-se um representante de cada um dos subgrupos, o que equivale a 60 cursos, 20 em cada uma das grandes áreas, distribuídos nas regiões Norte (10); Nordeste (13); Centro-Oeste (11); Sudeste (15) e Sul (11), com os conceitos A (14); B e C (15, cada); D (11) e E (5). Utiliza-se questionário misto para a coleta de dados, os quais serão analisados, interpretados e discutidos, sob a perspectiva qualitativa e quantitativa, recorrendo-se ao Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para a efetivação de testes estatísticos para comprovar ou rejeitar as hipóteses formuladas.

NORMAS EDITORIAIS DE "TRANS-IN-FORMAÇÃO"

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para a publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (congresso, seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista. O(s) autor(es) deve(m) indicar a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação, o artigo deverá ter a aprovação de pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome(s) do(s) autor(es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o presidente saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

FORMATO:

Todas as colaborações devem ser digitadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7cm), com entrelhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor e endereço da instituição a que está vinculado. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 25 laudas datilografadas.

RESUMO:

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive o título, digitado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original, incluir palavras-chave (keyword).

NOTA DE RODAPÉ:

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos de créditos.

ILUSTRAÇÕES:

1. Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14cm.
2. Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30cm.
3. Quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos. Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão. Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma da NBR-6023/1989 da ABNT, deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista, o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante pagamento.

ENCAMINHAMENTO:

Enviar à Secretaria da Revista com carta em que conste a anuência para publicação; caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.



SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA
(Preencher em letra de forma ou à máquina)

Nome: _____

Endereço: _____

Tel.: _____ CEP: _____

Cidade: _____ UF: _____

País: _____

Estou remetendo cheque Nº: _____ Banco: _____

no valor de R\$ _____, em nome da Sociedade
Campineira de Educação e Instrução, correspondente à assinatura do periódico
TRANSINFORMAÇÃO para os anos de 19____ . 19____ . 19____ .

Assinatura

Preço da assinatura anual: R\$35,00

Número avulso: R\$12,00

